

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

•MCMXX•

ANA PAULA RODRIGUES FIGUEIRÔA



**O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA
(1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na memória das Normalistas**

410

CÂMARA DE VEREADORES
DO RECIFE



Recife

2012

ANA PAULA RODRIGUES FIGUEIRÔA

**O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA
(1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na memória das Normalistas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Luis Simões.

Recife

2012

Catalogação na fonte
Bibliotecária Andréia Alcântara, CRB-4/1460

F475i Figueirôa, Ana Paula Rodrigues.
O Instituto de educação de Pernambuco em sua primeira década:
(1946-1955): em cena, as práticas das atividades físicas nas memórias das
Normalistas / Ana Paula Rodrigues Figueirôa. – Recife: O autor, 2012.
232 f. : il.; 30 cm.

Orientador: José Luis Simões.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2012.
Inclui bibliografia e Anexos.

1. Educação física. 2. Normalistas. 3. Professores - Formação -
Recife (PE). 4. UFPE - Pós-graduação. I. Simões, José Luis. II. Título.

CDD 796 (22. ed.)

UFPE (CE2012-32)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA
PRIMEIRA DÉCADA (1946 A 1955): EM CENA, AS PRÁTICAS DAS
ATIVIDADES FÍSICAS NA MEMÓRIA DAS NORMALISTAS**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº. Dr. José Luís Simões
1º Examinador/ Presidente

Profº. Dr. Edivaldo Góis Junior
2º Examinador

Profº. Dr. Edilson Fernandes Souza
3º Examinador

Profª. Drª. Adriana Maria Paulo da Silva
4º Examinadora

RECIFE, 30 de março de 2012.

Em especial a minha avó Maria Santina da Silva e para todas as Mulheres, Mestras, Catedráticas, Normalistas, Professorandas, Professoras, Tias, Educadoras e Docentes, que vêm construindo, a Educação em Pernambuco.

AGRADECIMENTOS

Caminhar sozinha é possível, mas com ‘outras pessoas’, se vai mais longe... E foi assim que cheguei até aqui.

Meus sinceros agradecimentos:

A Deus, pois sem ele nada teria sido possível;

A vida, porque é bonita, e é bonita;

Ao Professor Doutor José Luis Simões, por sua força, confiança, conhecimento, disposição e pela mão amiga diante dos obstáculos. Onde conduziu uma orientação segura, precisa, com muita paciência e sabedoria, contribuindo assim para o desenvolvimento e êxito deste estudo.

À minha família, pela confiança, pelo apoio, pelo patrocínio, pelo cheirinho do café da manhã, por terem ficado sempre ao meu lado, apesar da minha eterna ausência; em especial a minha tia Neuza, pela mesa sempre pronta para as refeições, a minha mãe Norma-Normalista por ser minha fonte de inspiração e pela eterna paciência. Obrigada a todos pelos ricos momentos vividos;

A Iago meu filho amado, pela compreensão, paciência, companheirismo e incentivo. Obrigada meu filho! Por possibilitar inúmeros momentos de orgulho, alegria e satisfação, contribuindo assim na nossa caminhada.

A todos os meus sobrinhos, sobrinhas e afilhados, em especial a Davi e a Artur, por trazerem alegria ao meu dia a dia.

A Marcos, que tornou minha vida mais suave com seu companheirismo, afeto, respeito, elogios e sorrisos nos lábios em cada dia que recomeçou, sempre me apoiando e rindo das minhas “loucuras”. Ao homem que fica ao meu lado e que exerce um papel importantíssimo na grande trajetória chamada VIDA.

Minha eterna gratidão às Normalistas, Iolete Barros de Araújo, Luiza Fittipaldi, Maria do Carmo Gomes, Maria José do Monte, Norma Rodrigues, Rosenilda de Paiva Diniz, que tiveram uma participação especial e fundamental para esse estudo;

Aos funcionários da Escola Sylvio Rabello, em especial a ex gestora Sandra Spnille, pelas informações e fotos cedidas;

Aos funcionários do Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano;

Aos funcionários da Câmara dos Vereadores, em especial a Naisa Helena Machado Ribeiro;

Aos professores, funcionários e colegas do Curso de Mestrado Em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE, que encontrei em diversos momentos e lugares dessa minha caminhada, em especial a turma 28 – A e as amigas: Catarina Souza, Daniely Vieira e Isis Tavares;

As Bibliotecas: do Centro de Educação do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, e a Biblioteca Central, todas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ressaltando a excelência do Programa de Comutação Bibliográfica (COMUT), entre as bibliotecas;

Aos professores da banca examinadora: Prof. Dra. Adriana Maria Paulo, Prof. Dr. Edilson Fernandes Souza e Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior, por poder contar com suas honrosas participações, e contribuições;

A Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do estado de Pernambuco (FACEPE), ao Governo do Estado de Pernambuco, e a Prefeitura de Caruaru pelo incentivo dado ao longo dessa caminhada;

Obrigada por me acompanharem!

“Tudo posso naquele que me fortalece” (BÍBLIA, 1997, p. 231).

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar à proposta da educação do corpo, presente nas aulas de Educação Física no Instituto de Educação de Pernambuco, no período de 1946 a 1955. Destacando as principais atividades das Normalistas nas diferentes perspectivas de educar o corpo da mulher para a preservação da saúde, da beleza e da obrigação que lhe foi atribuída: o cuidar da família e do lar. O qual representa uma contribuição significativa para a história das instituições de ensino da cidade do Recife, sobretudo para a preservação de parte da memória histórica de uma instituição escolar responsável pela formação de mestres das primeiras letras no século XX. Este estudo esta dividido em seis capítulos; O primeiro capítulo é a introdução, destacando o que nos mobilizou para esse estudo, onde estabelece as divisões dos capítulos subseqüentes. No segundo capítulo é a explicação da fundamentação teórica, das fontes e dos procedimentos metodológicos. O terceiro: Relata fatos históricos do Instituto, abordando aspectos relacionados à criação da instituição, o processo de ingresso no curso normal e a duração e estrutura do curso. O quarto: Retrata o corpo, as atividades físicas praticadas pelas Normalistas e a concepção da educação física no período observado. Já no quinto capítulo discorre sobre a memória das Normalistas nos mais diferenciados aspectos, entre eles a convivência no espaço escolar entre professores e alunas, e o relato destas experiências nos processos de avaliação e a opinião do que é ser Normalista. No sexto capítulo, intitulado Considerações Finais, apresentamos as reflexões realizadas no período estudado, em relação a formação das professoras oriundas da Escola Normal Oficial de Pernambuco. Permitindo assim conhecer não só as trajetórias individuais, como também as vivências coletivas no espaço escolar das professoras primárias de Pernambuco, no período estudado.

Palavras-chave: Normalistas. Atividade física. Educação e corpo.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the proposal of body's education, present in physical education classes at the Instituto de Educação de Pernambuco, from 1946 to 1955. Highlighting the main activities of the Normalistas on the different perspectives in educate the woman's body for the preservation of health, beauty and the duty assigned to it: caring for the family and home. This represents a significant contribution to the history of educational institutions in the city of Recife, especially for the preservation of part of the historical memory of a school responsible for training teachers of the first letters in the twentieth century. This study is divided into six chapters. The first is the introduction, highlighting what we mobilized for this study, which establishes the divisions of subsequent chapters. In the second chapter is the explanation of the theoretical framework, the source and methodological procedures. The third: Reports the historical facts of the Institute, addressing issues related to the creation of the institution, the process of entering the normal course and the duration and course structure. The fourth: Detracts the body, the physical activities practiced by Normalistas and the physical education design in the period observed. In the fifth chapter discusses the memory of Normalistas in more differentiated aspects, including the coexistence within the school between teachers and students, and reporting of these experiences in evaluation processes and opinion of what is to be a Normalista. In the sixth chapter, titled Final Thoughts, present the reflections during the studied period, regarding the formation of teachers from the Normal School Official of Pernambuco. Allowing to know not only the individual trajectories, as well as collective experiences in the space of school of primary school teachers of Pernambuco, in the period studied.

Keywords: Normalistas. Physical activity. Education and Body.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –	Relação Técnica do Registro dos Dados Coletados	25
Figura 1 –	Histórico escolar, do Instituto de Educação de Pernambuco na década de 50: referente ao primeiro ciclo do ensino normal	36
Figura 2 –	Histórico escolar do Instituto de Educação de Pernambuco na década de 50: referente ao segundo ciclo do ensino normal	38
Quadro 2 –	Desenvolvimento do Ensino Normal no Brasil no Período de 1946 a 1956	40
Figura 3 –	Câmara dos Vereadores do Recife, situada na Rua: Princesa Isabel nº 410, no bairro da Boa Vista	43
Figura 4 –	Fachada atual da Escola Sylvio Rabello	44
Figura 5 –	Símbolo do Instituto de Educação de Pernambuco	47
Figura 6 –	Resultado de um teste de admissão no ano de 1951	49
Figura 7 –	Propaganda de remédio, que prometia força e beleza	59
Figura 8 –	Normalista Norma Rodrigues, com o uniforme do IEP	62
Figura 9 –	As Normalistas praticando voleibol	63
Figura 10 –	As Normalistas em torneio de “bola ao ar” (1949)	66
Figura 11 –	As Normalistas no desfile cívico de 7 de setembro no Parque 13 de Maio em Recife-PE	68
Figura 12 –	Retratando a presença de militares na sala de aula	75
Quadro 3 –	Demonstrativo da Vida Acadêmica das Normalistas, na Primeira Década do IEP	82
Figura 13 –	Visita Coletiva com as seis Normalistas a Câmara dos Vereadores do Recife	85
Quadro 4 –	Relação nominal de alguns professores (as), elaborado pelas Normalistas Iolete Barros e Norma Rodrigues	90
Figura 14 –	Festa do final do ano, com a exposição dos trabalhos manuais	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

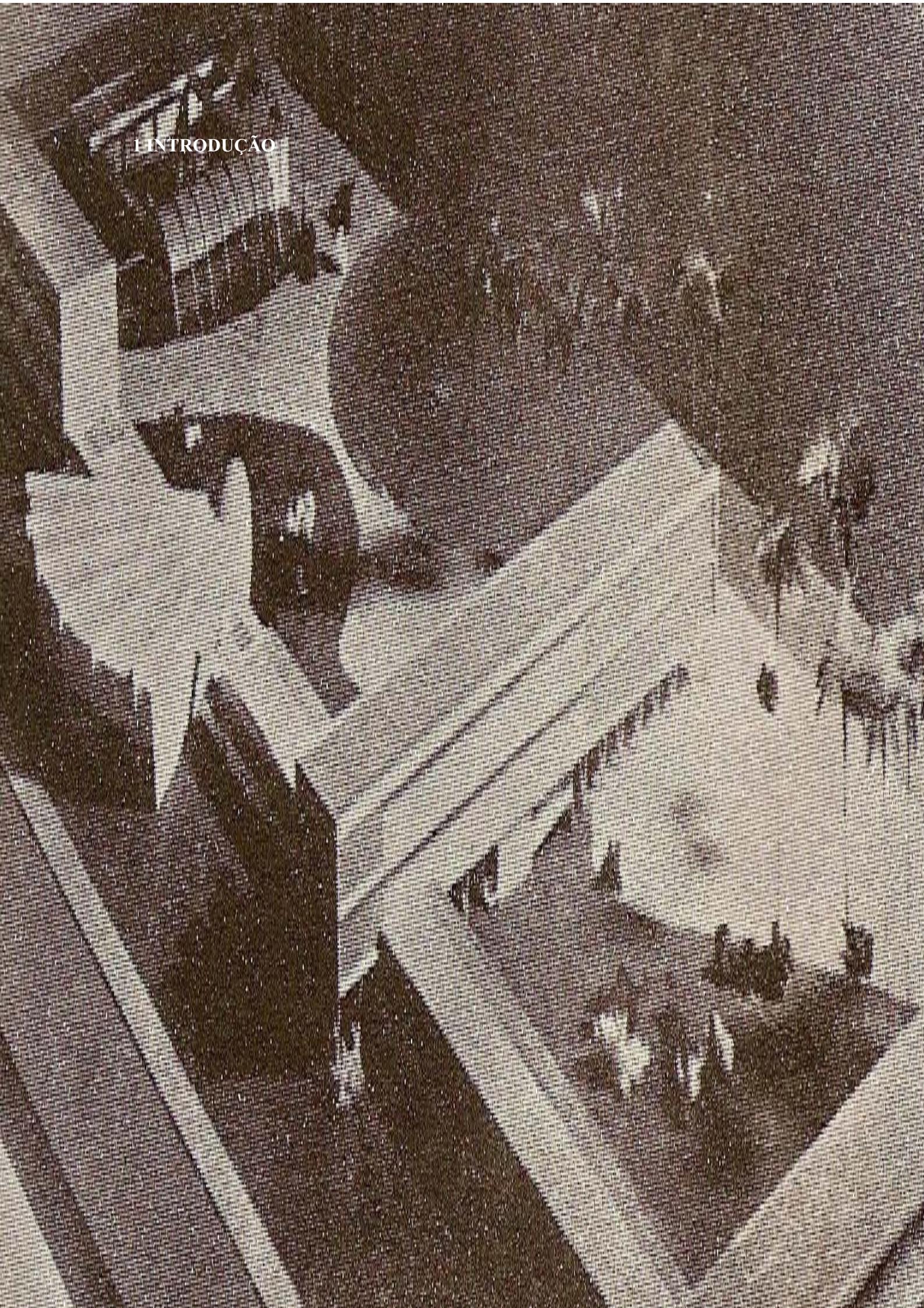
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
COMUT	Programa de Comutação Bibliográfica
DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
DVD	Disco Digital Versátil
FACEPE	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do estado de Pernambuco
IEP	Instituto de Educação de Pernambuco
MiniDV	Mini Disco Versátil
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CAMINHOS NECESSÁRIOS: a fundamentação teórica, as fontes e os procedimentos metodológicos	20
2.1 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.2 AS FONTES	23
2.3 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
3 O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO: como tudo começou?	32
3.1 A PARTICULARIDADE POLÍTICA	34
3.2 O CAMINHO PECORRIDO	42
3.3 PROCESSO DE INGRESSO COM O TESTE DE ADMISSÃO	48
4 A CULTURA CORPORAL FEMININA NOS ANOS DOURADOS	54
4.1 O CORPO	56
4.2 A EDUCAÇÃO CORPORAL NA PRIMEIRA DÉCADA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO	64
4.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA REPÚBLICA POPULISTA (1945-1964), EM PERNAMBUCO	73
5 A MEMÓRIA ORAL DAS NORMALISTAS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO	80
5.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE	80
5.2 O QUE DIZEM AS NORMALISTAS	85
5.2.1 A visita a Câmara	85
5.2.2 O diretor de uma época	87
5.2.3 Os professores, catedráticos, mestres, maestro e doutores	89
5.2.4 O momento da disciplina	95
5.2.5 Vestida de azul e branco	99
5.2.6 As aulas de Educação Física	101
5.2.7 Ser normalista	103
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	111
ANEXOS	117

ANEXO A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	118
ANEXO B – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Iolete Barros de Araújo	119
ANEXO C – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Luiza Fittipaldi ...	127
ANEXO D – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Maria do Carmo Vidal de Negreiros	135
ANEXO E – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Maria José do Monte Barbosa	143
ANEXO F – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Norma Rodrigues de Figueirôa	156
ANEXO G – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Rosenilda de Paiva Diniz	164
ANEXO H – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Iolete Barros de Araújo	172
ANEXO I – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Luiza Fittipaldi	175
ANEXO J – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Maria do Carmo Vidal de Negreiros Gomes	178
ANEXO K – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Maria José do Monte	182
ANEXO L – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Norma Rodrigues ..	185
ANEXO M – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Rosenilda de Paiva de Diniz	188
ANEXO N – Memória Individual da Normalista Iolete Barros de Araújo	191
ANEXO O – Memória Individual da Normalista Luiza Fittipaldi	194
ANEXO P – Memória Individual da Normalista Maria do Carmo Gomes	196
ANEXO Q – Memória Individual da Normalista Norma Rodrigues	198
ANEXO R – Memória Individual da Normalista Rosenilda de Paiva de Diniz	200
ANEXO S – Memória Coletiva	202
ANEXO T – Decreto-Lei nº 1.448, de 3 de setembro de 1946	215
ANEXO U – Primeiro capítulo do Regulamento do Ensino Normal	216
ANEXO V – Decreto nº 2.631, de 26 de outubro de 1972	217
ANEXO W – Regulamento do Ensino Normal	218
ANEXO X – Portaria em comemoração ao dia dos professores	219

ANEXO Y – Convite em comemoração ao dia dos professores	220
ANEXO Z – Aviso de convocação	221
ANEXO AA – Regulamento do Ensino Normal, referente às aulas de Educação Física	222
ANEXO AB – Regulamento do Ensino Normal, referente às aulas de Educação Física	223
ANEXO AC – Convite de formatura	224
ANEXO AD – Festa de encerramento do ano letivo	225
ANEXO AE – Festa junina, no pátio do IEP, com a presença dos familiares	226
ANEXO AF – Festa junina, no pátio do IEP, com a presença dos familiares	227
ANEXO AG – Missa no colégio Nóbrega	228
ANEXO AH – Festa junina, no pátio do IEP, com a presença dos familiares	229
ANEXO AI – Festa junina, no pátio do IEP, com a presença dos familiares	230
ANEXO AJ – Missa no Colégio Nóbrega	231
ANEXO AK – Condecoração, percebendo-se que na manga da camisa havia a definição do ciclo que as Normalistas estudavam	232



INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata da história do Instituto de Educação de Pernambuco (IEP), referente ao período de 1946 a 1955, com ênfase nas atividades físicas praticadas pelas Normalistas, tendo como apontamento a estrutura e o funcionamento dessa instituição. Sendo o Instituto referência de ensino na referida década. Este trabalho pretende demonstrar como foi o processo de ingresso, a formação das Normalistas, a disciplina, as práticas corporais dessas jovens e às questões políticas que levou a criação do Instituto, uma vez que o mesmo era até 1946 a Escola Normal Oficial de Pernambuco.

O interesse em estudar esse tema, surgiu ainda na especialização, por fazer parte da minha formação pessoal e profissional, pois a minha história de vida escolar, foi no IEP, não só a minha como também de várias pessoas do meu âmbito familiar e social. Pelo fato de ser uma instituição que tem para mim um vínculo comunitário, isto é, ela está localizada no mesmo bairro onde morei na minha infância e juventude.

Assim veio a pretensão em estudar a Educação Física praticada pelas Normalistas, não superestimando o passado, ou qualquer relação pessoal, induzindo ou facilitando o estudo, mas as lembranças e a convivência com uma delas me trouxeram algumas inquietações, que me levaram a refletir sobre o problema de pesquisa, ou seja, qual(is) eram as propostas da Educação Física dessa instituição. A própria Bosi (2010), fala sobre esse aspecto do pesquisador ter uma direção com o objeto de pesquisa, principalmente na história oral, onde segundo ela, o observador deverá ter uma aproximação direta com os sujeitos da pesquisa, porém essa Normalista, não é a única protagonista, abrindo assim uma visão mais ampliada e amadurecida em relação aos sujeitos, aos objetivos e as categorias de análise.

[...] a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida (BOSI, 2010, p. 38).

Já para Thompson (2002) a história oral, pode ser construída pela narrativa da história, essa podendo ser individual ou coletiva, ou mesmo até fazendo a inter-relação entre o objeto escolhido, isto é, uma pessoa em relação à outra.

[...] E não é preciso que a narrativa de uma única vida apresente exatamente uma só biografia individual. Em casos importantes, ela pode ser utilizada para transmitir a história de toda uma classe ou comunidade, ou transformar-se num fio condutor ao redor do qual se reconstrua uma série extremamente complexa de eventos (THOMPSON, 2002, p. 303).

E foi a partir dessa condução e aproximação, que no caso exposto a Normalista: Norma Rodrigues, é minha mãe, é que vieram as outras cinco Normalistas para a construção e justaposição dos acontecimentos da primeira década do IEP.

E em busca por um maior entendimento do assunto ao realizar a monografia do curso de Pós-Graduação em Educação Física Escolar da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) intitulada “A educação do corpo das Normalistas na década de 50, no Instituto de Educação de Pernambuco” (FIGUEIRÔA, 2009), que nos possibilitou repensar e aprofundar alguns conceitos e avançar na complexidade desse assunto, uma vez que a questão temporal das Normalistas foi um dos desafios, ou seja, encontrá-las, pois algumas não se viam a mais de quarenta anos. Assim sendo buscamos refletir acerca das práticas das atividades físicas dessas professoras diante da temática exposta.

Ao cursar a especialização as inquietações foram surgindo e aumentando, e ao assistir a apresentação de defesa da dissertação da Professora Mestra Maria Helena Câmara Lira, no Centro de Educação da UFPE, em 2009, com o título: “Academia das Santas Virtudes: A educação do corpo feminino pelas Beneditinas missionárias nas primeiras décadas do século XX” (LIRA, 2009), onde me encheu de inspiração e entusiasmo para a elaboração da minha temática.

Durante esse percurso, buscamos compreender o porquê das Normalistas, terem procurado estudar nessa instituição, e é neste contexto que volto meu olhar para estudar às alunas da antiga Escola Normal Oficial de Pernambuco, refletindo quais foram os motivos que levaram essas mulheres a buscar, num ambiente extra familiar, uma formação intelectual oposta ao pensamento vigente da época, no qual para a mulher estava reservado o papel de mãe e de dona de casa.

Apesar de o recorte temporal escolhido ter precedido o período da ditadura, ele foi considerado o período dos “Anos Dourados”, onde as maiorias das adolescentes da classe média escolhiam a carreira de professora, pois serviria não só de profissão (concepção de trabalho), como também para a educação dos seus filhos.

A memória das Normalistas está marcada pela feminilidade do magistério; que condiciona a sociedade em geral e acaba por influenciar sua escolha profissional. A

feminilidade ocorreu no magistério não só no aspecto quantitativo, mas também na concepção social da profissão docente atrelando-se às características femininas.

Os modos de ser de homens e mulheres dependem de todo um arcabouço social, cultural e histórico que faz com que a masculinidade e a feminilidade marquem cada pessoa de um determinado local e momento.

Não pretendemos fazer um estudo do gênero feminino no IEP, mas adotar esta instituição como condução para a discussão da transição da Escola Normal Oficial de Pernambuco, para o IEP, uma vez que a Escola Normal nesse momento já era frequentada, exclusivamente, pelo sexo feminino. Estão em questão, também, os processos políticos, culturais e sociais, com o controle da disciplina que alçavam todos os aspectos da vida das Normalistas, este controle estava tão imbricado no cotidiano que vamos ver no capítulo final que se tornava normal, elas verbalizavam como comentário, em nenhum momento das entrevistas as Normalistas fizeram críticas ou alguma queixa, muito pelo contrário, depõem como uma forma de sucesso na carreira escolhida, nos quais a carreira docente feminina não só foi possível, como necessária para o futuro profissional, porém em suas memórias as mesmas relembram que para o ensino básico eram mais professoras, já para o ensino do que hoje denominamos fundamental II e ensino médio predominavam os homens.

Assim poderemos perceber nos relatos que aos poucos a admissão de uma passagem de dona de casa, formada para a educação dos filhos passa para a condição de formadora, o que era considerado como uma “evolução dos tempos”, considerando os limites, à ética à moralidade e os preconceitos da época, isto é, uma transformação no comportamento das mulheres e de toda sociedade.

[...] A emergência dessa nova mulher, necessariamente, deveria vir acompanhada de uma educação adequada que a preparasse para os cuidados com o lar e lhe possibilitasse uma inserção no campo profissional. Apesar disso, não foram poucos os que se opuseram a ideia de mulheres instruídas e profissionalizadas (ALMEIDA, 2007, p. 114).

O que nos intrigou, portanto, foi dentro desse contexto da mulher ganhar novos espaços sociais e como seriam dentro desse espaço educacional em Pernambuco as práticas corporais, uma vez que os exercícios e a exibição dos corpos eram feitas pelos homens, visto que os limites que permeavam a presença da mulher na vida social, política e econômica eram grandes.

Contudo romper os modelos dominantes, ofertar novos horizontes e defender a ideia da feminização do magistério foi algo que emergiu, não de forma natural, pois nessa pesquisa veremos que algumas não seguiram a carreira de docentes.

Essa pesquisa está organizada em seis capítulos. O primeiro é a introdução, onde falamos como foi que surgiu a temática e a organização dos mesmos. No segundo capítulo é o esclarecimento dos passos que foram dados para a elaboração dessa pesquisa. No terceiro mostramos como foi a trajetória e transferência da Escola Normal Oficial de Pernambuco para o IEP, com suas características políticas, o teste de admissão e todo caminho percorrido e de forma singular a criação do complexo educacional IEP até a sua construção em 1972.

No quarto capítulo, tratamos da educação corporal, o conceito e a concepção de corpo, a cultura corporal feminina nos moldes propostos pela sociedade da época, e como foi a Educação Física na primeira década dessa instituição, uma vez que a educação corporal permeia todo o universo de vida.

No quinto capítulo, esse é dedicado inteiramente a memória das Normalistas, acompanhando todo o processo de convivência delas no IEP, mostrando os aspectos da estrutura da antiga Escola Normal Oficial de Pernambuco, e os pontos de vista em relação à direção, aos professores, à disciplina, à vestimenta, às aulas de Educação Física e a opinião do que é ser Normalista.

No sexto capítulo, intitulado Considerações Finais, apresentamos as reflexões realizadas no período estudado, em relação a formação das professoras oriundas da Escola Normal Oficial de Pernambuco, sinalizando um conjunto de práticas educacionais, que estavam atrelados aos discursos sociais, revelando as ações das práticas corporais presente nas aulas de Educação Física.

Enfim, pretendemos mostrar quem fez parte dessa instituição e como foi a sua primeira década, principalmente as atividades físicas praticadas por elas, em um estabelecimento só para senhoritas, que tinha como objetivo a formação feminina para o magistério.

**2 CAMINHOS NECESSÁRIOS: a fundamentação teórica, as fontes e os procedimentos
metodológicos**



Ecole Normale

ESCOLA NORMAL

The

2 CAMINHOS NECESSÁRIOS: a fundamentação teórica, as fontes e os procedimentos metodológicos

Este capítulo configura-se com a fundamentação teórica provenientes de diferentes autores de áreas distintas do conhecimento, como também fontes documentais impressas, coletadas em órgãos públicos e no arquivo pessoal das Normalistas, que podemos chamar também de documentos convencionais. Já as fontes orais, foram coletadas através de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas, resultando em documentos escritos, como podemos observar no anexos dessa pesquisa.

[...] o historiador produz as próprias fontes que irá utilizar, por meio de entrevistas gravadas, constituindo-se arquivos com condições e recursos técnicos diferentes dos tradicionais por se destinarem a preservar material de reprodução sonora como fitas cassette, fitas de vídeo, cd-roms, dvds e filmes (JANOTTI, 2010, p. 19).

Em relação aos procedimentos metodológicos este irá descrever como foram feitas as coletas de dados, como: as fontes documentais, figuras, convites, decretos e leis, como também as entrevistas individuais e a coletiva, as transcrições e a organização desses dados nos anexos, pois comumente observamos nos anexos dos trabalhos acadêmicos só o roteiro do que foi entrevistado e pesquisado, porém optamos por explanar na íntegra os questionários escritos e as transcrições. Sem falar do valor de disponibilizar esses depoimentos para toda a comunidade acadêmica, podendo até alçar outros estudos sobre a temática.

2.1 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Será embasada em pesquisadores consolidados, porém não há qualquer aspiração de exaurir todo o enorme acervo em relação à temática proposta, isto é, o intuito será delinear algumas contribuições e fontes como: Soares (2001), que evidencia às diferentes abordagens sobre o corpo, em questões biológicas e em questões simbólicas, onde as mesmas se vinculam a cultura contemporânea, social e histórica. Outra autora a ser estudada é Goellner (2003) com seus questionamentos sobre o corpo feminino com suas virtudes e com os deveres que foram e são designados a mulher, como o cuidar só dos filhos em outrora e o de trabalhar no momento atual, sem perder a graciosidade, ou quem sabe até ousar, onde nesse livro apresentam de forma constante as imagens de mulheres e textos, isto é, fala sobre as mulheres para as mulheres, também ressalta algumas questões masculinas, trazendo nesta obra recortes e análises da Revista Educação Physica que circulava na década de 1930 a 1940.

Outra autora como: Louro (2008), se refere também as mulheres na sala de aula, nos ajudando a compreender como se dá esse processo de saída da mulher do lar para frequentar a sala de aula, em condição de submetimento em que viviam essas mulheres no Brasil, onde as mesmas reivindicavam sua emancipação elegendo à educação como o instrumento, nessa abordagem comprehende as relações sociais sem uma definição prévia, pois se os sujeitos constituem-se ao longo do tempo, não há como deixá-lo estático em função de um pré-determinismo.

Em relação a Foucault (2009), a pesquisa irá atrelar-se no entendimento atribuído ao corpo e às relações do mesmo com o poder disciplinar, levantando algumas problematizações em torno da noção de corpo foucaultiano, pois para ele o corpo não é inerte sem vida, mas um ser que sofre, que se move e se transforma, ou seja, um ser interagido com as ações das relações sociais que compõem e se oriundam das políticas de poder.

Já para Thompson (2002), se deterá nas implicações do uso de fontes orais para a história e para a sociedade, pois para ele em outrora, na maioria da vezes a história oral se preocupava muito mais com as questões políticas do que com a história de vida das pessoas, e é nesse contexto que venho disponibilizar a história da vida acadêmica das Normalistas, na primeira década do IEP. Outra contribuição importante nessa obra: A voz do passado: história oral foi o uso das ferramentas de gravação da voz, ou seja, Thompson (2002) nos orienta, que os gravadores devem estar de forma mais discreta possível, e em pleno funcionamento, afim de não tolher ou destrair o sujeito entrevistado.

[...] Ao utilizar um gravador é importante não chamar atenção para o aparelho, nem distrair-se ocupando-se dele. Se for um gravador novo, não deixe de ler o manual que o acompanha, de pedir a alguém que mostre como funciona (THOMPSON, 2002, p. 264).

Tendo como embasamento não só as narrativas das entrevistas como também outras fontes, ou seja os documentos, pois para Thompson (2002, p. 25) “[...] A entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo não teriam sido localizado”, e foi nesse contexto das entrevistas, que conseguir alguns documentos nos arquivos pessoais das entrevistadas.

Bosi (2010), foi também uma das autoras que muito me influenciou para esse trabalho, com o seu livro: Memória e sociedade: lembranças de velhos. Onde a mesma coleta, organiza e expõe a memória dos velhos, não de forma que venha subestimá-los, muito pelo contrário, nesta obra os valorizam, inclusive o terceiro capítulo é destinado, exclusivamente, a narrativa da vida deles, tendo em comum como ela própria diz: A idade e a cidade de São Paulo. Na nossa pesquisa o que se tem em comum é: O gênero feminino, a década estudada e a instituição. Inclusive os anexos das entrevistas individuais desta pesquisa, utilizei o termo é tempo de lembrar, movido pelo terceiro capítulo desta obra.

Neste contexto tecer-se-á a argumentação conceitual, política e histórica, buscando arrematá-las na revisão de literatura dos conceitos e da memória histórica sobre as Normalistas, organizando assim metodologicamente os dados adquiridos. Para Thompson (2002, p. 26) “[...] a história oral implica, para a maioria dos tipos de história, uma certa mudança de enfoque. Assim o historiador da educação passa a preocupar-se com as experiências dos alunos e estudantes”.

Uma das dissertações que irá me subsidiar nessa pesquisa, onde a mesma também me serviu de inspiração é a: Contribuição para o estudo da escola normal brasileira da Professora Doutora Leonor Maria Tanuri (TANURI, 1969), onde foi defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 1969.

2.2 AS FONTES

Para saber quais eram as atividades físicas praticadas pelas Normalistas, na década de 1946 a 1955 no IEP, se utilizou do arquivo pessoal das Normalistas, do arquivo da Escola Sylvio Rabello, e do Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano, além das fontes apresentadas nessas instituições públicas.

Esta dissertação percorrerá as sendas de uma vida, dos sonhos e da realidade na memória das Normalistas, onde foram entrevistadas ao longo desse trabalho seis Normalistas que cursaram a primeira década em anos diferentes no IEP, deste modo foi construído algumas referências do que essas ex-alunas tem como indicação coletiva de uma memória histórica, de um passado social, histórico e educacional. Essas Lembranças encontram-se avivadas na memória individual e coletiva. Contudo, a recordação dessa instituição foi registrada através do que se gravou, filmou, escutou, fotografou e leu. Direcionando-nos a um imaginário carregado de fortes emoções nas visitas a Câmara dos Vereadores.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele (HALBWACHS, 1990, p. 45).

Nesse sentido, a memória coletiva compreende todas as recordações em comum que pertencem às Normalistas, como assinala Halbwachs (1990), ao considerar os elementos que integram as intérpretes do IEP, nesse processo de influência mútua é que acontece a constituição da memória coletiva, cujo teor é capaz de idealizar e avivar o conjunto de membros que a edificou. Anteriormente nas entrevistas individuais e logo após alguns dias à constituição da memória coletiva, nos encontros que houve na Câmara, reconstroem-se às memórias individuais que equivale ao acúmulo de lembranças específicas, pertencentes a cada Normalista.

E, ainda, mesmo inserido no meio educacional e social, participando de lembranças comuns, há uma variação de intensidade e detalhes com que essas lembranças aparecem para cada Normalista do grupo, e foi com esse intuito de detalhes e clareza, que optamos em levá-las a Câmara dos Vereadores, pois era um ambiente comum a todas, e que possivelmente lhe aguçaria a memória acadêmica, e é nesse contexto que Thompson (2002) nos recomenda levar ao local citado.

[...] Deve ser um lugar em que o informante se sinta à vontade. Em geral, o melhor lugar será sua própria casa. Isso é particularmente verdadeiro no caso da entrevista centrada na infância ou na família. Uma entrevista no local de trabalho ou num bar, irá ativar mais fortemente outras áreas da memória, e também pode ter como resultado uma mudança para um modo de falar menos “respeitável”. Um passeio pelo bairro pode também mostrar-se compensador e estimular outras recordações (THOMPSON, 2002, p. 265).

A escolha pelas entrevistadas foi baseada em poder analisar a primeira década dessa instituição, ou seja, a época em que a Escola Normal Oficial de Pernambuco através do Decreto-lei nº 1.448, de 3 de setembro de 1946 (PERNAMBUCO. Decreto-lei nº 1.448, 1946), passou a ser instituída: Instituto de Educação de Pernambuco, onde essa transição será detalhada no terceiro capítulo, tendo nesse estudo as fontes orais, inseridas no mesmo contexto espaço-temporal, avigoraram o IEP por meio dos relatos, permitindo o processo de reconstituição da memória das alunas oriundas de uma instituição de referência na década de 1950 e que permeia o glamour até os dias atuais.

As informações acerca das políticas públicas estudadas foram obtidas por meio da análise de diversos materiais como leis, decretos oficializados, programas oficiais, em artigos on-line disponíveis em sites oficiais do Governo Federal Brasileiro.

As Normalistas entrevistadas foram: a Normalista Iolete Barros no período de 1954 a 1960; a Normalista Luiza Fittipaldi no período de 1950 a 1956, a Normalista Maria do Carmo no período 1952 a 1954; a Normalista Maria José do Monte no período de 1946 a 1947, a Normalista Norma Rodrigues estudado do período 1951 a 1956, Normalista Rosenilda no período de 1950, tendo em comum o orgulho de ter estudado em uma instituição renomada.

Quadro 1 – Relação Técnica do Registro dos Dados Coletados

ITENS	REGISTROS	
Local da pesquisa	Câmara dos Vereadores do Recife	
Momento da pesquisa	Observação e escuta dos relatos, no decorrer das visitas a Câmara dos Vereadores.	
Quantidade/tipo de registro	Entrevistas individuais	Oito DVDs Som Wave (áudio).
Tempo de registro	Entrevista coletiva	Dois DVDs Som Wave (áudio).
	Filmagem	Duas Fitas ^{mini} DV Dois DVDs com a filmagem da entrevista coletiva.
	Fotografias	Quatrocentas e vinte e uma fotos digitais na entrevista coletiva
Data do registro – período em que foram realizadas as entrevistas	Entrevistas individuais	De 04/07/2011 a 20/09/2011
	Entrevista coletiva	27/09/2011
Sujeitos participantes	Seis Normalistas, Um Entrevistador, Um fotógrafo, Um operador de câmera de vídeo e uma Cerimonialista.	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

As histórias narradas pelas Normalistas através das suas lembranças vão além da memória pessoal, perpassando pela social e educacional, principalmente a da educação de Pernambuco. Não se pretende com essa dissertação, um estudo dirigido de memória, encontrado no âmbito da psicologia, um confronto, ou encontrar alguma omissão e /ou lacunas nas análises das entrevistas e sim um trabalho que nos mostre a verdadeira face do controle educacional e da educação do corporal.

2.3 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta dissertação faz um sucinto percurso no estudo da formação do professor primário no Brasil, perpassando por diversas regiões brasileiras. Assim irá se traçar um quadro teórico para a estruturação conceitual, que dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa e os modelos das práticas corporais na década de 1950.

O trabalho com fontes manuscritas é, de fato, interessante, e todo historiador que entra por essa seara não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis. Grandes obras historiográficas tiveram sua origem nas salas de arquivo, onde muito suor e trabalho foram gastos, após semanas ou meses de paciente e dedicada fase de pesquisa (BACELLAR, 2010, p. 24).

O processo adotado para a composição dessa dissertação envolve referências bibliográficas, relatos pessoais (entrevistas individuais e coletivas), utilização de documentos, jornais, revistas, figuras, dissertações e artigos.

Cabe ainda ressaltar a importância da metodologia de coleta de dados escolhida no sentido de possibilitar o conhecimento dos valores; dos costumes; das opiniões; as relações sociais e familiares vivenciadas pelas informantes, pois como destaca Thompson (2002) de forma mais generalizada, a história oral nos demonstra de forma mais contígua uma resposta com variações abastadas para as categorias de análise.

No sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão. A história oral oferece, quanto a sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance (THOMPSON, 2002, p. 25).

Optamos pela metodologia da história oral porque as fontes documentais impressas, e as figuras, não demonstram dentro de si somente as minúcias das lembranças de cada pessoa ou grupo destas, isto é, trazem consigo juntamente na oralidade, toda a atmosfera do mundo individual e coletivo da sociedade do qual fazem parte. Para Thompson (2002, p. 9), seria melhor começar pelos encontros, “[...] A experiência prática da história oral conduzirá, por si só, às questões mais profundas a respeito da natureza da história”.

A década escolhida para estudo que esta compreendida entre o período de 1946 a 1955, tem como alicerce a transição da Escola Normal Oficial de Pernambuco para o IEP, considerando a efervescência ideológica e pedagógica vivenciada durante a década

antecessora do objeto de estudo. Foi escolhida também por ser o palco das grandes transformações ocorridas na estrutura educacional e na política brasileira. A política pernambucana também passava por um momento transitório, inclusive com um interventor para governar o estado.

Acredita-se ser importante reconhecer que as ações governamentais que determinam e/ou influenciam a prática pedagógica exercida nas salas de aula e, consequentemente, a dinâmica que envolve a formação do sujeito, nesse caso as Normalistas, oriundas de uma Escola modelo e sexista, isto é, uma escola pública de referência com um excelente ensino e exclusiva para o sexo feminino, onde tinha como objetivo formar moças das diversas classes sociais para o magistério.

As categorias analíticas, a metodologia, a escrita da história, o desenvolvimento dos textos, tem como objeto de maior importância a análise das práticas corporais da Educação Física pelas Normalistas do IEP na referida década. O trabalho não se deterá em descrições pormenorizadas e interpretações de conceitos ligados à cultura corporal feminina, ou seja, mostrará as vivências da Educação Física na história do IEP, no referido período.

O estudo dar-se-á através de uma das matérias-primas da história oral que é a memória, nesse contexto será protagonizada pelas jovens professoras, egressas do IEP, referente à sua primeira década. Dessa forma, pretende-se esclarecer o que as motivou a optarem pela profissão e, especificamente a prática das atividades físicas, as competições esportivas e as normatizações deste instituto educacional.

O denominador comum dessa pesquisa, é que todas pertencem ao gênero feminino, e que todas estudaram no mesmo instituto, na primeira década de criação do IEP, onde passaram parte de sua adolescência. Uma das entrevistadas percebeu a transição desse estabelecimento educacional. Pressupomos que ao darmos voz a esse grupo de Normalistas, onde a linguagem oral aproxima as pessoas, com fatos tão diversos, onde uma de suas riquezas é a sua memória pessoal, que para Bosi (2010), a recuperação de um tempo, se reconstrói em um dado momento social coletivo e ou individual.

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho (BOSI, 2010, p. 56).

Essa metodologia, contribuiu com a abrangência dos objetivos, uma vez que se tem como objetivo geral: Analisar a proposta das práticas corporais, presente nas aulas de Educação Física das Normalistas. Quanto aos objetivos específicos, se destacarão as principais atividades das Normalistas em relação à prática da Educação Física e a organização de um altivo banco de dados sobre a história das Normalistas, na década de 1946 a 1955, com documentos, figuras e com registros: Orais individuais e orais coletivos.

Para Thompson (2002), as histórias orais dependem da intenção do entrevistador e subsequentemente do entrevistado, comumente a história se preocupa muito mais com as questões políticas do que com as histórias de pessoas, isso se dava pelo fato dos historiadores pertencerem a algum cargo administrativo de um determinado governo ou de uma determinada época, porém com o passar dos anos segundo Thompson (2002, p. 22) “[...] a utilização de entrevistas como fonte por historiadores profissionais vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos”.

O caminho percorrido das entrevistas foram momentos valiosos, tenho a intenção e pretensão em dizer e não longe de ser avaliada por esse juízo de valor, pois foram momentos valiosos, um tesouro redescoberto em cada visita feita com as Normalistas a Câmara de Vereadores do Recife, assim pode-se perguntar: Visita? Isso mesmo: Visita, as entrevistas feitas aconteceram de forma cordial, não foram encontros inspecionados e sim encontros esperados, encontros de velhos amigos.

A observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela é tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida (BOSI, 2010, p. 38).

Pessoas estas de grande valia, com avidez de falar e se sentir valiosa, pois cada encontro que foram muitos, era uma nova surpresa, um novo relato, foram encontros de aprendizagem, saudosismo, lembranças e ternura. A princípio seriam entrevistadas cinco Normalistas, pela dimensão do trabalho e, como também o fator temporal, porém uma entrevista puxou a outra, impondo uma variação de relatos através da memória das Normalistas, avivando os registros da Câmara dos Vereadores, então Escola Normal.

As entrevistas foram feitas em quatro ocasiões, um questionário que foi respondido individualmente em dois momentos distintos, pela linguagem escrita e pela linguagem oral, uma visita individual a Câmara dos Vereadores, onde foi percorrido todos os espaços e nesse passeio as Normalistas falaram de tudo que lhe veio na memória, onde havia um gravador de

voz mp4, registrando seus relatos, sendo dado o estímulo “É tempo de Lembrar”, o quarto momento se deu de forma coletiva, isto é, foi reunida as seis Normalista na Câmara do Vereadores, onde podemos chamar de avivamento da memória coletiva, ou o “grande encontro”, onde elas tiveram a oportunidade de se reencontrarem após longos anos da vida acadêmica, assim uma conversando com a outra foram relatando momentos que não foram ditos nos momentos individuais.

E é justamente por trazê-las ao passado no presente, é que a memória permite reescrever a história, onde o passado não muda, mas muda nossa percepção de conhecimento do passado, pois segundo Bosi (2010, p. 55) “[...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”.

Nos dias dos encontros, caminhando pela calçada do Parque 13 de maio, as Normalistas observaram tudo na Câmara dos Vereadores, cada uma com sua peculiaridade, com sua reconstrução, de um local que foi se modificando com o passar dos anos, de acordo com sua funcionalidade, ou seja, de acordo com a demanda política do Recife.

Um dos pontos de partida para a escolha dessa temática foi a aproximação com o objeto de pesquisa, a princípio com uma narradora, depois com as narradoras. Acima de tudo foi uma pesquisa das emoções, minha e das Normalistas. Pois as histórias contadas oralmente e gravadas, encontram-se na maioria da vezes com a voz tremula “estou revivendo sessenta anos atrás”, e relatados por elas que as mesmas se encontravam com o coração acelerado, era visível a pele rubra, mãos tremulas e geladas, a ansiedade e o brilho nos olhos. Nesse contexto Bosi (2010, p. 39) nos diz: “[...] E eles encontraram também os limites de seu corpo, instrumento de comunicação às vezes deficitário. Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado”.

Este tipo de pesquisa requer dinâmica do saber ouvir e a disponibilidade de tempo, pois as mesmas fizeram questão de relatar, mesmo que por muitas vezes esquecendo-se de algo. Pois a importância esta no que foi lembrado, e o que nos momentos em que silenciaram pode-se interpretar.

Para Bosi (2010), independente do que já viveram a memória dessas Normalistas pode representar uma história social, com os costumes de uma determinada época.

[...] elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 2010, p. 60).

É neste ponto de partida, que podemos então colocar em cena, as memórias desse grupo de Normalista, que estão representando uma época, isto é, a primeira década do IEP, uma vez que ao buscar diversos catálogos de pesquisa, não encontramos nenhuma que retratasse o IEP e sim a Escola Normal Oficial de Pernambuco, e a mesma está tão imbricada, e distinguida que muitas vezes é confundida com o IEP.

3 O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO: como tudo começou?

Escola Normal Oficial de Pernambuco

Instituto de Educação de Pernambuco

Escola Sylvio Rabello

3 O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO: como tudo começou?

Pouco a pouco, foi-se tornando aparente aos nossos olhos um território extenso e pouco explorado nos estudos sobre o IEP. Assim, por motivos de compactação do campo de trabalho, decidimos restringir a nossa investigação, pois é um campo vasto, tendo um processo histórico e político bastante desafiador, daí decidirmos delimitar o foco.

Além das justificativas feitas na introdução sobre a escolha deste estabelecimento para estudo, também tem-se por opção a forte representação do ensino feminino na sociedade, sob o aspecto da condição de ensino perfeito que vivificava as escolas públicas da década de 1950, onde as Normalistas afirmam com convicção que era uma excelente escola, era uma escola de “alto nível”, a Normalista Luiza relata com persuasão que o Instituto era: “Concebido e de alto nível daquela época. Gostei muito, muito mesmo, de ter estudado aqui!”.¹

Portanto, nessa conjuntura histórica temos a dualidade da história e da memória nas narrações das discentes desse Instituto, esse aspecto sendo marcante e intenso, que elas foram capazes de relembrar detalhadamente fatos que apontaram seu percurso escolar a mais de sessenta anos, como localização das salas de aulas e quais eram os ciclos e séries que funcionavam no térreo e no primeiro andar, sala da diretoria, cujo diretor era Dr. Darcio Rabello, sala do vestuário, cantina, banheiro, lustres, sala de música, cujo professor era o Maestro Fittipaldi, inclusive as aprovações e reprovações, não demonstrando nenhuma trauma ou rancor dos “insucessos”, esse apontamento, vai muito além da estrutura física do Instituto, ao ponto de lembrar dos nomes dos professores, das amigas de turmas e dos estabelecimentos das adjacências.

Tendo em conta essas indicações, dividimos o nosso capítulo em três momentos complementares. No primeiro, a particularidade política da época da criação da referida instituição acadêmica; no segundo o caminho percorrido e as diversas denominações da instituição; e, finalizando esse tópico, a terceira ocasião trata do processo de ingresso com o teste de admissão. Desse modo, demonstraremos a transição da Escola Normal Oficial de

¹ Depoimento da Normalista Luiza Fittipaldi: Tinha orgulho de estudar aqui, porque naquela época era um colégio muito famoso, só estudava aqui quem sabia e quem passava por tudo isso que lhe disse, não sou orgulhosa sou simples, mas ficava contente, porque tinha passado e estudado num colégio como IEP, concebido e de alto nível daquela época. Gostei muito, muito mesmo, de ter estudado aqui!.

Pernambuco para a criação do IEP, que compreenderá a primeira década dessa instituição que foi a de 1946.

Enfatiza-se o período de 1946 a 1955, marcado pelo discurso que apregoava a formação e qualificação dos profissionais do ensino, porém, como já foi dito foi um período de ebulação política, pois o Brasil, nessa época, passou por quatro Presidentes da República, são eles: Gaspar Dutra (1946-1951), Getúlio Dorneles Vargas (1951-1954), João Café Filho (1954-1955) e Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961).

Esse estudo não é tratado exclusivamente pela oralidade. A questão documental foi também fascinante, pois se teve a sensação de trilhar novos caminhos, de obter documentos históricos e, porque não dizer, valiosos, para sentir o germinar da pesquisa. É nesse contexto que Bacellar (2010, p. 49), nos diz sobre a percepção de localizar documentos importantes para a pesquisa, “[...] Encontrar os documentos que servem ao tema trabalhado é uma sensação que todos que passaram pela experiência recordam com prazer, e os move a novamente retornar à pesquisa.

Porém, devemos verificar com cuidado os documentos, pois muitos deles tratam da forma que o seu “instituidor” tem de disfarçar, maquiar, algo que se pretende esconder, cabendo ao pesquisador a sua análise e neutralidade, para Thompson (2002, p.148) “[...] o documento é em geral um registro subsidiário”, sendo assim o fato de ser escrito e oficial não torna o documento mais fiel à realidade. Por conseguinte, é preciso relutância, tempo e determinados equipamentos, procurar os documentos, selecionando as fontes a serem usadas na pesquisa, considerando a riqueza e credibilidade que caracterizam um trabalho, demandam refinamento no tratamento e compreensão dado a eles.

3.1 A PARTICULARIDADE POLÍTICA

O trabalho de pesquisa histórica me levou a longínquas caminhadas, pois o IEP tem sua gênese com a criação da Escola Normal Oficial de Pernambuco no final do século XIX, no Estado de Pernambuco, sofrendo e mudando de acordo com todas as influências, sociais, políticas e econômicas do país, passando da República Velha, ao Estado Novo (Getúlio Vargas) até chegar então ao período chamado por Aranha (2006) de República Populista (1945-1964).

De acordo com a autora “[...] Surgiu a partir do período entre guerras, com a emergência das classes populares urbanas, resultantes da industrialização, quando o modelo agrário-exportador foi substituído aos poucos pelo nacional-desenvolvimentismo” (ARANHA, 2006, p. 295).

A ideia de retratar o regime do Estado Novo como processo político da época estudada se dá pelo fato de que o objeto de estudo inicia-se no fim do Governo de Vargas, tendo sofrido essas influências, mas não irá esbaldar-se sobre todo o processo do Governo de Getúlio Vargas, e sim os efeitos que a educação perpassou.

Para o estudo do IEP, é necessário o entendimento da estrutura, do funcionamento, dos objetivos e da legalidade desse estabelecimento, dentro do contexto da educação profissional docente nacional, buscando às origens destas instituições no país.

Tratando-se das questões políticas em que o Brasil decorreu na determinada época de estudo, tivemos a sensação de “abrir portas, que já estavam abertas”, pois há uma imensidão de referências de estudos das políticas e da história da educação, porém sem aprofundamento no que se diz respeito à Escola Normal. Quando encontrei referências sobre esse aspecto, foi na dissertação de Leonor Maria Tanuri, com o título: Contribuição para o estudo da escola normal no Brasil, tendo como referência a primeira Escola Normal no Rio de Janeiro (Niterói), como conseguinte, São Paulo e Sergipe. Segundo Tanuri (1969, p. 6), em relação à criação das Escolas Normais, afirma-nos que “[...] a primeira Escola Normal brasileira só seria fundada a 4 de abril de 1835, em Niterói, iniciativa esta que pode, entretanto, ser colocada entre as pioneiras na América”.

Tanuri (1969, p. 17) faz um apanhado na sua dissertação, da história e da criação das Escolas Normais de todo o Brasil, dentro da perspectiva política educacional, reconhecendo as dificuldades e as particularidades da formação dos professores a princípio, e logo depois das professoras das primeiras letras, onde Pernambuco é citada, como uma escola só para

homens, e que ao seu início os estudos se dariam em dois anos e em 1887 passou para quatro anos.

Sabendo-se que a educação está intrinsecamente ligada à sociedade, os atos tomados por Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde (1934-1945), tiveram relevância no sistema educacional. Apesar de ter havido rompimentos com os “intelectuais educacionais” do período, a educação saiu da extenuação das épocas anteriores.

[...] Todavia, para o setor educacional, a postura de Capanema já não foi à mesma, pois deixou de lado, praticamente, toda aquela pléiade de jovens educadores (Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Almeida Junior) [...], forjados durante o movimento de renovação pedagógica de inspiração escolanovista (CUNHA, 1981, p. 18).

No decorrer da primeira década da criação do IEP, houve diversos Ministros da Educação, pois foi um período de transformações políticas, na sucessão de Capanema, ao final do Estado Novo; o Ministro do então Ministério da Educação e Saúde Pública no Governo interino de José Linhares foi Ricardo Leitão da Cunha. Percebe-se que houve diversas denominações para os ministérios da educação.

No Ministério de Ricardo Cunha foi baixado o Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, onde regulamentava o Ensino Normal, conhecido também como Lei Orgânica do Ensino Normal (BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 1946).

Para Haidar (2004, p. 60), “[...] As leis Orgânicas do ensino normal, primário e agrícola, mesmo projetadas na administração de Capanema, e, portanto sob idêntica inspiração das demais, só saíram em 1946, após a ditadura Vargas”.

O referido Decreto-lei trata da organização do ensino normal, onde esta dividida em seis Títulos: I- Das bases da organização do ensino normal; II- Da estrutura do ensino normal; III- Da vida escolar; IV- Da administração e organização do ensino normal; V- Das medidas auxiliares; VI- Disposições finais (BRASIL. Decreto-lei nº 8.530). Cada título desse apresentado tem sua subdivisão em capítulos, trazendo um apêndice ao ensino normal, percorrendo não só as vias pedagógicas, mas as administrativas e financeiras, formalizando o ensino normal, assim deliberada por Tanuri (1969, p. 36) como: “A lei orgânica do Ensino Normal significou o único instrumento do poder central de legislar sobre a organização deste ramo de ensino para todo o território do país”.

O Ensino Normal foi dividido em dois ciclos: no 1º ciclo ao concluir os quatro anos de ensino, o aluno tinha o direito à regência do primário.

A Lei Orgânica do Ensino Normal não introduziu grandes inovações, apenas acabando por consagrar um padrão de ensino normal que já vinha sendo adotado em vários estados. Em simetria com as demais modalidades de ensino de segundo grau, o Normal foi dividido em dois ciclos: o primeiro fornecia o curso de formação de “regentes” do ensino primário, em quatro anos, e funcionaria em Escolas Normais Regionais (TANURI, 2000, p. 15).

Figura 1 – Histórico escolar, do Instituto de Educação de Pernambuco na década de 50: referente ao primeiro ciclo do ensino normal²

OBSEVAÇÕES

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO 1.º CICLO

	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	Ciências	H. Geral	História do Brasil	Geografia Geral	Geografia do Brasil	Trabalhos Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	Nota Global	
1.ª Série	73	77	77	x	43	x	64	x	53	x	56	71	84	67	
Instituto de Educação de Pernambuco								1951	Edgar da Silva Lacerda						
NOME DO ESTABELECIMENTO								ANO	NOME DO INSPECTOR						
2.ª Série	61	71	75	73	64	x	53	x	70	x	59	61	73	67	
Instituto de Educação de Pernambuco								1952	Edgar da Silva Lacerda						
NOME DO ESTABELECIMENTO								ANO	NOME DO INSPECTOR						
3.ª Série	660	696	740	488	516	843	x	767	x	607	x	622	690	662	
Instituto de Educação de Pernambuco								1953	Edgar da Silva Lacerda						
NOME DO ESTABELECIMENTO								ANO	NOME DO INSPECTOR						
4.ª Série	429	560	610	579	468	720	554	672	x	695	x	864	900	646	
Instituto de Educação de Pernambuco								1954	Edgar da Silva Lacerda						
NOME DO ESTABELECIMENTO								ANO	NOME DO INSPECTOR						
01 de fevereiro								de 107 2	S/						
DIRETOR															

Fonte: Rodrigues ([1972])

² Podemos perceber nesse histórico, que as únicas disciplinas em comum nas quatro séries, foram: Português, latim, francês, matemática, desenho, e canto orfeônico. Porém percebemos ainda, que na primeira e na segunda série ao contrário no que diz a Lei Orgânica, também não foi ofertado ciências naturais. Na terceira série não foi ofertada a disciplina história geral.

Podemos perceber que no Título II do Capítulo I da Lei Orgânica (BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 1946), o IEP está de acordo com essa exigência, pois as disciplinas estão em consonância com o estabelecido pelo Governo Federal. Exceto às disciplinas de Educação Física, Noções de Higiene, Psicologia, Pedagogia, Didática, Atividades econômicas da região, e Prática de Ensino não constam no histórico escolar como mostra a figura 1.

TÍTULO II
Da estrutura do ensino normal
CAPÍTULO I
DO CURSO DE REGENTES DE ENSINO PRIMÁRIO

Art. 7º O curso de regentes de ensino primário se fará em quatro séries anuais, compreendendo, no mínimo, as seguintes disciplinas:

Primeira série: 1) Português, 2) Matemática, 3) Geografia geral, 4) Ciências naturais, 5) Desenho e caligrafia, 6) Canto orfeônico, 7) Trabalhos manuais e economia doméstica, 8) Educação Física;

Segunda série: 1) Português, 2) Matemática, 3) Geografia do Brasil, 4) Ciências naturais, 5) Desenho e caligrafia, 6) Canto orfeônico, 7) Trabalhos manuais e atividades econômicas da região, 8) Educação Física;

Terceira série: 1) Português, 2) Matemática, 3) História geral, 4) Noções de anatomia e fisiologia humana, 5) Desenho, 6) Canto orfeônico, 7) Trabalhos manuais e atividades econômicas da região, 8) Educação Física, recreação e jogos;

Quarta série: 1) Português, 2) História do Brasil, 3) Noções de Higiene, 4) Psicologia e pedagogia, 5) Didática e prática de ensino, 6) Desenho, 7) Canto orfeônico, 8) Educação Física, recreação e jogos (BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 1946, p. 21).

Porém, ao concluir o segundo ciclo, as Normalistas teriam a titulação de professor primário. No IEP, o segundo ciclo se dava no total de três anos, ao passo que, em outras instituições, podiam ocorrer em dois anos, como também diz a lei orgânica; contudo, de uma forma mais intensiva.

[...] o curso de segundo ciclo, em dois anos, formaria o professor primário e era ministrado nas Escolas Normais e nos Institutos de Educação. Além dos referidos cursos, os Institutos de Educação deveriam ministrar os cursos de especialização de professores—para a educação especial, curso complementar primário, ensino supletivo, desenho e artes aplicadas, música e canto – bem como cursos de administradores escolares, para habilitar diretores, orientadores e inspetores (TANURI, 2000 p. 16).

Figura 2 – Histórico escolar do Instituto de Educação de Pernambuco na década de 50: referente ao segundo ciclo do ensino normal

Fonte: Rodrigues ([1956])

[...] Elas aprenderam canto orfeônico, educação física e ginástica, tiveram aulas de moral e civismo e, em alguns momentos, até de teatro. Ao longo dos anos, seus programas seguiram diferentes pressupostos pedagógicos e orientações políticas. Continuidades e descontinuidades marcaram essa produção docente (LOURO, 2008, p. 456).

Modelo centralizador e burocrata uniformizavam o ensino normal em todo o país, fazendo com que os estados reformulassem as escolas normais, onde as mesmas passavam a ser institutos educacionais, cabendo aos Estados o direito de adaptar as determinações às diferenças e necessidades regionais e administrar o ensino, respeitando o espírito da lei.

[...] a política educacional centralizadora traduziu-se na tentativa de regulamentar minuciosamente em âmbito federal a organização e o funcionamento de todos os tipos de ensino no país, mediante ‘Leis Orgânicas do Ensino’, decretos-leis federais promulgados de 1942 a 1946. A Lei Orgânica do Ensino Normal (Decreto-Lei n. 8.530, de 2/1/1946), embora assinada logo após o final da ditadura Vargas, havia sido gestada sob a mesma inspiração anterior, apresentando, entretanto, uma orientação menos centralizadora do que aquela que havia presidido à elaboração dos anteprojetos originais (TANURI, 2000, p. 15).

Entretanto, como a peculiaridade política da referida época foi o fim do Estado Novo (1945) e os trabalhos de concretização para a Lei da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 18 de Setembro de 1946, nessa Constituição de 1946 já havia artigos que “democratizavam” as escolas e os aprimoramentos na economia e na política tinham a intenção de um novo projeto social (BRASIL. Constituição, 1946). Nesse contexto, as campanhas para as escolas públicas de qualidade mobilizaram todos os grupos sociais, nos quais dos muitos debates derivou a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Para tanto, vejamos como ficou definido na Constituição o Título VI do Capítulo II, da gratuidade de ensino, não ressaltando o ensino normal, que ficou a cargo da Lei Orgânica e de competência do Estado.

CAPÍTULO II

Da Educação e da Cultura

Art 166 - A educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana;

Art 167 - O ensino dos diferentes ramos será ministrado pelos Poderes Públicos e é livre à iniciativa particular, respeitadas as leis que o regulem;

Art 168 - A legislação do ensino adotará os seguintes princípios:

I - o ensino primário é obrigatório e só será dado na língua nacional;

II - o ensino primário oficial é gratuito para todos; o ensino oficial ulterior ao primário sé-lo-á para quantos provarem faltas ou insuficiência de recursos (BRASIL. Constituição, 1946).

Assim para Aranha (2006, p. 307) “Se a lei despertava otimismo, os fatos nem tanto. As inúmeras dificuldades para a sua aplicação se deviam muitas vezes a inadequação à nossa realidade”. Ou seja, os estados não estavam preparados para a ampliação do ensino e da gratuidade, fato esse que continuava o acesso predominantemente para as elites.

A ebulação política em relação aos poderes é que irá desencadear os rumos da educação. Para Haidar (2004, p.63) “[...] Os Estados e o Distrito Federal voltavam a ter a

atribuição expressa de organizar os seus respectivos sistemas de ensino”. Onde, nesse período, acontecerá a redemocratização do país e consequentemente um avanço na educação.

Podemos observar, no quadro abaixo, a efervescência do ensino normal em todo o Brasil de 1946 a 1956, em um estudo realizado pelo IBGE, que demonstra o avanço do ensino normal no país, onde em 1946, ano inicial da Lei Orgânica, havia 382 estabelecimentos que ofereciam o ensino normal, tendo uma ampliação no decorrer dos dez primeiros anos para 982 unidades escolares.

Quadro 2 – Desenvolvimento do Ensino Normal no Brasil no Período de 1946 A 1956

O BRASIL EM NÚMEROS						
ENSINO NORMAL DE 1946 A 1956						
Anos	Unidades escolares	Corpo docente	Matrículas		Aprovações	Conclusões de curso
			Geral	Efetiva		
1946	382	3412	21597	20947	20143	8077
1947	544	4874	24958	23787	21915	7383
1948	533	4889	26014	25446	24213	7692
1949	579	5305	30457	29202	27553	9902
1950	590	5324	33436	31941	30413	10114
1951	632	5815	37824	35811	33990	10777
1952	673	6383	42473	40284	38191	12994
1953	749	7204	48724	45899	42617	14829
1954	839	8169	55206	52240	48308	16235
1955	921	9221	60286	57149	52252	18164
1956	982	9870	65096	61725	56480	19364

Fonte: IBGE (2011)

Porém, como podemos pensar em avanços educacionais, ensino gratuito para todos, onde no final desse período, ainda havia os inteventores, escolhidos politicamente, pessoalmente “homens de confiança” e subordinados ao Estado maior? Pois até então os inteventores estaduais é que detinham o poder sobre os estados (BRASIL. Decreto-lei nº 1.202, 1939). Segundo Cunha (1981, p. 32), [...] “Os governadores são substituídos por inteventores, meros executores de ordens vindas de cima”. Esse decreto trata sobre a

administração dos Estados e municípios, de forma subordinativa, rígida, autoritária e centralizadora.

Onde havia um órgão mediador para os interventores, chamado de Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), que tinha como objetivo a moralização administrativa, perante o Estado e os municípios, ou seja, todo o decreto e todo o ato governamental teriam que passar pelo crivo do DASP, pois ele era um órgão ligado ao Governo Federal.

[...] Num regime forte, o DASP acabou por transforma-se num superministério. Dirigido por tecnocratas, marginalizava a influência política. Interventores e prefeitos a ele se submetiam. Leis e decretos estaduais, embora fossem da alcada do interventor, deveriam receber aprovação dos daspinhos (CUNHA, 1981, p. 32).

Em Pernambuco não foi diferente. O Estado passou a ter intervenção de 1930 a 1947, quando o interventor, General Dermeval Peixoto, que acatou a ordem da Lei Orgânica pelo Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, transformou a Escola Normal Oficial de Pernambuco no Instituto de Educação de Pernambuco (BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 1946).

Para Tanuri (1969, p. 33), “[...] A década de trinta marcou época na história do ensino normal, entrando este numa fase de reformas profundas de sua estrutura mesma, que determinaram as grandes linhas de sua organização até os dias atuais”.

De acordo com a data da publicação do decreto citado no parágrafo anterior, podemos compreender que, após a publicação da Lei Orgânica Federal, pelo Decreto nº 8.530 de 2 de janeiro de 1946, o estado de Pernambuco passou oito meses para a publicação do seu Decreto-lei nº 1.448, de 03 de setembro de 1946, publicado no Diário oficial de Pernambuco em uma quarta-feira do dia 04 de setembro de 1946³ e ,consequentemente, a criação do Instituto de Educação. Contudo, essa formulação do Instituto era compacta, não havendo ainda a criação dos outros centros, que tinham uma vinculação maior, ou seja, abrangeriam não só o ensino normal, como também a educação infantil, o ensino primário, o ensino ginásial e o científico.

A Escola Normal Oficial de Pernambuco tinha como objetivo formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e de nível secundário (hoje Ensino Normal Médio), onde ampliaria e difundiria os conhecimentos relativos à educação infantil, a partir da criação

³ O Decreto-lei nº 1.448 encontra-se no anexo T, deste trabalho.

do Instituto de Educação de Pernambuco, pelo Decreto-lei nº 1.448, de 03 de setembro de 1946 (PERNAMBUCO. Decreto-lei nº 1.448, 1946).

Porém, em 1952 foi criado em Pernambuco, por João Marinho Arruda dos Santos, Secretário de Educação no período de 01/02/1951 a 11/12/1952, um regulamento⁴ onde nele traziam todas as normas e atribuições referentes ao ensino normal do Instituto de Educação, constando a organização, a finalidade, como deveriam ser o estabelecimento, a estrutura do ensino, da vida escolar, dos trabalhos escolares, do teste de admissão, da matrícula, da transferência, das habilidades, das provas, da conclusão e dos diplomas. Enfim tratava e organiza de acordo com a Lei Orgânica (PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, 1952).

3.2 O CAMINHO PECORRIDO

A Escola Normal Oficial de Pernambuco foi inaugurada em 1865, mas lembrando que essa modalidade de estabelecimento, já havia em diversas capitais do Brasil. A primeira Escola Normal Brasileira foi no Estado do Rio de Janeiro. Segundo Romanelli (2005, p. 163) “[...] sendo pioneira na América Latina”. Pode-se perceber que perpassaram mais de 3 décadas para termos a Escola Normal de Pernambuco. Uma dessas hipóteses para esse fator são as questões políticas e as necessidades de cada região, passando por vários processos políticos e denominações.

A Escola Normal de Pernambuco estava situada primeiramente na Torre antiga da Alfândega, no bairro do Recife. Em seguida, passou a realizar suas atividades no Casarão Colonial na Rua da Praia. Em 1900, a sua localização era nas dependências do Ginásio do Recife, atual Ginásio Pernambucano. Seu primeiro prédio próprio foi em 1920, na Praça Adolfo Cirne, mas em 1962 começaram as obras para sediar a Câmara de Vereadores do Recife para o referido local, onde até então funcionava a Escola Normal, situada na Rua Princesa Isabel, ao lado do Parque Treze de Maio, na Boa Vista, e a Câmara está até os dias atuais.

⁴ O item que trata das normas e atribuições do regulamento do Ensino Normal do Estado de Pernambuco na década de 1950 encontra-se no anexo U, deste trabalho.

Essas mudanças aconteceram nos governos do Ilmo. Sr. Miguel Arraes (Governador de Pernambuco) e do Engenheiro Arthur Lima Cavalcanti (Prefeito do Recife). Consequentemente, a Escola Normal foi transferida para o atual IEP, precisamente na Escola Sylvio Rabello, situado entre a Avenida Mario Melo e o Parque 13 de Maio, no bairro de Santo Amaro.

A gestão de Miguel Arraes como Governador de Pernambuco produziu um Programa de Educação que - sem perder de vista os propósitos conscientizadores da educação popular – introduz a educação para o desenvolvimento no planejamento governamental, visto que se vivia ‘[...] em plena revolução, no campo da ciência, da educação e da cultura’ (BARROSO FILHO, 2008, p. 97).

Figura 3 – Câmara dos Vereadores do Recife, situada na Rua: Princesa Isabel nº 410, no bairro da Boa Vista



Fonte: o Autor, 2012

Ao comentar sobre a figura 3, passando pela calçada da Antiga Escola Normal Oficial, na sua visita individual a Normalista Iolete Barros, relata sobre a reforma arquitetônica ocorrida ao longo dos anos, não só as reformas da Câmara dos Vereadores, como também o seu entorno.

Bem, na nossa época não tinha essas grades era tudo aberto! Então, a gente chegava aqui e entrava, aqui sempre existiu aquele quartel da guarda do exército, a diretoria militar era mais para lá um pouquinho e você indo à direção da Riachuelo, tinha a casa do comandante do exército aqui em Pernambuco [...].

Na frente da Escola não tinha essas rampas, só os degraus, então nós adentramos no hall de entrada, onde ficava a sala do Dr. Dárcio Rabello e do outro lado a Secretaria, a Secretaria era Dona Yuda, uma morena, baixinha e tinha uma chefa de disciplina com o nome de dona Luzia, essa daí era durona mesmo, então ela ficava ali em pé e perto da escada, olhando todo mundo que entrava para ver a farda de todas as alunas.⁵

A Escola Sylvio Rabello, pertencendo ao IEP, recebeu diversos nomes ao longo da sua trajetória. As várias mudanças se explicam pelo fato de que, ao longo do século XX, diversas reformas foram implantadas pelo governo no que se refere à educação brasileira. O Brasil passa por mudanças políticas, econômicas e sociais e a questão da educação também vai ser discutida.

[...] Na década de 1950, a economia pernambucana, já não ocupava a posição que fizera da Província um dos esteios da nação. A economia urbano-industrial oferece um novo suporte para a produção cultural e os arautos do Brasil Moderno exigiam uma nova cultura, uma nova educação, uma nova escola (BARROSO FILHO, 2008, p. 82).

Figura 4 – Fachada atual da Escola Sylvio Rabello



Fonte: O Autor, 2012

⁵ Entrevista realizada com a Normalista Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, constando no anexo N, e autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, no modelo anexo A.

O Centro Integrado foi composto pelas escolas: Jardim de Infância Ana Rosa Falcão de Carvalho (Ensino Infantil); Escola Cônego Rochael de Medeiros (Ensino Primário); Escola João Barbalho (Ensino Ginásial); Escola Sizenando Silveira (Ensino Científico) e a Escola Sylvio Rabello (Ensino Profissionalizante).

A estruturação como Centro Integrado Instituto de Educação de Pernambuco, aconteceu através do Decreto Estadual nº 2.631, de 26 de outubro de 1972, que se baseou na Lei Federal 5.692, de 11 de agosto de 1971, que trata das Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (BRASIL. Lei nº 5.692, 1971; PERNAMBUCO. Decreto nº 2.631, 1972).

O capítulo I da referida lei estabelecia:

Do Ensino de 1º e 2º graus

Art. 1º O ensino de 1º e 2º graus tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

1º Para efeito do que dispõe os artigos 176 e 178 da Constituição, entende-se por ensino primário a educação correspondente ao ensino de primeiro grau e por ensino médio, o de segundo grau;

2º O ensino de 1º e 2º graus serão ministrados obrigatoriamente na língua nacional.

Parágrafo único. A organização administrativa, didática e disciplinar de cada estabelecimento do ensino será regulada no respectivo regimento, a ser aprovado pelo órgão próprio do sistema, com observância de normas fixadas pelo respectivo Conselho de Educação.

Art. 3º Sem prejuízo de outras soluções que venham a ser adotadas, os sistemas de ensino estimularão, no mesmo estabelecimento, a oferta de modalidades diferentes de estudos integrados, por uma base comum e, na mesma localidade:

- a) a reunião de pequenos estabelecimentos em unidades mais amplas;
- b) a entrosagem e a intercomplementariedade dos estabelecimentos de ensino entre si ou com outras instituições sociais, a fim de aproveitar a capacidade ociosa de uns para suprir deficiências de outros;
- c) a organização de centros interescolares que reúnam serviços e disciplinas ou áreas de estudo comuns a vários estabelecimentos (BRASIL. Lei nº 5.692, 1971).

Mediante o exposto, o Governador de Pernambuco no período de 1971 a 1975, Ilmo Sr. Eraldo Gueiros Leite decretou, no Diário Oficial a reestruturação do IEP.

Porém vale ressaltar que o Instituto de Educação já existia, o que foi criado foi o complexo educacional, agregando outras unidades de ensino. Constituindo assim, unidades de ensino em torno do Parque Treze de Maio, que beneficiava a população desde o ensino pré-escolar até o ensino de 1º e 2º graus, e o profissionalizante se dava no Sylvio Rabello, com

cursos de técnico em enfermagem e o magistério. Como demonstra o Decreto Estadual nº 2.631, de 26 de outubro de 1972.⁶

Essas reformas se deram em várias instâncias, inclusive no fardamento, e na estrutura física do prédio, onde segundo Lima (1985, p. 89), houve um concurso de arquitetura em 1956, obra essa de grande importância no cenário local, e que contribuiu na afirmação profissional dos jovens arquitetos: Marcos Domingues e Carlos Correia Lima.

Porém, esse jovens arquitetos, só participaram da elaboração do projeto do IEP, porque o mesmo se deu através de concurso. Pois na época havia discussões porque não entregar essa obra a arquitetos renomados, como por exemplo: Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Inclusive essa lembrança nominal de arquitetos, foi motivo de discussões e publicações na imprensa local. Edison Lima, comenta sobre uma publicação da Folha da Manhã do dia 8 de Janeiro de 1956, no seu livro: *Modulando: notas e comentários sobre arquitetura e urbanismo*, retratando a importância desse concurso.

Finalmente está aberto o Concurso de projetos para o novo edifício do Instituto de Educação de Pernambuco. Como não poderia deixar de ser, a notícia é realmente de grande importância, não só para o público em geral, pois assim recrudescem as esperanças de se dar à velha e tradicional Escola Normal um prédio mais condigno com sua condição de formadora da juventude pernambucana, mas também, e de modo particular, para nós que fazemos o Instituto de Arquitetos do Brasil (LIMA, 1985, p. 92).

De acordo com Lima (1985, p. 89), “[...] as razões são óbvias, pois se trata de dar à antiga e tradicional Escola Normal Oficial de Pernambuco, uma nova sede condigna com seu alto prestígio e que venha atender verdadeiramente às suas reais necessidades” e que seja planejada por arquitetos locais.

Apesar de tudo, foi feito o concurso de anteprojetos para o IEP, e quem ganhou foram os arquitetos Marcos Domingues da Silva e Carlos Correia Lima.

Percebemos que a contextualização em torno do IEP é imensa, pois se trata de uma instituição de prestígio social, se a sua estrutura física é notória pela grandiosidade e pela localização o seu símbolo também é marcante, onde também faz aludir a memória da população, ou seja, o emblema utilizado no fardamento dessa instituição.

⁶ O Decreto nº 2.631 encontra-se no anexo V, deste trabalho.

Assim, os modelos historiográficos compreendidos por Le Goff (1983, p. 93), ao interpretar os símbolos, foram utilizados para justificar o seu poder. “O símbolo “[...] é um sinal de um contrato. É a referência a uma unidade perdida, recorda e evoca uma realidade superior e oculta”. Neste símbolo utiliza-se de fontes escritas, desenhos e cores, muito comum essa atitude na sociedade ocidental, outra vertente para esse tipo de sociedade seria também a questão dos símbolos virem acompanhados com objetos da natureza. Nesse caso os objetos são as estrelas.

A figura a seguir é o símbolo do IEP, onde até então o símbolo era bordado de azul, só com as iniciais desta instituição. Neste atual símbolo, as cinco estrelas estão representando as escolas que fazem parte desse complexo educacional.

Figura 5 – Símbolo do Instituto de Educação de Pernambuco



Fonte: Escola João Barbalho (1978)

A tradução da palavra que está no símbolo “*Luceat omnibus*”, segundo o dicionário de sentenças Latinas e Gregas (2010, p. 321) significa, “que a luz brilhe para todos⁷”. Segundo Le Goff (1983, p. 101), “[...] A luz é objecto das mais ardentes aspirações, está carregada dos mais altos símbolos”. Podendo esta tradução deixar subtendido, que “a luz do saber”, seja

⁷ O sol brilha para todos. No contexto de Tosi (2010) essa frase indica que a natureza ofertou como bem comum o que havia de mais belo.

para todos os níveis de educação e para toda a população, até porque esse complexo educacional abrange toda a educação básica, ou seja, uma educação descentralizadora, uma educação para o povo, onde todos tenham acesso, podendo essa concepção ter sofrido influência do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. “[...] O documento defendia a educação obrigatória, pública, gratuita e leiga como dever do Estado, a ser implantada em programa de âmbito nacional” (ARANHA, 2006, p. 303). Porém mesmo com essa lei, que se fundamentava na idéia de educação para todos, ainda havia os testes de admissão, diminuindo esse acesso ao ingresso às escolas públicas.

3.3 PROCESSO DE INGRESSO COM O TESTE DE ADMISSÃO

Para ingressar na Escola Normal Oficial de Pernambuco havia o teste de admissão, com certas restrições legais no processo de ingresso, onde o candidato deveria passar pelo teste de admissão, sendo esse exame bastante rigoroso.

[...] o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação (FOUCAULT, 2009, p. 183).

Obrigatórios pela Lei Orgânica do ensino normal no título III do capítulo III, os exames de admissão a esse nível de ensino havia configurado uma barreira difícil de ser ultrapassada pela grande massa dos alunos que vinham do ensino primário (BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 1946). “[...] a certeza de que este era um nível de ensino reservado para uma “elite” pode ser encontrada na seletividade que, na época, equivalia ao dos vestibulares a partir da década de 70” (PESSANHA, 1994, p. 85).

CAPÍTULO III

DOS ALUNOS E DA ADMISSÃO AOS CURSOS

Art. 20. Para admissão ao curso de qualquer dos ciclos de ensino normal, serão exigidas do candidato as seguintes condições;

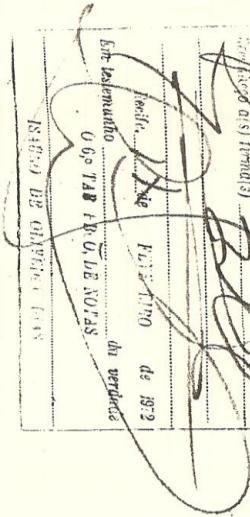
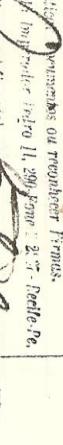
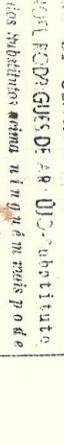
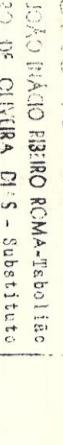
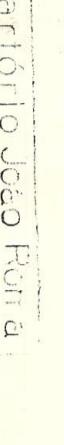
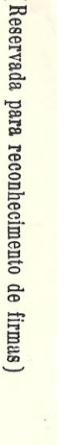
- a) qualidade de brasileiro;
- b) sanidade física e mental;
- c) ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contra-indique o exercício da função docente;
- d) bom comportamento social;
- e) habilitação nos exames de admissão.

Art. 21. Para inscrição nos exames de admissão ao curso de primeiro ciclo será exigida do candidato prova de conclusão dos estudos primários e idade mínima de treze anos; para inscrição aos de segundo ciclo, certificado de conclusão de primeiro ciclo ou certificado do curso ginásial, e idade mínima de quinze anos.

Parágrafo único. Não serão admitidos em qualquer dos dois cursos candidatos maiores de vinte e cinco anos (BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, 1956, p. 23-24).

Figura 6 – Resultado de um teste de admissão no ano de 1951

(Reservada para reconhecimento de firmas)

Cartório João Rodrigues	
SÉRGIO MÁRCIO FERREIRA Ribeiro Tabolão	
SÉRGIO DE CULTURA, CLS - Substituto	
M. NOEL FERPA GUEDE, DR. D. Substituto	
Afonso Substituto em sua ausência em mais de	
Sergio Venceslau ou regularizar firmas.	
1º de fevereiro 11, 299, Fazenda 217, Recife, P.	
Recife ass. (firmas)	
	
	
	
	
	
	
	
	
	
	
	
	

Em Pernambuco o teste de admissão não foi diferente, o regulamento do ensino normal⁸ no capítulo IV, criado na década de 1950, passou a ter os mesmos requisitos de acordo com a Lei Orgânica. Podemos observar que, de acordo com o regulamento, o teste da imagem acima demonstrada abrange as disciplinas regulamentadas, porém, no mesmo, não demonstra se a submissão foi escrita ou oral e no lugar de matemática temos aritmética. A Normalista obteve a média 66 e também tinha de 14 anos, ou seja, foi aprovada, uma vez que para obter a aprovação era necessário média cinco e idade mínima de 15 anos para o segundo ciclo, não ultrapassando a idade de 25 anos, para os ciclos finais.

Neste sentido de estudar para se profissionalizar, a busca por uma carreira é sempre uma tentativa de unir uma necessidade imposta pela sociedade com algo que a torne prazerosa. Em geral, esse prazer é associado a uma sensação de dever cumprido, a uma ligação emocional com a profissão, ao reconhecimento dado por outrem da importância/eficácia do seu trabalho ou à compensação financeira.

Porém, sabemos que essa busca pela profissionalização está atrelada a diversos fatores, desde ao modismo da época até a própria vocação. Nessa época era status ter uma filha fazendo o curso normal, pois o mesmo, não só preparava para uma profissão como também para o casamento, ou seja, servia também para a organização do lar, os bons costumes e a educação dos filhos.

Considerado o mais próximo da função de “mãe”, o magistério era o curso mais procurado pelas moças, o que não significava sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se apenas com o prestígio do diploma e a chamada “cultura geral” adquirida na escola normal (BASSANEZI, 2008, p. 625).

A Escola Normal no início era apenas masculina, só depois sendo seu acesso permitido às mulheres. Apesar das dificuldades, as escolas normais desempenharam um papel de grande importância não só na educação brasileira, mas em vários Estados, como em Pernambuco. Para Barroso Filho (2008, p. 81), os acontecimentos de reforma e criação de alguns estabelecimentos, estavam atrelados a economia da época no estado de Pernambuco: “[...] Esse lugar será continuamente reafirmado pelos historiadores pernambucanos como forma de atestar a importância do Estado e manter viva uma memória dos tempos em que o Nordeste era o centro econômico, político e cultural do espaço brasileiro”. Porém Tanuri (1969), ressalta a grandeza da criação da Escola Normal em Pernambuco, em relação ao

⁸ O item que trata da admissão ao curso normal, no regulamento do Ensino Normal do Estado de Pernambuco na década de 1950 encontra-se no anexo U, deste trabalho.

gênero, ou seja, que seja criada uma escola para homens e mulheres, que na verdade foi contruída após trinta anos e só para homens.

Na província de Pernambuco, em 1836, uma lei estabelece a criação de Uma escola normal do ensino mútuo que, entretanto, nunca foi instalada. Apenas em 1864, a Lei 598 de 13/5 determinava que se instituísse uma escola normal do sexo masculino com dois anos de curso, escola esta instalada em 1865. Quatro anos depois, ou seja, em 1869, o curso já seria aumentado para três anos e em 1887 para quatro (TANURI, 1969, p. 17).

É a partir dessa época que começa a democratização do ensino feminino que começou com as Escolas Normais, já que antes eram apenas para o sexo masculino e para as famílias mais ricas. Vale ressaltar que já havia escolas confessionais/internatos e religiosas desde o final do século XIX, para o sexo feminino, contudo com objetivos diferentes. A finalidade da Escola Normal era formar professores para ministrar aulas no antigo ensino primário. A lei Geral de 15 de outubro de 1827 estabelecia o que os meninos e meninas podiam aprender, e foi dessa lei que surgiu a comemoração do dia dos professores (BRASIL. Lei geral, 1827).

Que conhecimentos transmitiriam essa escola elementar prometida pelo governo a todos os cidadãos? Dispunha o art. 6º:

Aos meninos os professores ensinarão a ler as quatro operações da Aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais da geometria prática, a gramática da língua nacional e os princípios da moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos, preferindo para as leituras a Constituição do império e a História do Brasil.

Rezava a lei:

Às meninas, as mestras, além do declarado no art.6º, com exclusão das noções de Geometria, e limitando a instrução da Aritmética só às suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica (HAIDAR, 2004, p. 40).

Em relação à comemoração do dia dos professores, era comum na década de 1950, sair em jornais comerciais e oficiais, e editais convidando os professores para as festividades, onde podemos verificar no anexo X e Y desta pesquisa, que as comemorações também perpassavam por atos religiosos e não havia a divisão de gênero, ou seja, convidava os professores de uma forma em geral.

Encontramos no Diário Oficial de Pernambuco, publicado em 11 de Outubro de 1950, uma portaria⁹ determinando a comemoração do dia dos professores, e um convite¹⁰ da divisão de ensino normal, para a celebração de uma missa em homenagem ao professorado em geral (PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Cultura. Divisão de Extensão Cultural e Artística. Portaria nº 1.439, 1950; PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Cultura. Divisão do Ensino Primário Normal, 1950).

Esse cenário que tentamos desvendar sobre o IEP, teve como finalidade mostrar a sociedade, como foi à transposição da Escola Normal Oficial de Pernambuco, para o IEP, tendo como a maioria dos dados fornecidos pelo Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano, onde podemos encontrar vários assuntos relacionados à administração pública, nas mais diversas esferas. Nesse sentido nos orienta Bacellar (2010, p.27) “A documentação produzida nas esferas do Poder Executivo é normalmente encontrada nos Arquivos Públicos municipais e estaduais, e no Arquivo Nacional”, no caso dessa pesquisa foi no arquivo da esfera estadual.

Toda essa gama de informações constituiu-se da formação do IEP, onde o mesmo foi criado através do cumprimento das leis, dos decretos e dos regulamentos, trazendo mudanças e, consequentemente, modernização na educação de Pernambuco proporcionando vagas para as camadas mais populares, pois até então eram prioridade das elites, estudarem em uma instituição renomada.

⁹ A portaria encontra-se no anexo X, deste trabalho.

¹⁰ O convite encontra-se no anexo Y, deste trabalho.

4 A CULTURA CORPORAL FEMININA NOS ANOS DOURADOS



4 A CULTURA CORPORAL FEMININA NOS ANOS DOURADOS

Não é de hoje que existe uma valorização do corpo e dos padrões estéticos, que dependem das questões políticas, econômicas, e culturais de cada nação. Compreende-se por cultura uma produção do indivíduo que lapida e modifica a sua vivência e, por consequência, toda a sua organização social. Essas mudanças de padrões dependerão do objetivo de cada indivíduo, inclusive a questão de gênero.

De acordo com a época em que se vive, o corpo do homem ou da mulher ocupa uma determina função nas representações sociais; o corpo e as atividades físicas praticadas pelas Normalistas (objeto de estudo dessa pesquisa) perpassam pela questão do corpo belo, angelical e pronto para a maternidade.

[...] Tanto quanto ter um corpo fortalecido, é necessário, para a mãe em potencial, ter um caráter virtuoso, moldado pela valorização de qualidades como a benevolência, a generosidade, o recato e a abnegação. Virtudes advindas de uma moral burguesa que, ao serem idealizadas como verdadeiras, trazem à lembrança de cada mulher pensamentos, modos de ser e de se movimentar que gravam no seu corpo gestualidades adequadas ao que se espera configurar uma vida em sociedade (GOELLNER, 2003, p. 59).

No início de século XX, o entendimento em relação às mulheres era o de ser mais educadas do que instruídas, ou seja, elas deveriam ter uma formação para o cuidado do lar, do marido e dos filhos, período em que a educação formal ficava em segundo plano.

De acordo com Louro (2008, p. 446, grifo do autor), “[...] Na opinião de muitos, não havia porque *mobiliar* a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios”.

Dessa forma, o ser humano é um mero produto na conjuntura social, porém um ser atuante na sua organização. Isto denota que os indivíduos, na sua trajetória de vida, estabelecem maneiras de ser no mundo. Em relação ao corpo feminino, este será compreendido não como uma realidade acabada e com finalidade própria, e sim a uma estrutura submetida a diversos sentidos e sobre o qual se produzem diferentes interesses.

Para tratar das práticas corporais da mulher no período de 1946 a 1955, relembrando que foi a primeira década do IEP, propomos analisar o contexto da Educação Física no Estado de Pernambuco e na conjuntura nacional, haja vista que partimos do pressuposto de que o

corpo é formado socialmente. Nessa análise, pretende-se diagnosticar a proposta das atividades físicas, presente nas aulas de Educação Física das Normalistas.

Este capítulo irá se fundamentar em diversos autores, entre eles Goellner (2003), com seus questionamentos sobre o corpo feminino, suas virtudes e os deveres que foram e são designados, como o cuidar só dos filhos em outrora e o de trabalhar no momento atual, sem perder a graciosidade. Outra autora, Louro (2008), refere-se também às mulheres na sala de aula, ajudando-nos a compreender como se dá esse processo de saída da mulher do lar para frequentar a sala de aula, em condição de submetimento em que viviam no Brasil, onde as mesmas reivindicavam sua emancipação, elegendo também a educação como o instrumento libertador. Nessa abordagem compreendem-se as relações sociais sem uma definição prévia, pois, se os sujeitos constituem-se ao longo do tempo (LOURO, 2008), não há como deixá-los estáticos em função de um pré-determinismo.

Assim traçar-se-á um quadro teórico para a estruturação conceitual, que dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa e os modelos das práticas corporais na década proposta. Já em relação a Foucault (2009), a pesquisa irá se atrelar no entendimento atribuído ao corpo e às relações do mesmo com o poder disciplinar, pois para ele o corpo não é inerte, sem vida, e sim um ser que sofre que se move, e se transforma, ou seja, um ser interagido com as ações das relações que compõe oriundas das políticas de poder.

As três abordagens que serão feitas neste quarto capítulo, intitulado “A cultura corporal feminina nos anos dourados”, priorizam as concepções do corpo, contando com o referencial teórico, com as fontes iconográficas encontradas no IEP e nos jornais do período em Pernambuco, e com os relatos das nossas primeiras professoras, sobre a práticas corporais na primeira década do IEP. Outra abordagem é “A educação do corpo na primeira década do IEP”, retratando como era a Educação Física para as Normalistas, com os conceitos ligados à cultura corporal feminina, ou seja, mostrará as etapas da educação física na história do IEP, no referido período. A terceira abordagem será “A Educação Física na República Populista (1945-1964)”, com a regulamentação do ensino da Educação Física nas escolas públicas do Brasil e as abordagens metodológicas da referida época.

4.1 O CORPO

O corpo é objeto de estudo ao longo de vários séculos, seja na concepção filosófica, social, política ou religiosa. No século XX, entra-se em uma crise de identidade, onde o corpo dissipa-se da “mente” e passa a se tornar cada vez mais “coisificado”. A ditadura da beleza, da massificação da estética, entra em desarmonia com o ser, criando uma crise de identidade. Porém, é difícil analisar esse contexto, porque há relações subjetivas, ou seja, a dicotomia “corpo e mente”, onde o indivíduo é visto como um todo, um ser que está interligado com o seu “eu” e o “mundo”. Ser corpo, além dos aspectos físicos e emocionais, é romper com a ciência clássica, alicerçada na cisão corpo/mente e mergulhar no mundo vivido da unidade corporal, repleto de experiências e desejos.

Cada indivíduo-corpo traz consigo uma bagagem única, que é construída no decorrer de sua vida. Através desses corpos é que são revelados trechos da história a que eles pertencem (SOARES, 2001).

Vejamos o que dizem as Normalistas, em relação ao seu corpo na sociedade da referida época:

Olhe, eu direi que era um pouco tímido, e ao mesmo tempo exibido. A gente queria parecer, mas com timidez, um pouco de atitude, um pouco de pudor que não existe mais hoje em dia.¹¹

Ah, tinha que andar com tudo direito, na ordem, muito organizado, a gente não podia ficar com anarquia, era um negócio muito severo, a educação lá na Escola Normal era muito severa, tinha uma bedel pra tomar conta. A forma de sentar era de pernas juntas, não podia tá perna cruzada, professor chamava tanta atenção quando tava qualquer menina desse jeito, era assim muito organizado, muita ordem mesmo! Era por isso que os pais queriam que a gente estudasse lá porque sabiam que a gente ia sair dali com certa formação.¹²

Tendo como base os depoimentos das Normalistas, podemos perceber que o corpo, estava associado à forma de comportamento, era um “corpo social”, nesses dois depoimentos a questão da morfologia corporal foram ausentes, isto é, falando especificamente das formas e contornos corporais, que poderiam chamar atenção, o que poderíamos chamar de:

¹¹ Entrevista realizada com a Normalista Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

¹² Entrevista realizada com a Normalista: Maria José, no dia, 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido. de acordo com o modelo do anexo A.

sensualidade. No depoimento da Normalista Maria do Carmo ela fala da timidez de mostrar esse corpo¹³, já a Normalista Maria José fala da disciplina, dos padrões e das posturas de uma moça em formação na sociedade dos anos dourados.¹⁴

A historicidade do corpo vai de acordo com os momentos vividos de cada indivíduo, perpassando, inclusive, da época onde estão relacionados os costumes, as generalidades culturais, a sociedade, a economia, a moda, a saúde, o esporte, como também os hábitos alimentares.

Conforme Vigarello (2008, p. 303), “[..] corpo reflete a ação de paixões e de sociabilidades: Convergências, tensões, conflitos, exutórios das exaltações locais, ou exibições das distinções, as de uma sociedade categorizada, de práticas socialmente bem confinadas”.

Já para Queiroz e Otta (2000, p. 96), falar de corpo é refletir sobre os padrões culturais estabelecidos no mundo e as transformações que variam nos segmentos sociais. “[...] pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação introduzida na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo”.

Porém, o corpo transcorre pelo pensamento, pelas configurações que o constituem, sobre jeitos e atitudes, perpassa a história e a cultura, diante das vontades, da obrigação e do deleite da vida. Colocar o corpo em expectativa é descobri-lo em diversas ordens e situações.

Na sociedade em que vivemos percebe-se a necessidade de inserir uma perspectiva mais abrangente sobre o corpo, especialmente no que diz respeito ao tratamento dado ao ser humano, que não pode ser considerado como sujeito-objeto, mas sim um sujeito-próprio, que possui uma identidade, capacidades e limitações e, principalmente, dotado de intencionalidade.

Entretanto, pode-se estudar o corpo de várias formas compreendendo que, ao mesmo tempo, ele é a linguagem e seu tradutor, onde ficam registradas as marcas da vida distintas a

¹³ Entrevista oral do anexo J, realizada com a Normalista Maria do Carmo, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A. Onde a mesma nos diz sobre timidez: Porque a educação antiga permitia que a gente usasse essa timidez, você não era atirada, a gente tinha respeito.

¹⁴ Entrevista oral do anexo K, realizada com a Normalista: Maria José, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A. Onde relata sobre o comportamento de uma moça da década de 1950: A educação era muito rígida e as moças eram muito bem comportadas, a pessoa não podia sair com o namorado, geralmente saia com colegas pra passear, dia de domingo de manhã ia assistir a missa e a tarde ia comemorar ali perto eu sempre ia pra praça brincar, se fosse para o cinema geralmente se ia com as mães.

cada momento vivenciado; e o ser humano, por meio dessas experiências vividas por seus gestos ou não, é capaz de definir: respeito, cooperação, limitação, superação dentre outros, pois tudo é corpo e por meio dele realizam-se gestos, expressões e movimentos onde pode ser construída uma visão de mundo (BÓGEA, 2004).

Cada cultura condiciona os seus integrantes no tocante à percepção para pormenores ou fragmentos corporais considerados atraentes ou desagradáveis. Assim sendo, existe uma motivação, baseada na aprendizagem, para melhorar a aparência: pessoas bonitas e bem sucedidas profissional ou economicamente são modelos positivos e seu sucesso é atribuído à beleza, o que confirma a existência de estereótipos sociais (LOURO, 2000).

Levando-se em consideração determinadas fronteiras, cada cultura estabelece sua beleza corporal a seu próprio modo, de acordo com as determinações do grupo. Os indivíduos mantêm um registro de referenciais com respeito à aparência, e as impressões que se têm do outro podem variar de acordo com a apresentação do corpo no meio social. Aquilo que parece fugir a um padrão estabelecido imaginariamente produz formas de rejeição.

Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e idéias da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura (LOURO, 2008, p. 75).

Neste contexto, o corpo é visto como um instrumento, um “suporte”, ou seja, uma estrutura que é utilizada a fim de atingir determinados objetivos, empregando-o como um mero anfitrião e o que importa na verdade são as grandes manifestações corporais do ser humano.

O corpo que hoje percebemos foi produzido de modo adequado a certos regimes e padrões de beleza e subordinação. Nele muitas vezes não havia espaço para o livre desfrute, a criatividade, a transcendência da vida. Para o ideário dessa época, o corpo tinha que obedecer a determinados padrões de beleza. Enquadrar-se nos padrões de beleza ditados pela sociedade foi desejo, e até mesmo o objetivo de vida de diversas mulheres, seja fisicamente (corpo e mente) ou na aparência (maquiagem, cabelo e vestimenta).

Diferentes aspectos de beleza feminina são expressos em artigos de cunho científico, conselhos médicos, dicas e truques para melhor cuidar do corpo, propagandas de produtos que buscam melhorar a aparência física e notas sobre a moda esportiva, afirmando que as práticas corporais embelezam as mulheres ao mesmo tempo que colaboram na aquisição e manutenção de um bom estado de saúde (GOELLNER, 2003, p. 31).

Existe uma necessidade em organizar as naturezas corporais, em estabelecer classificações, padrões, excluindo as formas entendidas como “estranhas”, tentando-se tornar naturais as formas aceitáveis de acordo com um discurso que nasce no seio da sociedade de cada época. Viveu-se uma era em que a liberdade de agir sobre o próprio corpo em nome da beleza não cessou de ser estimulada. Assim, o corpo transformou-se em uma guia na finalidade do processo embelezador.

Figura 7 – Propaganda de remédio, que prometia força e beleza



Fonte: O vigor (1946)¹⁵

¹⁵ Matéria publicada no Diário de Pernambuco em 10 de outubro de 1946, que esta conservado no Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano.

Nesse anúncio, o primeiro parágrafo diz que “Se você está magro e debilitado e se sente nervoso, sem disposição para nada, lembre-se de que tudo isto tem uma causa [...] que pode ser falta de iodo nas glândulas” (O VIGOR..., 1946). Assim podemos perceber que o vigor físico não era só uma questão de beleza como também uma questão de saúde, pois se não tínhamos vigor, é porque estava faltando algum nutriente no corpo e, consequentemente, não estávamos inseridos nos padrões de beleza exigidos pela sociedade. Era muito comum, nessa época, a propaganda de remédios e cosméticos que nos propusessem o vigor e a perfeição do corpo humano.

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, consequentemente, de diferenciação (LOURO, 2000, p. 8).

O Diário de Pernambuco, tinha um caderno especial, chamado de: Suplemento Feminino, onde costumava dar dicas sobre as novidades do lar, da moda, receitas e conselhos para as mulheres. Porém podemos também lembrar que haviam as revistas de beleza e moda, em número bem maior, como por exemplo: a Capricho, Cláudia, e Querida, dedicadas também a esse público-alvo. Tais revistas demonstram os cuidados que a mulher deveria ter com o corpo. O desejo estético e a vaidade estimulados nas mulheres pela mídia impressa e televisiva não deixavam que a mulher esquecesse a posição que seu corpo deveria ocupar na sociedade.

De acordo com Goellner (2003, p. 107), “[...] Estas práticas, apesar de serem incentivadas, estão sujeitas a diversas regras, com a intenção de serem evitadas transgressões além daquelas admitidas como “normais” ao organismo e ao comportamento femininos”.

A construção do corpo no Brasil está associada à centralidade que este corpo adquiriu para determinados segmentos sociais. Pode-se afirmar que o século XX e o início do século XXI serão lembrados como o momento em que o culto ao corpo se tornou verdadeira obsessão, transformando-se em um estilo de vida, pelo menos entre as mulheres das camadas médias urbana (GOLDENBERG, 2005).

A cada década, o corpo ganhou contornos médicos, políticos, econômicos, e tornou mais evidente que a imagem (cinema, televisão, revistas e fotografias) apressava a massificação dos desejos e diminuía a distância entre nacionalidades, raças e credos.

A influência do cinema, sobretudo o americano, é visível quando o assunto é a beleza da mulher. As atrizes são exemplos a serem imitados pela beleza que ostentam, pelo corte dos cabelos, pela maquilagem, pelas roupas que vestem, pela maneira com que se movimentam, pela juventude que emana dos seus corpos bem delineados (GOELLNER, 2003, p. 49).

No início do século XX, a produção em série desenhou a homogeneização dos corpos, padronizando sua aparência, introduzindo os indivíduos numa identidade coletiva, de classe de profissão. As vestimentas, assim como em períodos anteriores, foram novamente às desencadeadoras do processo de significação corporal, servindo de legenda tanto da vida profissional quanto pessoal (SENNETT, 1988).

A magia que os uniformes das Normalistas traziam não podia passar despercebida neste trabalho. Tivemos um passado tido como esplendoroso, a aparência do uniforme das Normalistas fazia com que a aluna fosse verdadeiramente notável pela sociedade, como uma moça de família, de bons costumes e de boa educação, imprimindo o respeito e a simbologia de uma mulher disciplinada e pronta para o casamento.

Esse fardamento, foi muito importante na nossa vida, nos marcou muito, éramos reconhecidas em todo o canto que passávamos, até gostava de usar, pois imprimia o respeito. A farda era assim: Blusa branca com um laço azul, saia de pregas, também na cor azul, com o comprimento abaixo do joelho, na blusa havia um bolso superior que tinha o emblema do IEP, bordado em azul, o sapato era preto e a meia era branca, pronto esse era o fardamento, e que tínhamos que vir com ele completo, pois como já disse; se não viesse não entrávamos.¹⁶

¹⁶ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, constando no anexo Q e autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A, deste trabalho.

Figura 8 – Normalista Norma Rodrigues, com o uniforme do IEP



Fonte: Rodrigues ([1952])

Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador
Minha linda Normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor

Eu que trazia fechado
Dentro do peito guardado
Meu coração sofredor
Estou bastante inclinado
A entregá-lo ao cuidado
Daquele brotinho em flor

Mas, a Normalista linda
Não pode casar ainda
Só depois que se formar [...]
Eu estou apaixonado
O pai da moça é zangado
E o remédio é esperar (GONÇALVES, 2001).

A letra da música de Benedito Lacerda e David Nasser, interpretada na voz de Nelson Gonçalves, “Normalistas”, representa bem a época áurea das Escolas Normais, onde as Normalistas estudavam e davam primazia e zelo aos uniformes, representando assim, a elegância da época, como também o respeito às posições disciplinadoras da família. Nesse sentido, o trecho da letra que diz que “o pai da moça é zangado e o remédio é esperar”

(GONÇALVES, 2001), refere-se ao patriarca. O jeito angelical encantava “os rapazes de coração fechado”, onde o namoro e posteriormente o casamento só poderiam vir depois da formatura; e de acordo com a letra da música, a Normalista é quem iria cuidar do marido e do lar.

[...] Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, *o pilar de sustentação do lar*, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos (LOURO, 2008, p. 447).

É a partir da roupa que muitas vezes se estabelece o primeiro grau de reconhecimento social. O vestuário constitui um símbolo social, possui um valor simbólico. A cor, a forma e a decoração da vestimenta são influenciadas por diversos fatores, designam as convenções, os costumes, a moral e as exigências sociais. Para Louro (2008), o uniforme também era uma questão da normatização do ensino normal. Além das regras para as Normalistas, havia regras para os mestres, onde esses deveriam se vestir de forma discreta e solene.

Ainda Conforme Louro (2008, p. 461), “[...] Constituía-se uma estética e uma ética. Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-os praticamente assexuados, e combinavam-se com a exigência de uma postura discreta e digna”.

Figura 9 – As Normalistas praticando voleibol¹⁷



Fonte: Escola Sylvio Rabello ([1952])

¹⁷ Uma das atividades físicas mais popular e prediletas da Normalistas do IEP, pois a escola não oferecia muitas modalidades esportivas.

Em relação às vestimentas para as aulas de Educação Física, retrata mais uma vez, que o corpo, na década de 1950, não era marcado pela roupa, mas por calções largos que se prendiam acima do joelho de cor azul marinho; a camisa de manga curta, na cor branca e os sapatos eram tênis branco ou azul marinho, com meias brancas. Deixando o corpo livre para os movimentos sem demarcar a silhueta, como mostra a imagem acima.

4.2 A EDUCAÇÃO CORPORAL NA PRIMEIRA DÉCADA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

Como já se foi dito, procedeu-se uma pesquisa documental das fontes preservadas no Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano do Estado de Pernambuco. Com o objetivo de analisar a proposta das práticas corporais, presente nas aulas de Educação Física das Normalistas, diversos tipos de documentos foram pesquisados para impetrarmos subsídios de diferentes naturezas com a finalidade de proceder à análise do tema pesquisado. Portanto para Thompson (2002), o documento é resguardado de acordo com a intencionalidade.

[...] os documentos, haviam sido preservados ou destruídos por pessoas que tinham as mesmas prioridades. Quanto mais um documento fosse pessoal, local ou não-oficial, menor a probabilidade de que continuasse a existir. A própria estrutura do poder funcionava como um grande gravador, que modelava o passado a sua própria imagem (THOMPSON, 2002, p. 23).

Procurou-se encontrar, nos documentos analisados e preservados no Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano, informações sobre a Educação Física. A sua introdução como disciplina na conjuntura da educação desse estabelecimento, e que modelo de educação do corpo foi responsável pela formação das Normalistas do IEP, na sua primeira década.

As informações recolhidas foram obtidas de fontes tais como: Diário Oficial do Estado, relatórios do Governo, planos e propostas de desenvolvimento pedagógico, todos encontrados no Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano, onde foram fotografados, digitalizados e em seguida analisados, também contamos nesse tópico com a oralidade das Normalistas.

Le Goff (2003, p. 9), destaca a superação dos historiadores, a história que começou como um relato, a narração daquele que pode dizer “eu vi, sentir”, reconhecendo que toda a atividade humana tem história, e que escrever sobre essa história dos documentos, volta-se

para a perspectiva da história, seja sobre um determinado assunto, componente, momento, ou mesmo a partir de determinadas referências. Sugere um recorte intencional, principalmente em função da demarcação de um problema.

No aspecto de realizarmos a apreciação da história sobre o tema, foram selecionadas referências de autores que, além de desenvolver estudos na história da Educação Física, possuíram vínculo com a implantação da mesma como disciplina nas escolas públicas brasileiras. Desse modo, foram escolhidos para serem referenciais teóricos, autores como: Castellani Filho (2006), Ferreira Neto (1996), e outros.

Mediante o exposto acima, considera-se importante analisar a história da Educação Física no IEP, pois como uma disciplina que faz parte do contexto educacional e que está intimamente ligada à política educacional, na qual representa uma forte ligação com a sociedade e seus pressupostos, assim para Castellani Filho (2006, p. 25), a Educação Física, “[...] vem sendo refletida por filósofos e educadores de diversos países. Mesmo assim, aqueles que dela fazem seu campo de estudo e pesquisa, associando-a a contextos educacionais mais amplos”.

A disciplina de Educação Física, na década de 1950 também tinha sua importância, tanto que os avisos¹⁸ e as relações dessa disciplina eram formalizados via Diário Oficial, forma essa de organização disciplinadora, afastando o professor ou o chefe de serviço de qualquer argumentação de não saber das convocações para as reuniões, uma vez que foi publicado. Assim, competia a todos a leitura do jornal oficial. Pode-se observar nessa convocação que havia a modalidade de “bola ao ar” na qual podemos chamar hoje de voleibol, prática bastante comum nas aulas do IEP, onde no arquivo desse estabelecimento só havia fotos dessa prática esportiva.

Podemos verificar também nessa Figura 10 a formalização do juiz em seu traje, provavelmente “paletó de linho branco”, na padronização dos uniformes das Normalistas, na roupa, na postura e rigor da mesária, acompanhado igualmente pela plateia, onde as roupas não possuíam maiores decotes e o comprimento das saias sempre abaixo do joelho, como também as blusas não eram de alças e sim de mangas. É visível que essas espectadoras estão com seus olhares para o jogo e são essencialmente femininas.

¹⁸ O aviso de convocação encontra-se no anexo Z, deste trabalho.

As Normalistas eram vistas como “puras”, porque séculos atrás as mulheres eram intangíveis até o casamento. Não se podiam ver “algumas” partes do corpo uns dos outros, pois se estava violando os bons costumes. As pessoas que assim procediam eram consideradas vulgares e impróprias para o convívio em sociedade, de forma que o tabu da nudez condenava a exposição pública de qualquer parte do corpo.

De acordo com Goellner (2000, p.62):

Feminizar a mulher é, sobretudo, feminizar a aparência e o uso do seu corpo. A postura, a voz, o rosto, os músculos, o modo de vestir, de gesticular e exercitar sua sexualidade são sujeitos a vigilâncias e inibições que são internalizadas a partir de uma submissão ao “outro”, sendo este “outro” abstrato, coletivo e imposto.

Figura 10 – As Normalistas em torneio de “bola ao ar” (1949)



Fonte: Escola Sylvio Rabello ([1950])

E foi também através do Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano, que encontramos o regulamento da Educação Física, destacando como deveria ser a implantação e organização dessa disciplina.

Ao observar este regulamento¹⁹, a Educação Física era uma disciplina obrigatória e, se possível, diária, onde a questão do gênero já estava inserida no referido período em que as aulas eram dadas às mulheres, e separadas dos homens, porém vale ressaltar que o IEP, nesse tempo, era exclusivo para o sexo feminino, onde estava inserido o método higienista, e a divisão de turma por homogeneização (características iguais), separando e classificando de acordo com o exame médico.

Conforme Ferreira Netto (1996, p. 16), “[...] os exames fisiológicos e práticos necessários à organização dos grupos homogêneos eram feitos no início e fim do ano letivo e, ainda, nas férias do mês de junho, sendo os resultados inscritos em uma ficha individual que acompanhava o aluno em todo o curso”.

Pelo regulamento, as aulas seriam de acordo com a necessidade das alunas, com exercícios que não sobrepuxessem as suas características, controle que se utilizaria também do tempo, constituindo horários rígidos nas aulas de Educação Física, como podemos observar no regulamento do ensino normal do Estado de Pernambuco.

Para Foucault (2009), os três processos dos horários são: estabelecer as censuras, obrigar a ocupação determinada e regulamentar os ciclos de repetição. Dessa forma, a educação do corpo será abrangida por ordens a que se tem que responder o mais rapidamente possível, tornando o corpo hábil e eficaz.

[...] o controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definidos; impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido (FOUCAULT, 2009, p. 147).

Nesse contexto, ao comentar sobre os processos de regulamentação nas dependências do IEP, percebe-se a questão da disciplina rígida quanto ao cumprimento da organização da fila e do comportamento na sala de aula. Tamanha era a rigidez que qualquer atitude era considerada brincadeira, indisciplinamento, ao ponto de ser suspensa e só entrar com a presença do pai.

Muito rígida muito rígida mesmo, a gente não podia fazer nada, tudo era na fila, tudo certinho, tudo calado e se falasse tirava da fila e ia para o castigo, e ia pra secretaria, e se durante à aula também fizesse alguma coisa o

¹⁹ O regulamento encontra-se no anexo U, deste trabalho.

professor botava para fora e a pessoa era suspensa, se na segunda vez a pessoa fosse chamada a pessoa era suspensa e a menina só entrava com o pai. Aconteceu comigo algumas vezes porque tava cantando, brincando, minha bagunça era mais de brincar e cantar aí eu ficava de castigo e só podia entrar se fosse com o meu pai, aí meu pai foi lá falou aí no outro dia fui pra escola!.²⁰

A disciplina está presente não só nas aulas de Educação Física, porém em outras atividades da Escola Normal de Pernambuco, como podemos observar no relato acima e na imagem abaixo, a disposição das Normalistas em fila e a padronização das roupas no desfile de sete de setembro.

Figura 11 – As Normalistas no desfile cívico de 7 de setembro no Parque 13 de Maio em Recife-PE²¹



Fonte: Escola Sylvio Rabello ([1952])

Na Escola Normal, não era só estudo não, havia também o desfile da juventude como se chamava era no dia 05 de setembro. Esse desfile da juventude era feito pelos colégios, então normalmente o campeão do desfile era o Salesiano como diz a gíria botava pra quebrar, como o Nóbrega queria

²⁰ Entrevista, realizada com a Normalista: Maria José, no dia 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

²¹ Este desfile aconteceu na década de 1950, onde se percebe uma banda musical militar e instrutores masculinos e femininos, porém permanecendo a saia abaixo do joelho, e o laço azul.

fazer força, mas era ali páreo a páreo com o Nóbrega e todos os colégios desfilavam e era considerado o dia da juventude e era muito bonito, porque, por exemplo: A Pinto Jr levava o troféu de melhor da organização justamente porque Dr. Campos Duarte que ficava ali na frente do pelotão pra ver se o laço da fita branca tava tudo naquela posição bem certinha. Desfilei tanto pela Pinto Jr como também pela Escola Normal, estudei nas duas escolas. Não era obrigado desfilar, mas todo mundo ia desfilar, era raro a aluna fazer corpo mole. A gente adorava desfilar, primeiro porque a gente ia vê os meninos da escola militar, os meninos da escola de cadetes, os aprendizes de marinheiro a paquera era muito grande. A farda de gala não era a comum como eu disse, a blusa era de seda, então havia aquela diferença você tinha farda de gala e tinha farda comum. Todos os colégios eram assim.²²

A organização e a disciplina estavam presentes em todo contexto educacional, inclusive no desfile cívico, onde se percebe que estavam vestidas de forma padronizada, nem com roupas curtas, nem decotadas demais, não havendo cores fortes que pudessem chamar atenção. Já a roupa dos instrutores era branca, mantendo o padrão da época. Mesmo que não pudesse chamar atenção as Normalistas pelo relato acima, menciona que havia a intenção de exposição, pela presença dos “meninos da escola militar [...]”.²³

[...] mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 2009, p. 140).

Ainda que esse olhar expusesse as diversas etapas vivenciadas pelo corpo, ele não poderia se esgotar no referencial teórico, requerendo uma ampliação do contexto, para uma reflexão mais profunda desse fenômeno.

Sabemos que não é fácil falar sobre o corpo integral e todas as suas implicações, pois cometeremos sempre o deslize da dualidade corpórea. Existem diversos estudos sobre o corpo, mas é perceptível que a super valorização do corpo aconteceu nos séculos XX e XXI. Agora se nos reportarmos para o período do Renascimento, as mulheres para serem consideradas bonitas apresentavam medidas maiores, visando à reprodução.

²² Entrevista realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

²³ Entrevista: Memória individual do anexo P, realizada com a Normalista Maria do Carmo, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A. Onde a mesma relata sobre o desfile cívico e a intencionalidade da paquera em relação aos meninos da escola militar.

Atualmente, a valorização, considerando o poder simbólico, ganhou destaque em proporções menores quando nos referimos às medidas ao peso; porém vivemos em uma sociedade que, através dos mais diversos meios de comunicação propõe a beleza-padrão. Essa realidade não era diferente para as Normalistas, pois podemos perceber pelas imagens apresentadas ao longo dessa pesquisa, que os corpos das Normalistas eram esguios, as roupas sempre demarcando a cintura, os cabelos quase todos curtos e divididos do lado esquerdo para o direito. Quando era um cabelo de comprimento maior, o mesmo estava preso, mantendo, assim, um padrão de beleza para a referida época.

É nesse padrão que Goellner (2003, p. 34), retrata a beleza feminina. “Responsabilizada pela sua aparência física, a mulher é instigada a participar do universo das práticas corporais, empenhando esforços não só para beneficiar seu estado de saúde como também para ser reconhecida e aprovada pelo olhar masculino”.

De uma maneira geral, a educação do corpo das Normalistas no IEP era vista como uma preparação para a saúde e para o desenvolvimento da nação. Basta observar o regulamento do ensino normal em Pernambuco, normalizando a Educação Física e os corpos femininos, onde o corpo deveria ser classificado, aperfeiçoado e disciplinado para os bons costumes da moral.

E dentro desses padrões de controle e aperfeiçoamento, existiam as alunas guias, que tinham como objetivo contribuir de forma significativa para a apropriação da prática corporal, onde essas alunas se posicionavam na frente do “pelotão” recebendo os comandos da professora de Educação Física e repassava para as demais alunas os exercícios que eram para ser realizados.

Nos relatos das Normalistas ser aluna guia era um privilégio, pois geralmente eram feitos por alunas que se destacavam fisicamente pelo biótipo físico e por suas habilidades e destrezas corporais.

Ser guia era o seguinte, a gente ficava na frente do pelotão e a professora dizia o exercício e as meninas atrás tinha que fazer o meu comando. A professora dizia erguer os braços, aí eu erguia os braços e o pelotão atrás todinho fazia aquilo que eu e ela mandávamos.²⁴

Era aquela aluna que se destacava que fazia a ginástica bem, fazia bem feita e na frente de todos. Eu me orgulhava quando a professora me chamava pra

²⁴ Entrevista realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

ficar na frente, e fazia todos os exercícios, me destacava ficava as meninas tudo formada e eu ficava na frente.²⁵

Ah, Maravilhosas! Geralmente eu ficava como aluna guia, era magrinha, gostava de correr e tinha facilidade de pegar aquele jeito da ginástica: de subir, levantar, baixar, correr, saltar, eu adorava correr, gostava demais de correr e jogava voleibol que era o joguinho principal, esse eu gostava muito!.²⁶

O orgulho em ser aluna era tão grande, que algumas alunas queriam dar continuidade a sua formação sendo professora de Educação Física, mas as habilidades que eram exigidas e uma delas era saber nadar, tal modalidade levou à Normalista Maria José a desistir da graduação em Educação Física.

Era guia, meu sonho era fazer Educação Física não fiz porque tinha medo de nadar, não tinha um exame na piscina? Eu tinha medo, não fiz por causa disso que era rígido na época porque era aquele negócio pegar uma pedra lá no fundo!.²⁷

Outra que relata que gostaria de ter sido professora de Educação Física foi a Normalista Maria do Carmo, porém como já foi abordado nessa pesquisa, o casamento vinha em primeiro plano, deixando a vida escolar e profissional para trás.

Gostava de ser aluna guia, porque eu sempre gostei de educação física. Aliás, era pra ter feito educação física e não fiz porque foi quando eu me casei, aí ele não quis que eu estudassem.²⁸

Neste discurso, permeia a cultura, que a moça não precisava estudar muito, nem sequer trabalhar, bastava ter uma educação escolar básica, visto que nesta educação ela aprenderia a cuidar da casa, do marido e dos filhos, basta ver em outro relato dessa pesquisa, que elas tinham aulas de trabalhos manuais e de puericultura.

[...] Portanto, quando na virada do século, novas disciplinas como puericultura, psicologia ou economia doméstica viam a integrar o

²⁵ Entrevista realizada com a Normalista: Maria José, no dia 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

²⁶ Entrevista realizada com a Normalista: Rosenilda Diniz, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

²⁷ Idem 25.

²⁸ Entrevista realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

currículo dos cursos femininos, representariam, ao mesmo tempo, a introdução de novos conceitos científicos justificados por velhas concepções relativas à essência do que se entendia como feminino (LOURO, 2008, p. 448).

Com esse discurso tido como costume e verdade, a maioria das moças desta época era estimulada a deixar a vida escolar e preparar-se para o casamento. Fração esta opressora e excluidente que permeia em menor instância no século XXI.

Para Louro (1987, p. 63), “O curso normal manteve (na opinião de muitos) a fama de um curso PA “esperar marido”, ou seja, as jovens faziam o normal aguardando que seus namorados e noivos concluíssem a faculdade ou quando não estavam comprometidas, esperavam que isso acontecesse.

Assim, o corpo feminino era socializado e conduzido nos costumes do período, tendo a sociedade manipulando as decisões dos hábitos. O convívio no meio social era o local exemplar de comportamento e privilégio da civilização do povo, consequentemente, havia o controle do mesmo, portanto fazendo parte do processo de consolidação do Estado, vínculo este que pode ser observado no interesse do Estado pela monopolização dos comportamentos e saberes sociais.

E esta monopolização, inserida nas aulas de Educação Física perpassava, inclusive, pelas professoras onde não havia nenhum homem administrando às aulas, possivelmente para não haver nenhum constrangimento ao executar algum exercício que não conduz ao corpo feminino.

Tinham duas professoras que eram irmãs Bau e Bado, tinha outras duas irmãs, estou voltando à fita, que era Clory e outra pessoa que passou pouco tempo com a gente que depois ela foi para o Colégio Damas, e Carmem Monteiro, era técnica, ela não participava muito como professora não, porque aquela época os jogos escolares eram muito acirrados. Então era a gente, Damas e Vera Cruz e a gente brigava mesmo nos jogos. Aí tinha atletismo, tinha voleibol, tinha basquete, tinha essas coisas assim.²⁹

Observa-se, então que no IEP a disciplina Educação Física era ministrada por várias professoras. Uma professora específica para cada atuação, isto é, a Professora Maria do Carmo Monteiro, era a responsável pelo treinamento do Voleibol, juntamente com as irmãs

²⁹ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

Bau e Bado, mas o nome da professora que praticava a ginástica e o alongamento não foi lembrado.

Como percebemos as práticas corporais exerceram uma função dinâmica e que se edificou na corporeidade feminina, a partir de suas relações com a sociedade, conjecturando os valores e os padrões da referida época.

4.3 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA REPÚBLICA POPULISTA (1945-1964), EM PERNAMBUCO

No período abordado foi possível encontrar alguns registros e informações relevantes sobre a disciplina de Educação Física no Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano, contudo não foi possível encontrar registros desta disciplina no arquivo da instituição estudada, assim teremos como fonte as narrativas das Normalistas.

Entendemos por república populista, o período após a Revolução de 30 que se constituiu em uma derivação do regime autoritário criado por Vargas, onde foi crescente a inclusão das camadas populares no processo político sob controle e direção do Estado.

Com a nova ordem político-ecônica, o aumento da população urbana relativamente à rural e o aparecimento de novas ocupações ligadas à vida urbano-industrial, surgem maiores possibilidades de mobilidade social, passando a educação escolar a representar um meio de êxito profissional e de acesso a posições socialmente valorizadas (HAIDAR, 2004, p. 57).

Dentro de todas as organizações ocorridas no setor político, também houve organizações administrativas no Departamento de Ensino em Pernambuco, em relação ao ensino da Educação Física encarregada, inclusive, de incentivar e desenvolver as atividades educativa e de consolidar as referidas atividades não só na Escola Normal, mas sim em todos os estabelecimentos educacionais da esfera estadual. Como foi dito no subitem anterior, havia um manual que tinha como objetivo fiscalizar e orientar o ensino de Educação Física na capital e nos principais centros urbanos do Estado.

Considerar a trajetória histórica da Educação Física é de soberana importância, quando se objetiva entender melhor as transformações que ocorreram ao longo da sua construção. É a reflexão para se basear nas razões que levaram as diversas criações da circunstância atual.

O cenário atual da Educação Física tem procedência em toda a sua história, dentro desse contexto é que devemos levar em consideração a sua construção histórica que fez da Educação Física, dialética e desafiadora, exercendo, intervindo e influenciando diversos

papeis na área do conhecimento humano e um desses motes é abordado por Góis Júnior e Simões (2011), na concepção higienista.

A Educação Física, teria posição central no projeto higienista, inclusive as orientações da área são pautadas nos pressupostos da higiene, pois a sistematização das atividades físicas nasce da demanda higienista de aprimoramento da saúde da população (GÓIS JUNIOR; SIMÕES, 2011, p. 109).

Portanto, no período estudado a concepção de Educação Física ainda era baseada na perspectiva higienista. Nesta concepção, a preocupação central era com os hábitos de higiene e saúde, estimulando o desenvolvimento do físico e da moral.

Os argumentos religiosos e higienistas responsabilizavam a mulher pela manutenção de uma família saudável – no sentido mais amplo do termo. A esse argumentos iriam se juntar, também, os novos conhecimentos de psicologia, acentuando a privacidade familiar e o amor materno com indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional das crianças (LOURO, 2008, p. 454).

Essa concepção está relacionada a nobreza na época do império, ou seja, à moral, à raça, e à higiene beneficiando à corte. A concepção higienista visava não só garantir a manutenção da saúde individual, mas também hábitos saudáveis e higiênicos em toda a população a fim de evitar epidemias que, consequentemente, prejudicaria a produção industrial. A Educação Física era mais um “projeto de assepsia social” do que uma ação educativa.

Pode-se perceber que a Educação Física nasceu de forma imperiosa e, ao longo dos períodos, sempre esteve vinculada como coadjuvante de soluções aos problemas sociais, ou seja, resolver os mais diversos desajustes sociais. Na Educação Física Higienista queria se resolver o problema da saúde pela educação, buscando assim uma sociedade livre de doenças.

Contudo, logo em seguida surge a Educação Física Militarista, que tomou a responsabilidade do desenvolvimento da nação, tendo como finalidade disciplinar a nação com hábitos saudáveis, robustez e como suporte de preparação dos jovens para a guerra, tornando-os com coragem, vitalidade, heroísmo e, acima de tudo, disciplinado, uma vez que predomina a ordem e o progresso da nação, e é neste entendimento que Castellani Filho (2006) nos diz:

Tendo suas origens marcada pela influência das instituições militares – contaminadas pelos princípios positivista e uma das que chamou para si a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção da *ordem social*,

quesito básico à obtenção do almejado *Progresso* – a Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável” indispensável à implantação do processo de desenvolvimento do país (CASTELLANI FILHO, 2006, p. 38, grifo do autor).

Nessa concepção de Educação Física Militarista, havia o processo de seleção e, consequentemente, a divisão dos fracos e fortes, mais uma vez homens submissos, em prol do desenvolvimento do país. Levando-os a uma condução opressora, selecionadora, condutora da própria vida, não levando a criticidade e sim a um ser servil, obediente e submisso. Para Foucault (2009, p.132) “[...] É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”, ou seja, um corpo controlado, disciplinado”.

A disciplina amplia a força em termos econômicos e diminui a resistência que o corpo pode oferecer ao poder. Daí que o corpo tenha sido fonte de utilização econômica e só se tornaria força útil se ao mesmo tempo fossem produtivos, submissos e controlados como objeto e objetivo próprio de determinada instituição.

De acordo com Foucault (2009, p. 133), “[...] Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas”.

Estas duas concepções, a higienista e a militarista na Educação Física, a compreendiam como uma disciplina basicamente prática, não necessitando, portanto, de uma contextualização teórica que lhe desse suporte. Por isso, não havia diferença evidente entre a Educação Física e a instituição militar. Um desses exemplos abordado nessa pesquisa, poderia ser a presença constante de militares no IEP, seja organizando desfiles, ou em sala de aula com disciplinas que tratassesem da moral e da pátria.

Figura 12 – Retratando a presença de militares na sala de aula



Fonte: Escola Sylvio Rabello ([1970])

Outra presença que merece destaque nesse contexto militarista e higienista é a presença de médicos nas instituições educacionais, destacando o controle higienista, que marcaram por várias décadas a prática das atividades físicas nestas instituições. Perpetrando as concentrações de práticas de higienização e disciplinarização de corpos saudáveis. Proporcionando a saúde individual e coletiva da sociedade.

Vejamos o que diz uma das Normalistas entrevistadas, ao ser perguntada como era a aula de Educação Física.

Era uma beleza! Antes do inicio de cada semestre nós tínhamos um médico, o nome dele era Ricardo, ele fazia exame e a gente levava outros exames eles pediam pra ver se a gente podia ou não fazer educação física, porque têm pessoas que têm problemas que impeçam e não podia fazer aí quem tava apta, tinha as aulas de educação física.³⁰

Porém ao longo dos anos se pergunta qual o objetivo da Educação Física, do ponto de vista histórico, pode-se perceber que a mesma representa uma disciplina instigante, por estar ligada à história de qualquer ser humano, neste sentido caminha lado a lado com as mudanças culturais, sendo parte integrante da vida cotidiana, e por isso mesmo em permanente transformações. Todavia vale ressaltar que suas práticas se inserem num contexto social, não se remetendo apenas ao indivíduo isolado ou ao sistema educacional.

Tais interferências sinalizam que a Educação Física no Brasil, acompanhou o conjunto de circunstâncias que estabelecem uma perspectiva favorável às práticas corporais no mundo moderno, desempenhando as instituições escolares papel expressivo no processo, através da incorporação dessa matéria em seus currículos. Mas afinal o que vem a ser currículo?

Quando pensamos no currículo escolar, várias imagens relacionadas à escola podem nos chegar de imediato. Conteúdos escolares e grade curricular talvez sejam as primeiras a se apresentar. Conjunto de conhecimentos que devem ser trabalhados na escola ou de experiências de aprendizagens que vão sendo vivenciadas nas instituições (PADILHA, 2004, p. 117).

A inclusão no currículo da disciplina de educação física proposta por Veríssimo (1985, p. 83), atende às perspectivas provindas do positivismo, segundo as quais seu ensino deve abranger a higiene no intuito de “tornar o homem bom, instruído e forte”. Embora para nossos

³⁰ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

dias discretos, critica o tratamento que se opõe à difusão dos conhecimentos dado às mulheres, inibindo-as do contato com vida social; e, ao contrário, admite necessidade e dever das mulheres acessarem a ciência enciclopédica mínima, “essencial para o conhecimento do mundo e direção da vida” (VERÍSSIMO, 1985, p. 83)), pois são elas o instrumento básico da pedagogia social.

A mulher brasileira, como a de qualquer outra sociedade da mesma civilização, tem de ser mãe, esposa, amiga e companheira do homem, sua aliada na luta da vida, criadora e primeira mestra do filho, confidente e conselheira natural de seu marido, guia de sua prole, dona e reguladora da economia da sua casa, com todos os demais deveres correlativos a cada uma das funções (VERÍSSIMO, 1985, p. 122).

Ao realizar-se este breve percurso de incursão pela história da Educação Física no IEP, no período populista, podemos observar quantos vestígios históricos e educacionais, envolviam as Normalistas, aparecendo para justificar a presença da Educação Física no currículo escolar, porém como mostra no regulamento³¹, a organização e a quantidade de aula era de acordo com o ciclo e, consequentemente, com a idade e as habilidades individuais de cada participante.

Outro fator a ser observado é que pelo regulamento do ensino normal, a Educação Física era obrigatória, porém se observarmos as Figuras 1 e 2, a Educação Física não estava inserida no histórico, levando-nos a uma reflexão a cerca da normatização e o cumprimento da mesma. Na página 10, do regulamento³², também podemos observar, a disposição do nome da disciplina Educação Física vem sempre por último, e que da segunda série para a terceira, a nomenclatura muda (PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, 1952).

O que se conclui neste período das aulas de Educação Física é que os jogos, tinham uma presença muito forte, principalmente o voleibol, e a ginástica era baseada em exercícios que aprimorassem as habilidades físicas, outro fator observado foi o cumprimento do regulamento e a valorização da disciplina por parte do diretor dessa instituição, uma vez que no estabelecimento eram dadas as duas aulas de Educação Física por semana, havia as atividades de treinamento e as Normalistas participavam de campeonatos internos e externo, e

³¹ O regulamento encontra-se no anexo AA e AB, deste trabalho.

³² O regulamento encontra-se no anexo AB, deste trabalho.

em seus relatos não se percebe algum descontento em relação à disciplina e as professoras de Educação física.

Assim falar das Normalistas e da Educação Física, em uma instituição pública e de grande importância para a sociedade pernambucana, é falar também de todos os processos que envolvem o sistema educacional, pois essas mulheres denominadas Normalistas foram as nossas primeiras professoras. Que entraram na cena do sistema educacional e se perpetuou sejam como protagonistas ou como nos dias de hoje como coadjuvante, pois na sociedade, pouco se valoriza a memória vetusta. Onde muitas vezes tenho que explicar o termo Normalista. Por isso mesmo, esta memória contribui para restituir à mulher do tempo presente, o seu lugar de participação e conquistas na história da educação de Pernambuco.

5 A MEMÓRIA ORAL DAS NORMALISTAS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO



Iolete Barros



Maria do Carmo



Maria José



Luiza Fittipaldi



Norma Rodrigues



Rosenilda Diniz

5 A MEMÓRIA ORAL DAS NORMALISTAS NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

Nessas janelas do corredor, a gente gostava de ficar olhando, mas o professor não deixava não, a disciplina aqui era muito rígida, não tinha essa bagunça de o professor sair de sala e os alunos ficarem andando ou bagunçando.

Ah, essa janela me faz lembrar o tempo que eu estudei aqui, onde eu ficava aqui olhando lá para baixo o movimento de um e de outro, correndo o dia todinho, entrando numa aula ou saindo, professor que chegava professor que saía. Muito bom muito bom mesmo, dá muita saudade. Eu tinha catorze anos quando entrei nessa escola.³³

5.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

A intenção é sistematizar e registrar as informações, buscando compreender o movimento da transição histórica da Escola Normal de Pernambuco para o IEP, compreendendo as representações do corpo feminino que estão imbricados nas questões políticas e sociais de uma época, esta apreciação se dará através da metodologia utilizada da história oral, visando aqui como método de produção de fontes para a história da educação.

Os relatos nas entrevistas vivenciadas coletivamente e individualmente, nos mostram as representações sociais, congregadas as questões da comunidade escolar. Pois nos relatos podemos perceber os vieses sociais dessa época, um desses é o casamento e à força do rádio, onde muitas relatam que fugiam da escola para ver o seu artista predileto.

A questão inicial deste capítulo poderia ser a de definir o que seria memória, entretanto não se tem a intenção de defini-la, porque sabemos que esta definição se insere numa instigante polêmica que abrange questões de vários níveis de conhecimentos, que se tem por desígnio o conhecimento científico, abrangendo as experiências dos envolvidos, a elocução, o afetivo e o cognitivo, dentre outras características importantes.

Le Goff (2003), analisa a partir da psicologia, mais a memória coletiva do que a individual, dependendo das diferentes sociedades, porém quando se pensa em passado o autor nos diz que depende do ponto de vista do historiador.

Segundo Le Goff (2003, p. 419), “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às

³³ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

quais o homem pode atualizar as impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas.

Porém Bosi (2010), nos mostra que a memória não é só no âmbito da psicologia, para ela envolve diferentes circunstâncias, incluindo o grau de aproximação entre todas as partes envolvidas, até mesmo o ponto de vista do entrevistador, pois a compreensão, a condução e a análise dos dados dependerão do seu grau de maturidade. Foi por este entendimento que levei às Normalistas a Câmara de Vereadores do Recife a fim de aludir à memória individual e coletiva.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 2010, p. 39).

Entretanto para reavivar a memória Thompson (2002), sugere que as entrevistas sejam coletivas e/ou individuais, pois a história oral permite esse tipo de coleta, uma vez que os papéis de entrevistadora e entrevistadas ficaram evidentes nesta pesquisa, formando assim um trabalho em equipe, onde as abordagens foram feitas de forma planejada, no qual foi dito no segundo capítulo que as entrevistas foram visitas, configurando assim uma flexibilidade na coleta de dados.

[...] No caso de um projeto escolar, ou de uma história oral de comunidade, o trabalho coletivo de reunião do material oral pode ser uma experiência tão valiosa quanto a própria gravação. Num projeto de comunidade, os idosos podem gravar as lembranças uns dos outros, discuti-las entre si, decidir o que escolher para publicar, corrigir e elaborar os textos escritos, e assim por diante (THOMPSON, 2002, p. 302).

A participação coletiva foi fundamental, inclusive no que seria transscrito e com esse estudo não foi diferente, logo após o possível encerramento, vinham às conversas informais, e foi nesse diálogo, que afloraram diversas informações, porém elas não foram totalmente transcritas, onde foi acordado com as Normalistas que determinados assuntos não seriam publicados, tendo também como objetivo de delimitação do foco, pois os relatos foram além do que se buscava, onde as Normalistas, contavam diversas passagens da sua vida escolar e pessoal, podemos perceber essa quantidade de informações com o número de horas gravadas,

no quadro de relação técnica do registro dos dados coletados no capítulo dois deste trabalho, já no quadro abaixo, podemos observar alguns pontos em comum das Normalistas.

Quadro 3 – Demonstrativo da Vida Acadêmica das Normalistas, na Primeira Década do IEP

Participação na transição da Escola Normal oficial para o IEP	01	
Aprovação no exame de admissão	No primeiro exame	04
	No segundo exame	01
	Não fez o exame	01
Tempo de permanência na instituição	Iolete	07 anos
	Luiza	07 anos
	Maria do Carmo	02 anos
	Maria José	02 anos
	Norma	06 anos
	Rosenilda	01 ano
Alunas guias	04	
Atividades físicas mais praticadas	Atletismo Basquetebol Ginástica (exercícios físicos) Voleibol	
Carreira profissional	Iolete	Secretária
	Luiza	Dona de Casa
	Maria do Carmo	Orientação educacional
	Maria José	Orientação educacional
	Norma	Orientação educacional
	Rosenilda	Comerciante

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

Ao observarmos o quadro 3, podemos intuir a dinâmica que foi a vida escolar das Normalistas entrevistadas, cada uma com suas características, mesmo tendo em comum a primeira década do IEP e o gênero feminino. Percebemos que quatro passaram na primeira vez que fizeram o teste de admissão, apesar dos relatos demonstrarem que o teste era difícil, entretanto esse resultado nos mostra que não era impossível, e que uma delas entrou com uma vaga que havia, através de conhecimento político. Iolete e Luiza foram as que passaram mais tempo estudando nessa instituição seguida por Norma que passou seis anos; O orgulho que tiveram ao serem alunas guias, onde das seis entrevistadas quatro foram alunas guias, nos

depoimentos elas expõem as suas habilidades e que tinham o corpo belo, e como eram as dinâmicas das aulas de Educação e das atividades esportivas.

Quando eu entrei, eu era uma menina de catorze anos uma jovem em formação, aí sai de lá já moça feita e claro que têm aquelas mudanças normal da adolescência, e todos diziam que eu, não era de se jogar fora! Eu era jovem, toda arrumadinha, bonitinha e coisa e tal, na época meu cabelo era muito grande, passava da cintura, fazia umas tranças, andava toda pronta, só você vendo! Quando chegava à escola eu ia jogar, aí saia da escola desmantelada.³⁴

E por final as vidas profissionais, apesar da bibliografia estudada retratar que o papel principal das adolescentes daquela época era o de ser dona de casa, esposa e mãe, as Normalistas entrevistadas, além desse perfil, também adotaram paralelamente sua vida profissional, exceto a Normalista Luiza, que seguiu a vida sem trabalhar fora do lar.

Entrevistadora: E você seguiu a carreira de professora?

Luiza: Não!

Entrevistadora: Por que não trabalhou?

Luiza: Porque meu pai não deixou e depois que eu me casei meu marido também não deixou!

Entrevistadora: E aí, você se sente bem?

Luiza: Não, porque naquela época a gente tinha que obedecer aos pais aquelas coisas todas, se fosse hoje à mentalidade que eu tenho as coisas eram muito diferentes, mas naquela época eu fui atrás da cabeça do meu pai, do meu marido e hoje estou assim.³⁵

E nesta situação, ao fazer as transcrições, foi percebido o sentido aprazível da história oral, a beleza das palavras e as vivências de uma época, em que o orgulho de ter estudado na Escola Normal e no IEP, o status e a formação superaram a disciplina rígida dessa instituição, mas teve-se cuidado na transferência da forma oral para o escrito, não mudando o sentido do pensamento das entrevistadas, pois há uma variação de entendimento na audição, porque nem todas às vezes falamos da mesma forma que escrevemos, porém cabe ao pesquisador transcrevê-la na íntegra, sem perder os detalhes, pois estes muitas vezes não encontramos nos documentos oficiais.

³⁴ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

³⁵ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi, no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecida, de acordo com o modelo do anexo A.

[...] Leva-se muito mais tempo para escutar do que para ler, e se o que foi gravado tiver que ser citado num livro ou artigo, é preciso primeiro fazer uma transcrição. Por outro lado, a gravação é um registro muito mais fidedigno e preciso de um encontro do que um registro simplesmente escrito (THOMPSON, 2002, p. 146)

Transcrever e contar as histórias das Normalistas, através da sua memória, é explicar esse trajeto, não só das suas bases educacionais, como também das sociais, uma vez que a educação está inserida na sociedade, e a forma de comportamento está imbricada em ambas as instâncias citadas acima, é uma escolha funcional, onde os caminhos percorridos estão ligados às questões da formação pessoal de cada aluna entrevistada, ou seja, está relacionada como uma parte da sua história de vida.

[...] A vida individual é o veículo concreto da experiência histórica. Além disso, a evidência, em cada história de vida, só pode ser plenamente compreendida como parte da vida como um todo. Porém, para tornar possível a generalização, temos que extrair a evidência sobre cada tema de uma série de entrevistas, remontando-a para enxergá-la de um novo ângulo (THOMPSON, 2002, p. 302).

E foi nesse contexto que foram feitos questionários: Oral e escrito, visitas individuais e coletivas a Câmara. Pois como temos por objetivo de pesquisa, analisar a proposta da cultura corporal, e sabendo que o corpo não é só aflijido na educação física, onde o mesmo faz parte de todo o contexto histórico de vida, foi que as perguntas foram feitas, de forma generalizada e específica, a fim de abranger a pluralidade dessa temática.

5.2 O QUE DIZEM AS NORMALISTAS

5.2.1 A visita a Câmara

Ao visitarem o antigo IEP, onde inicialmente era a Escola Normal oficial de Pernambuco, logo na entrada elas foram unâimes em dizer o quanto a fachada tinha sido mudada, e em nenhum momento houve impacto de repúdio ao entrar na Câmara.

É tempo de Lembrar [...] Hoje eu tenho setenta e dois anos, Meu nome é Luíza Fittipaldi, nasci em vinte e cinco de agosto de mil novecentos e trinta e oito, esse lugar me traz muitas recordações, o que me levou a estudar aqui foi à aprendizagem, porque podíamos fazer vestibular sem problema e assim entraríamos na universidade, ter uma boa formatura era isso que eu queria.³⁶

A escola era grande, muito espaço, várias salas de aulas, tinha na entrada a escadaria, no lado direito a secretaria, o secretário chamava-se Fernando, o responsável pela matrícula, notas, etc. A secretária chefe D. Benvinda, responsável pela entrada dos alunos. 1º turno 8:00 as 12:00, caso atrasasse 10m, voltava para casa e se continuasse atrasando só entraria com os pais. Era muito rigorosa a disciplina, pra entra na sala de aula, ia na fila em silêncio.³⁷

Figura 13 – Visita Coletiva com as seis Normalistas a Câmara dos Vereadores do Recife



Fonte: O Autor, 2012

³⁶ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

³⁷ Entrevista realizada com a Normalista: Maria José, no dia 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

O que se percebeu nos relatos é que o controle era constante, através da chefe de disciplina D. Luiza, da Bedel D. Benvinda, dos professores e do Diretor Dárcio Rabello, mas a alegria em visitar a escola que foi referência de uma época, é revelada a cada passo dado na Câmara dos Vereadores.

E foi através desses relatos que foi possível conhecer aspectos do cotidiano dessa instituição escolar, não registrados em documentos oficiais, e sim na memória das Normalistas, onde seus relatos deixam transparecer vestígios de uma época que prevaleciam valores morais, cívicos e religiosos.

É nessa concepção de história oral que essa pesquisa se reconhece, especialmente na abertura do diálogo das Normalistas, deixando-as livres para relatar como era o IEP na sua primeira década, inclusive a sua estrutura física, pois se desconhece referência bibliográfica que relate como foi a primeira estrutura física dessa instituição, daí o valor que se foi dado a essas entrevistas.

Pois bem! Aqui é à entrada do antigo IEP, aqui à direita ficava a secretaria mais adiante tem ou tinha uma escada e embaixo ficava o birô da D. Benvinda, que era a vigilante e ficava tomando as carteirinhas da gente para carimbar as cadernetas. Pronto!³⁸

Bem aqui na frente o que modificou foram às grades que botaram aí, não existiam essas grades, mas a frente continua a mesma não foi muito modificada, o acesso dos alunos nunca era pela porta principal, era sempre pela lateral, porque a porta principal era dos professores e a gente era sempre pela lateral, a menos que a gente vinha correndo muito doida ou atrasada, aí assim que a gente entrava tinha a bedel que ficava sentada na porta.³⁹

Entrando aqui na Câmara posso afirmar que não tinha esse tipo grade, o que havia era um murinho que a gente se sentava e ficava aqui depois das aulas, ou antes, das aulas começarem. O bonde passa aqui na frente. A gente gostava muito de ver o bonde passar com as outras pessoas, às vezes quando não tinha uma aula, e não tinha outra coisa para fazer, íamos embora passear no cinema, na sorveteria Xaxá, mais tudo era muito gostoso, cheio de alunas sentadinhas, esperando a entrada ou a saída das aulas.⁴⁰

Muita coisa mudou, a entrada é essa mesmo, porém não havia essas grades, aqui na frente ficavam tantos rapazinhos que a gente paquerava! Do lado direito nessa entrada principal ficava a Secretaria, e a Biblioteca era desse lado, acho que não me lembro bem, mas o salão era desse tamanho mesmo.

³⁸ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

³⁹ Entrevista realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁴⁰ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

Aqui próximo a escada ficava o birô de D. Benvinda, que tinha a função de olhar se a gente estava fardada, era durona D. Benvinda.⁴¹

As vivências das Normalistas são destacadas por uma harmonia, mesmo havendo uma questão temporal diferenciada, pois nesse estudo foi analisado a primeira década do IEP, e cada aluna estudou em um determinado tempo, sem falar também das questões sociais que as diferenciavam, porém um dos tópicos que elas têm em comum era o diretor e Professor de Geografia, Dr. Dárcio Rabello.

5.2.2 O diretor de uma época

Nessa acepção, apesar de cada aluna ter vivido o seu momento no IEP, elas relatam vivências em comum com seus professores, amigas, e com o Diretor Dárcio Rabello, pois pelo que elas informaram o mesmo estava presente em todo o tempo da sua trajetória no IEP, aspecto esse, que é relatado em documento dessa instituição, onde o mesmo foi diretor de 1946 a 1947, e de 1950 a 1958, sendo a direção exercida pelo Sr. Estevão de Meneses Pinto, no intervalo de 1948 a 1950.

Quanto mais significativo um nome ou um rosto, maior a probabilidade de que seja lembrado; os outros é que são gradualmente descartados da memória por um ‘processo muito lento de esquecimento’.

O processo da memória depende, pois, não só da capacidade de compreensão do indivíduo, mas também de seu interesse. Assim é muito mais provável que uma lembrança seja precisa quando corresponde a um interesse e necessidade social (THOMPSON, 2002, p. 152).

Relembrando um pouco desta trajetória, torna-se importante destacar pela memória das Normalistas, a pessoa do Professor de geografia e diretor Dárcio de Lyra Rabello, que foi responsável pela formação, administração, organização e disciplina do IEP.

Eu me recordo dos professores e Dr. Dárcio Rabelo era professor de geografia, quando ele chegava na sala para dizer aula, todas se levantavam, ele falava muito enérgico, muito sisudo, muito sério, mas ele era uma boa pessoa, e era a autoridade máxima na escola, ele também era diretor.⁴²

⁴¹ Entrevista realizada com a Normalista: Rosenilda Diniz, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A

⁴² Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

Nessa fala pode-se perceber que Dárcio Rabello, estava inserido em todos os aspectos da instituição, e mesmo com a postura rigorosa, a disciplina excessiva, e as avaliações orais e escritas, e a constante participação da instituição em eventos sociais, como: Desfile cívico, jogos escolares, missas e exposição ao final do ano, as alunas o apontam com competência, com alto nível de conhecimento, com uma boa postura pedagógica e administrativa, mesmo estando em diversas atribuições, pois até mesmo o resultado do teste de admissão era ele quem anunciaava.

Quem falou nome, por nome do resultado do teste de admissão, foi o Dr. Dárcio Rabello, esse teste era muito difícil de passar, ele saiu dizendo oralmente a nota e dizendo quem passou e quem não passou.⁴³

Porém a disciplina e rigor que o Senhor Diretor Dárcio Rabello exercia, não era postura própria, ela estava embasada no Regulamento do Ensino Normal do Estado de Pernambuco, normatizado pela Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, onde em cada capítulo era discernida a organização escolar, a finalidade, a estrutura, a vida escolar (Regime escolar e didático), e das disposições gerais e transitórias.

Onde no parágrafo único dizia que:

Compete ao diretor presidir o funcionamento dos serviços escolares, aos trabalhos letivos, as atividades dos alunos, e às relações da comunidade escolar e com a vida exterior, velando por que se cumpra, no âmbito de sua ação, o plano educacional vigente no país, e paralelamente no estado (PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, 1952, p. 26).

Assim sendo, essa ideia se embasava no modelo de centralização e verticalização, ou seja, um modelo de hierarquia e interesses. Onde o poder decisório estava nas esferas da política local e nacional, modelo este, enraizado nas escolas públicas e que nesse mesmo estatuto no capítulo II, vem atribuindo os direitos e obrigações do professores, e sobre eles que vamos nos debruçar (PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura, 1952).

5.2.3 Os professores, catedráticos, mestres, maestro e doutores

⁴³ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

Em relação aos professores, elas ressaltam como foram importantes na sua formação, pois informam que os mesmos eram catedráticos, médicos, maestros, homens da cultura e da política pernambucana. De acordo com os relatos das Normalistas, os professores eram sisudos, muito cultos e bem exigentes, ainda relatam que na Escola Normal, havia algumas professoras, mas os homens eram em maior número. O termo catedrático era dado ao professor titular, consequentemente aos que tinham um maior conhecimento sobre determinado assunto.

Os professores da época eram professores Catedráticos, não os mesmo de hoje! O estudo era bem mais avançado, vamos ver se eu me lembro dos nomes dos professores: Mauro Mota foi meu professor de Geografia, eu estudei com André Souza Leão, Valdemar de Oliveira, Reinaldo Oliveira, este eu tinha medo, é um dos fundadores do teatro aí e tinha José Lourenço, tinha Lucilo Ávila em latim e tinha Audo Nadler em francês, tinha Arnaldo em química, tinha José Brasileiro Vila Nova que era de português, Moacir Albuquerque, Então, quando eles entravam na sala a gente se levantava! Eles davam aula de paletó e gravata ou então de gravata e manga comprida e um jaleco. A disciplina era muita rígida, nós tínhamos um professor de Puericultura, é uma disciplina que ensina a cuidar de crianças, esse professor era Dr. Armando Meira Lins era um médico famoso dessa família Meira Lins.⁴⁴

A seleção era muito grande, os professores daqui todos eram Catedráticos. Nós tivemos aqui: Mauro Mota, Moacir Albuquerque, Darcio Rabello, que era professor de geografia, Dr. Ruy Belo, Milton Mello, que era professor de Francês, André Carneiro Leão pai e filho, também havia professora mulher que era Dona Heloísa que ensinava francês, mas eram poucas as professoras, a maioria eram homens.⁴⁵

⁴⁴ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁴⁵ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

Quadro 4 – Relação nominal de alguns professores (as), elaborado pelas Normalistas Iolete Barros e Norma Rodrigues

PROFESSOR	DISCIPLINA
Alto Nadler	Francês
Amaro Ferreira	Geografia
Amaro Quintas	História
André Gustavo Carneiro Leão	Matemática
Armando Meira Lins	Ciências Biológicas
Bado	Educação Física
Bau	Educação Física
Dárcio de Lyra Rabello (Prof./Diretor)	Geografia
Fernando de Oliveira Mota	Sociologia
José Brasileiro Vila Nova	Português
Lucilo Ávila	Latim/Português
Manoel Correia	Geografia
Maria do Carmo Monteiro	Educação Física
Maria Luiza Fontainha de Abreu	Artes Manuais
Maria Luiza Maranhão Guimarães	Educação Doméstica/Puericultura
Mário Persivo Cunha	Desenho
Mauro Mota	Geografia
Moacir Carneiro Leão	Matemática
Moacir de Albuquerque	Português
Nelson Saldanha	Filosofia
Reinaldo de Oliveira	Ciências Biológicas
Ruy de Ayres Bello	Português
Salomão Jaroslavsky	Química
Sylvio Rabello	Psicologia
Tadeu Rocha	Geografia
Vicente Fittipaldi (Maestro)	Música
Waldemar Valente	Ciências Biológicas

Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

Pelos depoimentos das ex-alunas, podemos perceber também, que os professores passavam mais tempo nessa função e nessa instituição, mesmo tendo outras ocupações, como: Médico, Maestro e Ator, ou seja, exerciam uma estabilidade na vida acadêmica.

Os profissionais de ensino que, nos anos 50, ali pontificavam, carregavam o título de “catedráticos”, eram escritores, cientistas com trabalhos publicados, autores renomados de livros didáticos de ampla circulação, jornalistas, conferencistas costumazes, membros da Academia Pernambucana de Letras, do Instituto Histórico ou da Sociedade de Medicina, professores das faculdades “nobres” (medicina, direito ou engenharia); eram, antes de tudo, “homens de cultura”, portadores de bens simbólicos que os faziam reconhecidos no ambiente cultural da cidade e do estado (BARROSO FILHO, 2001, p. 234)

Percebe-se marcas de uma época, valores e preceitos morais como a caridade e a solidariedade aparecem associados às figuras dos professores como sendo um exemplo de conduta a ser seguido.

O exercício da docência era com rigor e respeito, fazendo desta instituição um local de credibilidade, e neste contexto também está inserido o processo avaliativo, não só ao ingressar nesse estabelecimento com o teste de admissão, como também durante a trajetória escolar, eludindo a seletividade, onde as avaliações orais e escritas feitas pelos professores, eram com austeridade e seriedade, no qual a visão de aprovação ou reprovação eram vistas no mesmo patamar, ou seja, a reprovação ao contrário de algumas correntes pedagógicas atuais, eram vistas como sinônimo de excelência e competência de ensino.

Lá, era um colégio que ensinava muito bem, só os professores renomados é que ensinavam lá. Era aquele regime, quem não estudava era reprovada, a média era sete, tinha que estudar mesmo porque senão não passava, só passava ali quem sabia mesmo, era esse o regime.⁴⁶

Nesse auditório onde o professor dava aula de música, também aconteciam as provas orais, provas escritas, qualquer disciplina a gente tinha prova oral, e era tudo sorteado na hora da aula, eles davam todos os assuntos para a gente estudar e botava os papeizinhos dentro da urna e você sorteava o assunto.⁴⁷

Estou lembrando uma coisa inédita, Dr. Dárcio Rabello me defendendo. Na hora da prova não sei o que aconteceu, eu tive uma crise de riso no fim do ano, porque tinha prova oral e depois escrita, aí eu olhei para o Professor Mauro Mota e não parei mais de rir, quanto mais ele falava, eu sorria, eu não conseguia ficar séria de jeito nenhum, eu por dentro queria me calar mais não conseguia.

Depois o mesmo foi falar com Dr. Dárcio, que não tinha conseguido me ouvir, aí Dr. Dárcio me defendeu, dizendo a ele que não era pra você ter feito isso, porque ficou forçando com muitas perguntas? Aí Dr. Dárcio disse, a menina tá tendo uma crise nervosa você devia sair com ela para o pátio, você devia sair com ela conversando, aí você conseguia o que você queria, mas ela assim não vai responder nada.⁴⁸

Todavia, no relato da Normalista Rosenilda, ela deixa claro que o sistema era rigoroso, porém elogia o Professor Dárcio Rabello, por sua sensibilidade ao observar o seu nervosismo fruto da disciplina e do rigor do sistema educacional daquela época. Acentuando esse rigor de

⁴⁶ Entrevista realizada com a Normalista: Maria José, no dia 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁴⁷ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁴⁸ Entrevista realizada com a Normalista: Rosenilda Diniz, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

disciplina e avaliação as Normalistas Maria José e Norma ressaltam a reprovação e os tipos de prova, entretanto Maria José culpa a reprovação, pela falta de estudo e a aprovação para aquelas que se dedicavam as tarefas exigidas e estudavam muito, ou seja, alunas dignas de frequentar a antiga Escola Normal oficial de Pernambuco.

Nas representações de cada professor do IEP, as Normalistas os diferenciam de médico, ator e maestro, porém sempre os relacionando com as matérias que ensinavam, ressaltando também suas características físicas, pessoais, e a postura em sala de aula, onde é ressaltado o conhecimento e a disciplina, mesmo o porte físico impressionando-as, eles não eram explicitados nesta instituição.

Para as aulas de Educação física, tinha os professores, um médico que ficava numa sala aqui embaixo, aí ele fazia o exame para poder a gente saber se podia ou não fazer educação física e jogar. Aí ele dava o atestado se a gente podia ou não podia fazer. O nome dele era Ricardo era um morenão alto, bonito, dava pro gasto!.⁴⁹

Sá Barreto era professor de latim, tinha Lourival Villa Nova professor de português, Vicente Fittipaldi não era é meu parente, oras! Desculpe! Mas o Prof. Vicente dava aula de música lá em cima, adorava fazer o coral para as apresentações, tinha aula de religião também, que era dada pelo padre, ah o padre! Ele já faleceu, o nome dele era João Olympio. Ele era até padre da igreja de Santo Amaro aquela igreja lá de Santo Amaro.

tinha D. Rosilda que era também professora de matemática, tinha Ivan Loureiro que também era professor de matemática, tinha Mauro Mota que era professor de geografia, tinha quem mais [...]. Acho que eu não me lembro mais! Sá Barreto que era professor de latim.⁵⁰

Em outro relato podemos perceber que não havia nenhuma aproximação entre professores e alunas.

A relação dos professores era aquela disciplina rígida, eles respeitavam muitos os alunos e não tinha brincadeira, era aquela rigidez, ninguém se aproximava dos professores a não ser para fazer pergunta sobre o assunto que ele estava dando na aula.⁵¹

⁴⁹ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁵⁰ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁵¹ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

A professora de artes D. Naíde, também é citada pelas Normalistas Rosenilda e Maria José, a disciplina de artes era realizada em uma sala própria, e tinha como objetivo ensinar bordados manuais e artesanatos com diversos tipos de materiais.

Figura 14 – Festa do final do ano com a exposição dos trabalhos manuais



Fonte: Escola Sylvio Rabello ([1946])

As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como “o objetivo” de vida de todas as jovens solteiras (BASSANEZI, 2008, p. 610).

Mais uma vez podemos observar que a disciplina de trabalhos manuais, diferentemente de Educação Física, encontrava-se no currículo e no histórico, como mostra a figura 1, porém só foi ofertada na 1^a e 2^a série do primeiro ciclo. Salientando que a mesma não esta no histórico escolar do segundo ciclo, igualmente com Educação Física, vejamos abaixo, as argumentações da Normalistas em relação a essa disciplina de Trabalhos Manuais.

O que me impressionou foi tudo, eu gostava de tudo ali na escola! Eu gostava de trabalhos manuais que eu aprendia muita coisa com trabalhos manuais.⁵²

Menina, ela ensinava pontos de bordados, ponto cheio, ponto de cruz, mas isso muitas vezes uma ensinava a outra..⁵³

Prosseguindo com os relatos sobre os professores, a Normalista Iolete, nos retrata que os professores além da disciplina rigorosa também tinham autonomia para tomar decisões, foi o caso do professor de puericultura, disciplina essa que tinha como objetivo o desenvolvimento físico e mental das crianças, em que Dr. Armando Meira Lins tomou a iniciativa de se retirar da sala, por falta de disciplina das alunas.

Nós tínhamos um professor de Puericultura, é uma disciplina que ensina a cuidar de crianças, esse professor era Dr. Armando Meira Lins era um médico famoso dessa família Meira Lins.

Pois bem e quando foi um dia ele chegou para dí aula nós estávamos na maior bagunça, aí ele entrou quando ele entrou ninguém respondeu, porque estávamos nas janelas, aí ele cumprimentou duas vezes e nós ficamos meio assim, ele não teve dúvida pegou a cadernetinha porque ele fazia a chamada diariamente, e tinha também umas perguntas surpresas ele dava aula e na aula seguinte ou então no final da aula ele fazia perguntas que era para nota, sobre a matéria que foi dada. Pois bem! Aí ele não teve dúvida botou a cadernetinha debaixo do braço deu meia volta e foi para a secretaria, e disse que as meninas estão na bagunça aí o pessoal da secretaria disse: não é possível, não acredito! Aí foi o que aconteceu aí achou pouco falou com o vice-diretor e ele disse: Não acredito umas moças fazerem um negócio desses, Doutor! Aí ele foi embora pra casa e não veio mais, só vinha quando agente tivesse uma suspensão, tivesse alguma coisa porque em função de nossa turma ele foi chamado de mentiroso.⁵⁴

É de notar que os professores do IEP ocupavam mais de uma função, principalmente a de médico e a de professor, e neste caso o sentimento de injustiça da área administrativa e a indisciplina por parte das alunas deste médico professor, o levaram a se ausentar da instituição até que as mesmas fossem até a sua residência pedi-lhe desculpa, sobrepondo os níveis de exigência e rigor por ele imposto. Só depois que as alunas foram a sua residência é que o mesmo voltou a lecionar.

⁵² Entrevista realizada com a Normalista: Maria José, no dia 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁵³ Entrevista realizada com a Normalista: Rosenilda Diniz, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁵⁴ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

5.2.4 O momento da disciplina

Não deve ser difícil de imaginar o que representou à disciplina na primeira década do IEP, entre as pessoas que trabalhavam nos processos administrativos do Instituto, os professores e as alunas.

Neste aspecto iremos começar com D. Benvinda, que era a funcionária responsável pela disciplina fora da sala de aula, através dela era que as alunas tinham o primeiro contato na instituição, esta recebia as alunas vigiando e observando se o fardamento estava completo, a organização das filas na entrada e na saída, e o recebimento das cadernetinhas, para carimbar a presença. Sem falar que a mesma também auxiliava com a disciplina nos corredores.

Conforme Foucault (2009, p. 168), “[...] Vigiar torna-se então uma função definida, mas deve fazer parte integrante do processo de produção; deve duplicá-lo em todo o seu comprimento. Um pessoal especializado torna-se indispensável, constantemente presente”.

D. Benvinda teve uma presença tão marcante na vida das Normalistas, que a mesma foi relatada quase com unanimidade em todas as entrevistas, desde a sua forma física, como também a eficiência da função exercida.

Nos corredores da escola a gente só ia na hora de entrar na sala de aula e sair de sala de aula, porque as censoras e principalmente D. Benvinda, não permitiam que os alunos ficassem correndo pelo pátio.⁵⁵

Tinha a secretaria, Tinha as escadarias e quando subia do lado direito tinha a secretaria, na época o Secretário era Marcos Fernando, lá onde ia saber as notas, o problema de comportamento, e também se ia pra lá de castigo se fizesse qualquer desordem e tinha D. Benvinda que era uma senhora baixa, gorda tomava conta da gente na hora de ir para salas, e se fazia as filas.⁵⁶

Pois bem! Aqui é à entrada do antigo IEP, aqui a direita ficava a secretaria mais adiante tem ou tinha uma escada e embaixo ficava o birô da D. Benvinda, que era a vigilante e ficava tomando as carteirinhas da gente para carimbar as cadernetas.⁵⁷

Subindo aqui as escadas da entrada principal, era a sala da Secretaria do lado direito, e logo após ficava sentadinha uma senhora com o nome D. Benvinda baixinha, gordinha que olhava os fardamentos da gente se você não viesse

⁵⁵ Entrevista realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁵⁶ Entrevista realizada com a Normalista: Maria José, no dia 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁵⁷ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

adequadamente vestida do sapato, a saia ou a blusa, e se viesse um pouquinho amassada voltava pra casa, não entrava!.⁵⁸

Aqui próximo a escada ficava o birô de D. Benvinda, que tinha a função de olhar se a gente estava fardada, era durona D. Benvinda.

A gente não podia fazer muita algazarra, nem na escada nem em lugar algum, porque D. Benvinda estava nos olhando, tinha que entrar todas direitinhas, comportadas, não era para fazer bagunça..⁵⁹

Porém a exceção vem com a Normalista Iolete, pois a mesma estudou no final da primeira década do IEP, no entanto mesmo sendo outra pessoa na função de “disciplinadora”, D. Luzia, cumpria as mesmas atribuições do cargo que era exercido por D. Benvinda, buscando a ordem, e excluindo as condutas impróprias, isto é, a conservação da disciplina, a fim de manter a harmonia e a excelência no ensino.

Tinha uma chefa de disciplina com o nome de dona Luzia, essa daí era durona mesmo, então ela ficava ali em pé e perto da escada, olhando todo mundo que entrava para ver a farda de todas as alunas, porque a gente não podia entrar de farda diferente, tinha que ser tudo completinho nem o tênis da Educação Física a gente podia entrar, só mudava na hora da aula.⁶⁰

D. Benvinda e D. Luzia exerciam a função de Bedel, que eram os funcionários que tinham a desempenho de cuidar da disciplina e a perfeita organização dessa instituição, onde esses cumpriam as ordens dos gestores e dos professores, impedindo-as de qualquer procedimento que não viesse a conduzir a moral e os bons costumes, respondendo assim aos anseios sociais e o cumprimento do regulamento do ensino normal.

De cunho disciplinar e de vigilância, estes elementos estavam imbricados em todas as esferas e relações do IEP, sobrepondo às relações de poder e de saber, imprimindo suas marcas, em um dado momento histórico, onde a disciplina também se dava além dos muros da escola.

[...] As práticas normativas constituíam um conjunto de critérios que iria permitir àquelas jovens se auto-examinarem e julgarem suas próprias condutas. Elas carregariam, *com elas*, a escola para além dos muros; a instituição faria, agora, parte delas. Elas se tornariam capazes de se autogovernar, exatamente por terem incorporado as normas e tecnologias de governo da instituição e da sociedade (LOURO, 2008, p. 461, grifo do autor).

⁵⁸ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁵⁹ Entrevista realizada com a Normalista: Rosenilda Diniz, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁶⁰ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

Vejamos esse relato da Normalista, sobre o comportamento de uma moça de respeito, onde era baseado nos princípios que lhe eram passados por seus familiares, esse princípios estavam presentes em todos os momentos das Normalistas.

Não tinha aquela algazarra, não se conversava de tudo, quando o professor entrava na sala a gente se levantava e só se sentava quando ele autorizava a gente a sentar. Existia o respeito a gente não fazia aquilo porque era obrigado, era respeito que se tinha com professores, com as pessoas de mais idade dentro da escola e fora também, era isso que a gente aprendia com as nossas famílias.⁶¹

A disciplina da escola, não se diferenciava da rigorosa disciplina familiar, um procedimento era continuidade do outro, isto é, para serem valorizadas e respeitadas, elas não podiam desrespeitar as normas estabelecidas do convívio social.

Como eu disse lá na frente muito bem comportada! Os namoros, os passeios, as festas que a gente ia era muito divertida, muito sadia, muito bom! E sempre íamos na companhia de pessoas mais velhas.⁶²

Eu fazia parte de uma sociedade na qual eu era uma menina pobre, mas ficava achava orgulhosa, de estar ali no meio daquelas meninas que eram muito ricas, mas éramos todas tratadas por igual. Em relação ao corpo, vou lhe contar uma história. Fui para uma festa com Norma e a sua família, era uma festa de fim de ano, já estava perto de ser transferida e fomos para uma a casa de uma amiga que nos convidou. Norma estudava comigo, a festa foi muito boa era uma festa na casa de pessoas de família, dancei muito, apesar de que quando cheguei em casa, pois nessa época eu morava na casa de um tio, então fui muito humilhada, chorei o bastante, gritei, mas tava feliz porque tinha passado uma noite alegre e divertida.

Para finalizar, vou-lhe dizer por que fui humilhada, foi porque eu vinha com o sapato na mão. Não dei importância porque já era muito tarde da noite, como eu usava sapato de salto, e foi à primeira vez que calcei, mas quando eu ia chegando, me aproximando com outras mocinhas e como eu estava com a família de Norma não dei importância, mas a esposa do meu tio, quando me viu com o sapato na mão ficou gritando comigo e me tratou grosseiramente me achou parecida com uma [...], desculpe-me a expressão, “*rapariga*”, porque eu vinha com o sapato no dedo. Então naquela época não era permitido essas coisas e fizemos isso porque era muito tarde da noite e ninguém não estava nos vendendo, e as casas estavam todas fechadas e a gente com os pés cansados, doendo porque tinha dançado a noite toda.⁶³

⁶¹ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁶² Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁶³ Entrevista realizada com a Normalista: Rosenilda Diniz, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

O que vem se percebendo ao longo desses relatos, é que as Normalistas não verbalizam suas vontades próprias em relação as suas condutas, tudo o que faziam era de acordo com os princípios da sua família e da sociedade, ou seja, eram totalmente dependentes dos conceitos criados por outrem, pois como diz Bassanezi (2008), uma atitude incorreta denegriria a reputação familiar.

Vistas por vezes como ingênuas ou perigosamente inconseqüentes e deslumbradas, era grande o medo de que as mocinhas se desviassem do bom caminho, a educação moral e a vigilância sobre elas se faziam necessárias (BASSANEZI, 2008, p. 610).

Este convívio social, esta imbricado nos padrões de comportamento estabelecido em uma determinada época, isto é, uma relação de poder e submissão, onde podemos perceber que para os padrões da década de 1950, uma moça sequer poderia andar com um sapato na mão, mesmo na companhia de pessoas responsáveis, e estas pessoas em seus relatos eram pessoas mais velhas e da própria família.

Neste caso o poder não é nem a “tia” e sim a sociedade, que não permitia uma moça com esse tipo de postura, a tia nessa situação foi o controle, que ocorria em toda a trajetória de vida das mulheres, onde elas deveriam exercer uma postura condizente com o seu estado civil, é nesse aspecto que Foucault (2009) retrata a submissão e o controle ao longo dos anos.

De acordo com Foucault (2009, p. 132), “[...] Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.

Mais importante que esse controle, seria a permanência da conduta de bela e harmoniosa, sendo virtuosa em sua trajetória de vida. Pois serviria para mostrar a sociedade o equilíbrio e o sucesso do modelo educacional familiar, e que essas moças estavam preparadas para o futuro casamento ou o progresso da nação.

Sem dúvida, esta conduta perpassa não somente pelo corpo físico, como também tudo que o envolve como: família, com a educação doméstica, e a instrução nos estabelecimentos educacionais, envolvendo o vestuário com a postura corporal, e as aulas de Educação física, que veremos nos tópico a seguir.

5.2.5 Vestida de azul e branco

Esse subtópico pode até lembrar a pureza da Virgem Maria, porém não se sabe ao certo, o porquê da cor das vestimentas das Normalistas serem de azul e branco, tendo essas Normalistas, o sinônimo de pureza e inocência.

[...] pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato do pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas (LOURO, 2008, p. 447).

A farda pelos relatos das Normalistas foi marcada por uma intensa simbologia, pois nos seus depoimentos, a mesma os enchem de orgulho e era sinônimo também para elas de poder, uma vez que passar no teste de admissão e estudar em uma instituição renomada era um privilégio.

Barroso Filho (2001), também retrata da importância do fardamento no Ginásio Pernambucano, este na mesma época estudada, o ensino era só para o sexo masculino e o IEP, para o sexo feminino, além da divisão sexista, a localização também era outro ponto em comum, pois ambas as instituições ficavam a menos de um quilômetro uma da outra.

É o caso das emocionadas lembranças da “farda” do colégio e das expressões de inveja que o uso da farda do colégio e das expressões de inveja que o uso desta farda desencadeava nos outros jovens. Uma sensação de “vitória” parecia cercar essa minoria privilegiada de estudantes, os ocupantes das tão cobiçadas vagas no Ginásio Pernambucano (BARROSO FILHO, 2001, p. 235).

Vejamos o que dizem as Normalistas, sobre a farda:

Ah, quando saía da escola a gente tirava o laço colocava na bolsa, era para ficar mais livre, mas ninguém tinha vergonha de usar esse fardamento de jeito nenhum a gente se sentia até orgulhosa de tá de farda, porque a gente além de sentir orgulho a gente sabia que tava sendo respeitada.

Entrevistadora: Pela sociedade?

Maria do Carmo: Pela sociedade sim.⁶⁴

⁶⁴ Entrevista, realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

A farda era uma saia azul marinho prensada de tropical, prensadinha que de noite quando chegávamos em casa a gente botava debaixo de colchão pra não desmanchar as pregas, usávamos uma blusa branca de manguinha curta, um laço escuro, com o emblema da escola, a meia com aquele sapato tipo boneca, a farda era essa.⁶⁵

Luiza, Maria do Carmo e Norma, salientam em seus depoimentos como eram as fardas, isso mesmo as fardas, pois não havia uma única farda, haviam três. A da diária, a farda de gala e a farda da Educação Física.

Tinha a roupa de educação física que era toda branca ou o shortinho era azul e a camisa branca? Lembrei-me! Era azul e branco, era azul o short com a blusa branca.⁶⁶

E nós tínhamos que desfilar, e nesse dia a gente desfilava com uma camisa de seda gorgorão, não era a camisa normal que a gente ia no dia-a-dia, era uma farda de gala, e a saia de prega azul marinho, camisa branca, laço azul e as divisas do ano que você estudava, ficávamos parecidas com o fardamento do tipo militar.⁶⁷

As aulas de Educação Física eram ministradas pela professora, todas tinham a farda de educação física que era aquela camisa branca de malha, tinha um short bem comprido em cima do joelho na cor azul tênis e meia branca.⁶⁸

Enquadramento na tradição conservadora da época, o fardamento tinha como protagonistas as Normalistas do IEP, onde realçava a aparência dos valores cultuados do período, valores esses que seriam destinados ao casamento e a maternidade.

As formas do corpo semi-escondidas pelas vestes refletem, sobretudo, a necessidade de preservar a imagem feminina de boa reputação, porém esse corpo não era totalmente coberto, pois nas aulas de Educação Física as alunas usavam shorts folgados acima do joelho. E é sobre a Educação Física que irá resplandecer a memória das Normalistas no próximo assunto.

⁶⁵ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁶⁶ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁶⁷ Entrevista realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁶⁸ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

5.2.6 As aulas de Educação Física

“Um, dois, três, quatro [...]. Mais uma vez [...].”⁶⁹

As aulas não foram bem assim, nas entrevistas percebemos que ao falar das aulas de Educação Física, as Normalistas falaram com mais leveza apesar de alguns relatos terem como conteúdo o ensaio para o desfile, mas como já falamos no capítulo quatro, elas também gostavam do desfile.

As aulas era o que chamam hoje em dia de alongamento, fazíamos vários tipos de exercícios e tinha também vários tipos de jogos além de jogo de vôlei. Tinha barra bandeira e atletismo, era isso a aula de educação física da gente.⁷⁰

Fora à ginástica tinha os jogos também que a gente fazia, os jogos eram de queimado, de vôlei, atletismo com bastão, atividades com bolas, nos fazíamos à ginástica e exercícios de equilíbrio, tinha jogo de voleibol, onde a gente participava de algumas competições, torneios, mas as competições eram para as meninas mais adiantadas, aí tinha aquelas meninas que gostava de ficar assistindo.⁷¹

É perceptível que a proposta da Educação Física nesta instituição, era bem diferente da proposta das outras disciplinas, pois as Normalistas não relataram o rigor e o disciplinamento que ocorriam em sala de aula, e nas aulas de Educação Física.

Na função de cultivar as próximas gerações a disciplina de Educação Física era de suma importância e democratizadora para as escolas daquela época, uma vez que no objeto dessa pesquisa, as Normalistas sadias, iriam preservar a espécie, como também iriam cuidar dos seus filhos e dos alunos, valorizando e preservando os frutos das gerações vindouras, onde a concepção do Brasil nessa época seria o progresso da nação.

A questão da democratização das aulas de Educação Física passava pelas opções de atividades esportivas como: Atletismo, basquetebol, ginástica e voleibol, e a participação em jogos internos e externo, porém essa “democratização” não isentava às alunas de participarem das aulas.

⁶⁹ Ana Paula Rodrigues Figueirôa com base no regime militar.

⁷⁰ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁷¹ Entrevista realizada com a Normalista: Maria José, no dia 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

Mesmo com as alunas guias e os modelos estereotipados, uma vez que os exercícios eram mecanizados, isto é, a professora dizia, a aluna guia fazia e as demais alunas repetiam, não levando em conta as características individuais de cada uma. Para Ferreira Neto (1999, p. 55), “[...] O processo de ensino das lições de Educação Física exigia do instrutor exposição oral e demonstração minuciosa e da classe, imitação precisa”.

Pra mim era ótimo porque eu partia pra o voleibol, porque a aula de educação em si, ela era meio chata porque até hoje acho que ninguém gosta daquela baixa, levanta, levanta, baixa aquelas coisas, mas eram boas, gostosas a gente gostava.⁷²

Tinha também a professora de educação física, que morava na Rua do Lima, essa eu gostava, ela fazia aqueles exercícios, jogava bola, ginástica era isso que ela fazia. O jogo que mais se jogava era o voleibol.⁷³

Entretanto, mesmo pelos comentários das bibliografias que a Educação Física é higienista, militarista e ou calistênica, uma coisa é certa para uma das Normalistas entrevistadas, as aulas de Educação Física, lhe servem até hoje.

Hoje entendo que essa exigência era para que a gente aproveitasse bem as aulas, beneficiando o nosso bem estar.⁷⁴

Demonstra-se, então a inclusão dos pressupostos educacionais da Educação Física, que mesmo não estando no histórico escolar, à mesma era obrigatória, permanecia na grade curricular, isto é, as aulas eram ministradas no mesmo horário das demais disciplinas e estava inserida no regulamento da Escola Normal Oficial. Levando-a como uma prática essencial para o desenvolvimento do ser humano e, consequentemente da nação. Uma vez que as mulheres deviam exercer posturas de sociabilidade e harmonia, cultivando hábitos saudáveis e necessários para os futuros filhos.

⁷² Entrevista realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁷³ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁷⁴ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

5.2.7 Ser normalista

A profissão de educar, destinada inicialmente aos homens, foram aos poucos exercidas pelas mulheres, onde percebemos nos depoimentos ao longo do trabalho a exultação dessas jovens em estudar no IEP, que outrora se chamava Escola Normal Oficial de Pernambuco.

Ser normalistas era um estilo de vida, porque tinha as jovens que eram as normalistas e as que não eram normalistas, inclusive, tinha uma certa rivalidade contra o colégio Pinto Jr, que também ficava próximo e também ensinavam o curso normal, a rivalidade era assim: Ah sou normal. Ah você é Pinto Jr! Porque ser normalista era tudo, ser normalista da Escola Normal, do IEP isso não era qualquer coisa!.⁷⁵

Tinha aquele orgulho de ser Normalista, usar aquela farda (saia azul, blusa branca, sapato preto, meia branca) e era um orgulho ser normalista.⁷⁶.

Olhe, era ser respeitada dentro do Estado, A gente era respeitada e ninguém olhava a gente como hoje, como eu hei de dizer com menosprezo como se olha hoje em dia pra uma criança que estuda no colégio estadual desse aí qualquer. Primeiro o fardamento era obrigatório.⁷⁷

Normalista pra mim foi uma coisa ótima! Eu aprendi muitas coisas, a ser uma pessoa muito sábia, com bons modos!.⁷⁸

Eu tenho o maior orgulho de ser normalista, eu tenho orgulho de dizer que eu passei pelo melhor estudo de Pernambuco, os melhores professores, o melhor ensino de Recife do estado de Pernambuco, foi no IEP que tudo o que sei hoje é um pouco do que eu passei da minha estrutura no IEP.⁷⁹

Ah, é um orgulho! Quando tava com aquela farda ficava orgulhosa, tínhamos uma farda bonita, era gostoso!.⁸⁰

Com todo o respeito, sem comentários.

⁷⁵ Entrevista realizada com a Normalista: Iolete Barros, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁷⁶ Entrevista realizada com a Normalista: Luiza Fittipaldi no dia 3 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁷⁷ Entrevista realizada com a Normalista: Maria do Carmo, no dia 23 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁷⁸ Entrevista realizada com a Normalista: Maria José, no dia 24 de agosto de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁷⁹ Entrevista realizada com a Normalista: Norma Rodrigues, no dia 3 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

⁸⁰ Entrevista realizada com a Normalista: Rosenilda Diniz, no dia 5 de setembro de 2011, autorizada pelo termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com o modelo do anexo A.

Analisar esses depoimentos, em relação ao o que é ser Normalista, uma vez que essa denominação ainda estava imbricada na antiga escola, é dispor-se de falar de uma simbologia que pertence às trajetórias de vida de cada depoente, não só sua vida profissional como também pessoal, envolvendo a sociedade, as famílias e as questões culturais de uma época, uma vez que podemos perceber que, o orgulho, a rivalidade entre as escolas, a farda, o respeito, e o ensino estão inseridos em suas memórias.

Desta forma, a formação profissional dessas jovens professoras, denominadas Normalistas, está relacionada com a vida cotidiana entre escola, família e sociedade. Uma tríade que contribuiu para a formação não só dessas jovens, como também de gerações, difundindo e perpetuando a educação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos termos como ponto de partida a história de uma instituição que teve como objetivo a formação de professoras que ora foram denominadas de Normalistas, pelo fato de estudarem na Escola Normal, é que encerramos esse trabalho com o mesmo entusiasmo do seu início, pois como já foi dito nesta pesquisa essa idealização de estudar essa temática vem desde a especialização, porém essa conclusão não é um ponto final e sim um começo de novos horizontes.

Este novo horizonte que se inicia é um intenso interesse que nos desperta para a manutenção da memória dessas professoras, não exclusivamente deste grupo que foi o objeto dessa pesquisa, mas de outras mais, com essas e outras vertentes, porque além de achá-las também tivemos como desafio maior a delimitação do foco. Assim, como tivemos inúmeras narrativas para esse estudo, outras representações, e matérias poderão surgir, fazendo com que se mantenha parte da memória educacional de Pernambuco.

A arrematação deste trabalho, que teve como desígnio geral analisar a proposta da cultura corporal, presente nas aulas de Educação Física das Normalistas, dentro de uma instituição renomada como é o caso do IEP, e tendo como desígnio específico as principais atividades das Normalistas com relação à prática da Educação Física e a organização de um banco de dados⁸¹ sobre a história das Normalistas, na década de 1946 a 1955, penso que consegui recuperar não só a composição da história da educação narradas pelas Normalistas, como também as acepções sobre a educação pernambucana na referida época estudada.

O caminho para se chegar as considerações finais desta pesquisa foi extenso e desafiador, mas prazeroso, pois como já foi dito o entusiasmo e as emoções nos acompanharam por todo o trajeto, principalmente em encontrar algumas Normalistas com seus saudosismos; de ter acesso aos arquivos do IEP, ao Arquivo Público Estadual de Pernambuco Jordão Emerenciano e aos arquivos particulares das Normalistas, que guardaram as figuras e os documentos escolares.

Ao ouvir as declarações feitas em todas as visitas, ao fazer as transcrições, e ao ler os questionários é inegável, a gratificação, o orgulho e a formação escolar, que tiveram essas jovens estudantes, pois superaram o período que antecedeu a ditadura, na memória das Normalistas foi um desafio conquistado, não só para elas, como também para seus familiares,

⁸¹ Encontram-se nos anexos. Começando do anexo B, até o anexo AK.

porque não foi raro ter em suas declarações o incentivo e o orgulho da família em ter suas filhas estudando na antiga Escola Normal.

Até porque no final do século XIX e início do século XX, não se tinha como costume a mulher na sala de aula, seja como discente ou docente. A sua formação era para os afazeres domésticos e familiares, porém ao se formar como professora primária, muitas seguiram a carreira profissional, outras se casaram e não conciliou a vida profissional com os cuidados com o lar, mesmo o trabalho sendo em um só turno, é o caso da Normalista Luiza Fittipaldi, a mesma teve o conselho do pai e do esposo para que não trabalhasse.

Este trabalho foi de grande valia, pelo destaque que foi dado a história da escola Normal Oficial de Pernambuco até a construção do IEP com suas peculiaridades políticas, o concurso para a elaboração do projeto do IEP, passando pelo ingresso das Normalistas, o currículo da época, com os históricos escolares e os regulamentos, bem como as principais atividades das normalistas em relação à prática da educação física.

Os quadros indicaram não só os dados coletados, como também as particularidades acadêmicas de cada Normalista, as figuras mostraram comemorações das datas cívicas, religiosas, jogos, finalização do ano letivo com a exposição dos trabalhos manuais, o convite de conclusão de curso, os históricos, regulamentos e decretos. As entrevistas possuem manifestações de histórias vividas e rememoradas sobre a formação das Normalistas na década de 1946 a 1955, em que o sistema educacional é ampliado para atender às necessidades do processo de industrialização e urbanização, consequentemente os homens começaram a deixar o Curso Normal, para participar do processo de industrialização.

A formulação das perguntas foi baseada em assuntos referentes a toda vida educacional das Normalistas, havendo várias informações e divergências entre as respostas, mas não era o intuito dessa pesquisa encontrar respostas unâimes e sim conhecer o universo que cercava essas jovens estudantes, mas todas foram unâimes em dizer que sentiam orgulho de ter estudado no IEP, como também o quanto foi favorável a educação que receberam nessa instituição, pois colaborou com a vida profissional futura. A importância maior da análise destas entrevistas não está na produção de crítica e sim a oralidade e à escrita, através dos questionários e das transcrições, para a história do Instituto e para a memória educacional, divulgando assim o processo de formação de jovens professoras.

Foi percebido neste processo, que a Educação Física é inerente ao tempo, a idade e a classe social que o indivíduo pertença, mas mesmo sendo obrigatória pelos regulamentos o histórico não mostra essa disciplina como parte integrante do currículo escolar.

Constatamos que as práticas das atividades físicas, se baseavam em exercícios de alongamentos e ginásticas, que comumente eram praticado por todas as alunas nas primeiras aulas, e as alunas que se destacavam mais eram tidas como aluna guia, ou seja, como o próprio nome sugere, eram alunas que ficavam a frente da turma e auxiliavam a professora na execução dos exercícios. Ser aluna guia também era motivo de orgulho das alunas, pois as mesmas se sentiam privilegiadas, em ser escolhidas por ter um corpo bonito e saber executar bem os exercícios.

Porém em se tratando de atividades físicas, não era só a ginástica que prevalecia na Escola Normal Oficial de Pernambuco, pois os esportes também estavam presente nas atividades corporais. O voleibol foi o esporte mais citado entre elas, havendo competições internas e externas e mesmo as alunas que não faziam parte das equipes esportivas, elas participavam de alguma forma, inclusive na torcida.

Nos relatos ficou evidenciado que as práticas das atividades físicas, era valorizada no Instituto e que o Professor e Diretor Dárcio Rabello apoiava essas práticas elaborando e apoiando as competições internas e externas. Todavia, nos faz refletir pelas declarações, como é que um ambiente que imperava o pudor e o cobrimento do corpo, como por exemplo: a saia abaixo do joelho, a camisa de manga toda abotoada e com o laço na gola, permitisse o uso da calça curta, mesmo que folgada na perna.

As atividades físicas nessa instituição tiveram uma influência na formação das Normalistas, um exemplo claro dessa ligação foi com a Normalista Maria do Carmo que queria seguir a carreira como professora de Educação Física, mas seguiu outra formação. Contudo, essa aspiração estava imbricada no seu íntimo confirmando a sua paixão pelo esporte a mesma se casou com um jogador de futebol, bastante conhecido na época, cujo o apelido é Caiçara e formou dois filhos em Licenciatura em Educação Física. Com a Normalista Norma Rodrigues não foi diferente, apesar de ter se formado em Pedagogia, leva consigo a admiração pelas atividades físicas, que também formou dois filhos em educação física. Assim identificamos o quanto a prática corporal influenciou a vida dessas Normalistas, mesmo as que não seguiram a profissão de educadora física.

Entretanto, a memória trazida nos relatos das professoras primárias, vão além do que se imagina, constitui-se também como documentos verbalizados, contextualizados e reveladores da história. Os mesmos contribuíram para a compreensão da educação física no sistema escolar. Portanto, considera-se enfim que os processos didáticos da educação física são um conjunto de significações que foram sendo instaurados ao longo da história desta

disciplina, não só no processo de formação das Normalistas, como também na sociedade em geral.

Produzindo assim mudanças e construindo uma sociedade mais digna e condescendente de seus valores. O que refletiu na formação das Normalistas aqui estudadas que testemunharam esse contexto histórico.

Durante toda essa pesquisa, muito foi falado da oralidade e dos documentos, mas no quarto capítulo trouxemos a letra da música de Benedito Lacerda e David Nasser, interpretada na voz de Gonçalves (2001), “Normalistas” retratando a vida social da jovem professora. Nessa época as moças exspiravam o sinônimo de pureza. Na letra dessa música percebemos que se fala: da vestimenta, da candura, da beleza, da paixão, da maneira de ser de um homem, casamento, formação e a bravura do pai, enfim onde queremos chegar? Que a letra da música está inserida na época dessa pesquisa e que os termos utilizados retratam as declarações feitas pelas Normalistas.

Bem diferente de outra música, com o título: Tudo outra vez, interpretada por Belchior (2012), onde ele fala de: Política, exílio, saudade, costumes, progresso, da sua formação profissional, e que: “[...] Quando eu desapareci, ela arranjou um amante, minha normalista linda, ainda sou estudante, da vida que eu quero dar”, isto é, mudaram os conceitos, não é ele que tem de esperar por ela e sim ela que tem que esperar por ele, onde o casamento não é mais prioridade, a vulnerabilidade do romance, pois na letra ele declara que ela arrumou um amante. Enfim, é o homem vivendo de acordo com o seu tempo.

Registrando sobre essas experiências, análises e colações musicais, fica evidenciado nitidamente, antes de qualquer outra pretensão, os motivos e as dificuldades encontradas na busca de caminhos que promovessem a melhor compreensão dessa temática, nas fontes, na fundamentação teórica, na metodologia e nos objetivos propostos pelo projeto de pesquisa apresentado. Assim falar das Normalistas é falar também do processo educacional, pois essas mulheres denominadas Normalistas foram as nossas primeiras professoras. Por isso mesmo, esta memória contribui para restituir à mulher do tempo presente, o seu lugar de participação e conquistas na história da educação.

REFERÊNCIAS



Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Cultura

REGULAMENTO

**Do Ensino Normal do
Estado de Pernambuco**

Recife - 1952

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras**: porque educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007. 238 p.
- _____. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Fundação Ed. da UNESP, 1998. 225 p.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006. 384 p.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: BASSANEZI, Carla (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-79.
- BARROSO FILHO, Geraldo. Memória oral do ensino público: o ginásio pernambucano nos anos 50. In: MONTENEGRO, Antônio Torres; FERNANDES, Tânia Maria. **Historia oral**: um espaço plural. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001. p. 231-241.
- _____. **Memórias escolares do Recife**: o ginásio pernambucano nos anos de 1950. Recife: Livro Rápido, 2008. 246 p.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607-639.
- BELCHIOR. **Tudo outra vez**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/belchior/44462/>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- BÍBLIA. Novo Testamento. Filipenses. Português. In: BÍBLIA sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e cor. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira; São Paulo: Vida, 1997. p. 230-231.
- BOGÉA, Inês. O alcance do movimento. In: BERTAZZO, Ivaldo. **Espaço e corpo**: guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC, 2004. p. 9-28.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 484 p.
- BRASIL. Constituição (1946). Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 18 de setembro de 1946. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 set. 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_constiticao/Constitui%C3%A7ao46.htm>. Acesso em: 30 nov. 2010.
- _____. Decreto-lei nº 1.202, de 8 de abril de 1939. Dispõe sobre a administração dos Estados e dos Municípios. **Coleção de Leis do Brasil**, Brasília, DF, 31 dez. 1939. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/sicon/index.jsp?action=LegislacaoTextual.html>>. Acesso em: 2 jan. 2011.

BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 4 jan. 1946. p. 19-29. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/sicon/index.jsp>>. Acesso em: 11 nov. 2006.

_____. Lei de 15 de outubro de 1827. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 out. 1827. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/Legimp-J_14.pdf>. Acesso em: 30 maio 2011.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/sicon/index.jsp>>. Acesso em: 23 out. 2010.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Educação física**: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico. Uberlândia: UFU, 1985. 54 p.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 2006. 224 p. (Coleção Corpo e Motricidade).

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 250 p.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais pernambucanos**. Recife: Arquivo Público Estadual, 740-1794. v. 6.

CUNHA, Célio da. **Educação e autoritarismo no estado novo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981. 176 p.

ESCOLA JOÃO BARBALHO. **Boletim bimestral**. Recife, 1978.

ESCOLA SYLVIO RABELO. **Álbum de fotografia**. Recife, [199-?].

FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). A pedagogia no exercito e na escola: a educacfo física (1920-1945). **Revista Motrivivencia**, Florianópolis, ano 11, n. 213, p. 35-62, nov. 1999.

_____. **Pesquisa histórica na educação física brasileira**. Vitória: Ed. da UFES, 1996. v. 1.

FIGUEIRÔA, Ana Paula Rodrigues. **A educação do corpo das Normalistas na década de 50, no Instituto de Educação de Pernambuco**. 2009. 41 f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2009. 291 p.

- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O corpo**: filosofia e educação. São Paulo: Ática, 2007. 142 p.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003. 152 p. (Coleção Educação Física).
- _____. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 61-70, 2000.
- GÓIS JÚNIOR, Edivaldo; SIMÕES, José Luis. **História da educação física no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. 166 p.
- GOLDENBERG, Mônica. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005.
- GONÇALVES, Nelson. **Normalistas**. [S.l.]: Sony, 2001. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/nelson-goncalves/261107/>>. Acesso em: 20 ago. 2011.
- HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. A evolução da educação básica no Brasil: política e organização. In: MENESES, João Gualberto de Carvalho (Org.). **Educação básica**: políticas, legislação e gestão: leituras. São Paulo: Thomson, 2004. p. 36-67.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990. 190 p.
- IBGE. **Estatísticas do século XX**: educação 1960. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/educacao/ensino_normal.shtml>. Acesso em: 1 fev. 2011.
- INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO. **Professôras de 1960**. Recife, 1960. Convite de Formatura.
- JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro fontes históricas como fonte. In: BASSANEZI, Carla (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-22.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1983. 384 p. v. 2.
- _____. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. 541 p.
- LIMA, Edison Rodrigues de. **Modulando**: notas e comentários: arquitetura e urbanismo. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985. 183 p.
- LIRA, Maria Helena Câmara. **Academia das Santas Virtudes**: a educação do corpo feminino pelas Beneditinas missionárias nas primeiras décadas do século XX. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: UNESP, 2008. p. 443-481.
- _____. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 174 p.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 96 p.

_____. **Prendas e antiprendas**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1987. 103 p.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. Recife: Bagaço, 2003. 173 p.

PADILHA, Paulo Roberto. **Curriculo intertranscultural**: novos intinerários para a educação. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004. 359 p.

PERNAMBUCO. Decreto nº 172, de 9 de janeiro de 1952. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, ano 29, n. 8, p. 111-114, jan. 1952.

PERNAMBUCO. Decreto nº 2.631, de 26 de outubro de 1972. Reestrutura o INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO, nos termos da Lei Federal n. 5.692, de 11.08.1971, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, ano 59, n. 208, p. 4769, out. 1972.

PERNAMBUCO. Decreto-lei nº 1.448, de 3 de setembro de 1946. Criação da Escola Normal Oficial de Pernambuco. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, ano 23, n. 197, p. 3722-3723, set. 1946.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Cultura. **Portaria nº 352, de 15 de junho de 1940**: Regimento Interno da Escola Normal de Pernambuco. Recife: Imprensa Oficial, 1940. p. 23.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Cultura. Diretoria de Educação Física. Aviso nº 25-51. A Assitente Técnica avisa às professoras de Educação Física, que deverão mandar para a sede da DIRETORIA, até o próximo dia 6, a relação dos alunos que irão tornar parte no torneio de “Bola ao ar” em disputa dos bronzes “Professor José Vicente Barbosa” e “Escola de Educação Física” e convida as professoras acima referidas para uma reunião no próximo dia 9, às 14 horas. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, ano 28, n. 225, p. 4264, out. 1951.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Cultura. Divisão de Extensão Cultural e Artística. Portaria nº 1.439, de 11 de outubro de 1950. Determinar que em todos os estabelecimentos de ensino primário, secundário, normal e profissional do Estado sejam realizadas, no Dia do Professor, 15 do corrente, sessões comemorativas, que terão o objetivo de dar aos educandos a oportunidade de homenagear aqueles que laboram no Magistério. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**, Recife, ano 27, n. 231, p. 3796, out. 1950.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Cultura. Divisão do Ensino Primário Normal. **Dia do professor**. 1950. Edital.

PERNAMBUCO. Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura. **Regulamento**: do ensino normal do Estado de Pernambuco. Recife, 1952.

PESSANHA, Eurize Caldas. **Ascensão e queda do professor**. São Paulo: Cortez, 1994. 112 p.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: SENAC, 2000. p. 13-66.

RECIFE. Câmara Municipal. Casa de José Mariano. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.camara.recife.pe.gov.br/institucional>>. Acesso em: 23 out. 2010.

RODRIGUES, Norma. **Arquivo pessoal**. Recife, [1951].

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**: (1930/1973). 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 267 p.

ROSA, Jussara da Silva. **A corporeidade na dança**: revelações de corpos dançantes da cidade de Aracaju. 2004. 138 f. (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 180 p.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOARES, Carmem Lúcia (Org). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. 180 p.

SOUZA, Eustáquia Salvador de. **"Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)"**. 1994. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 1994.

SOUZA, João Francisco de. **Uma pedagogia da revolução**: a contribuição do Governo Arraes (1960-64) a reinvenção da educação brasileira. São Paulo: Cortez, 1987. 198 p.

TANURI, Leonor Maria. **Contribuição para o estudo da escola normal no Brasil**. 1969. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1969.

_____. “História da formação de professores”. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000. Especial.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 7. ed. Petrópolis: [s. n.], 2010. 203 p.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. Produção e consumo social da beleza. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 189-220, dez. 2001.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 385 p.

TOSI, Renzo. Luceat omnibus. In: TOSI, Renzo. **Dicionário de sentenças latinas e gregas**: 10.000 citações da antiguidade ao renascimento no original e traduzidas com comentário histórico, literário e filológico. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 321.

VERÍSSIMO, José. **A educação nacional**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. 145 p.

VIGARELLO, Georges. **História do corpo**: da renascença às luzes. Tradução Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2008. 663 p.

O VIGOR e a perfeição do corpo humano. **Diário de Pernambuco**, Recife, 10 out. 1946.

ANEXOS



ANEXO A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____ declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada na pesquisa intitulada: O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO NA SUA PRIMEIRA DÉCADA (1946 a 1955): em cena, as práticas das atividades físicas na memória das normalistas, desenvolvida por ANA PAULA RODRIGUES FIGUEIRÔA. Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. JOSÉ LUIS SIMÕES.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é da TEÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.

Minha colaboração se fará de forma anônima ou não, por meio de descrever o tipo de abordagem em entrevista semi-estruturada a ser gravada de forma oral e visual a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e o seu orientador, podendo o mesmo ser divulgado afim de gerar fontes para futuras pesquisas.

Fui ainda informada de que posso me retirar desse estudo a qualquer momento, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Recife, ____ de _____ de _____

Assinatura da participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

ANEXO B – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Iolete Barros de Araújo**3.2 O QUE DIZEM AS NORMALISTAS**Normalista: IOLETE BARROS DE ARAUJOLocal da entrevista: ResidênciaData: 09/09/2011Início: 09/09 Término: 30/09Data de Nascimento: 11-10-1940Período em que estudou no IEP: 1954-1960Período em que estudou no IEP: 1954-1960

1) Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de educação de Pernambuco? Como foi?

NAO

2) Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

FUNCIONAVA EM 03 (TRÊS) TURNOS:
MANHÃ - TARDE - NOITE.



3) Qual a importância na época?

ERA A PRINCIPAL ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO.
O QUADRO DOCENTE ERA COMPOSTO POR
PROFESSORES DE ALTO NÍVEL.
O ENSINO ERA PARA TODO O RESTANTE DA
NOSSA VIDA. TANTO QUE VÁRIOS ANOS APÓS
TERMINAR OS ESTUDOS NA ESCOLA NORMAIS,
RESOLVI FAZER VESTIBULAR PARA O
CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO E
PASSEI NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE SEM FAZER CURSO PREPARATÓRIO
PARA TAL FINALIDADE.

4) Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

POR SER A MAIS INDICADA PARA O ENSINO "NORMAL" E POR SER PÚBLICA, UMA VEZ QUE NAQUELA ÉPOCA O ENSINO PÚBLICO ERA REFERÊNCIA. QUEM ESTUDAVA NA REDE PÚBLICA ERA VISTO COMO EXCELENTE PROFISSIONAL.

5) Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

ATRAVÉS DO CHAMADO "EXAME DE ADMISSÃO" REALIZADO NO ATENEU NORTE RIO GRANDENSE, COMO MEU PAI FOI TRANSFERIDO PARA RECIFE, FOI SOLICITADA MINHA TRANSFERÊNCIA PARA A ESCOLA NORMAL. O ATENEU ERA COMO A ESCOLA NORMAL, SÓ QUE EM NATAL/RN. FOI UMA ALEGRIA ENORME QUANDO FUI INFORMADA POR DR. DÁCIO RABÉLO - DIRETOR NAQUELA ÉPOCA, QUE DAQUELE DIA EM DIANTE EU PASSAVA A FAZER PARTE DO CORPO DISCENTE DO "IEP".

6) Com quantos anos você ingressou?

INGRESSEI NA ESCOLA NORMAL NO DÉCIMO
TERCEIRO - 13 ANO DE MINHA VIDA.

7) O que é ser Normalista para você?

É UM ORGULHO MUITO GRANDE, UMA VEZ
QUE NA NOSSA ÉPOCA ERA O SONHO DA
MAIORIA DAS MOÇAS E NEM TODAS CONSE-
GUIAM REALIZA-LO.

ATÉ HOJE, QUANDO DIZEMOS QUE FOMOS
ALUNAS DA ESCOLA NORMAL AS PESSOAS
JÁ SABEM QUE SOMOS ESPECIAIS.

8) Como você percebia seu corpo na sociedade?

NUNCA FUI UMA PESSOA DE ESTATURA ELEVADA, MAS À EPOCA DIZIAM QUE MEU CORPO ERA PROPORCIONAL, OU SEJA - MEDIDA! MAIS OU MENOS EXATAS. ATÉ HOJE, COLEGAS DIZEM QUE APESAR DOS ANOS DECORRIDOS CONTINUO EM FORMA.

9) Como você percebia seu corpo na escola Normal?

NUNCA LIGUEI MUITO PARA AS DIFERENÇAS CORPORAIS. NOSSA TURMA ERA CONSTITUÍDA DE GAROTAS DE TODOS OS TIPOS. ATÉ UMA QUE DEPOIS CHEGOU A SER "MISS PEANAM-BUCO".

10) Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

NA NOSSA ÉPOCA A EDUCAÇÃO DOMÉSTICA ERA COMPLETAMENTE DIFERENTE DO QUE ASSISTIMOS HOJE EM DIA. HAVIA O RESPEITO PARA COM O PRÓXIMO, AS MOÇAS SÓ ANDAVAM ACOMPANHADAS POR PAIS OU RESPONSÁVEIS. ATUALMENTE A MAIORIA DOS PAIS MANDA OS FILHOS PARA OS COLETÓRIOS E QUEREM QUE A ESCOLA FORNEÇA A EDUCAÇÃO QUE ELES POR FALTA DE TEMPO OU OUTRAS COISAS NA ENSINAM. É POR ISSO QUE VENEMOS SEMPRE AGRESSÕES EM ESCOLAS. AS CRIANÇAS SÃO CRIADAS SEM LIMITES. O QUE NÃO EXISTIA EM NOSSA ÉPOCA, AS MOÇAS USAVAM SAIASABAIXO DOS JOELHOS E BLUSAS COMPOSTAS. NÃO EXISTIA O BIKINIE A ROUPA PARA BANHO DE MAR OU PISCINA ERA PEÇA ÚNICA.

11) Como era a disciplina na Escola Normal?

A DISCIPLINA NA ESCOLA NORMAL ERA RÍGIDA. A COMEÇAR DO USO DA FARDA. SÓ PODÍAMOS ENTRAR PARA ASSISTIR AULAS COM O UNIFORME COMPLETO. QUANDO O PROFESSOR CHEGAVA PARA DAR AULA, TODA A TURMA SE LEVANTAVA EM SINAL DE RESPEITO AO MESTRE. A CHAMADA DE PRESENÇA ERA EFETUADA EM TODAS AS AULAS.

12) Como eram as aulas de educação física?

PARA PARTICIPAR DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ERAM REALIZADOS EXAMES MÉDICOS NO INÍCIO DO ANO LETIVO, SÓ PARTICIPAVA DAS AULAS QUEM ESTIVESSE APTA.

AS AULAS CONSTAVAM DE EXERCÍCIOS E JOGOS QUE ERAM REALIZADOS NO PÁTIO EXTERNO.

O TRAJE CONSTAVA DE SAPATO ESPECIAL - CONGAS HOJE TÊNIS, MEIAS, CAMISETA E SUNGA BEM FOLGADA.

13) Quais eram as atividades mais praticadas na educação física?

AS ATIVIDADES MAIS PRATICADAS ERAM EXERCÍCIOS QUE HOJE CHAMAM DE ALONGAMENTO, CORRIDA, BARRA, JOGOS COMO ESPIÃO E BARRA BANDEIRA, DEPOIS JOGOS DE VOLEI E BASQUETE, TUDO SUPERVISADO POR PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. HAVIA TAMBÉM OS TREINOS PARA AS DISPUTAS DOS JOGOS ESCOLARES.

14) Como é que se davam as aulas de voleibol ou “bola ao ar”?

AS AULAS DE VOLEIBOL ERAVAM REALIZADAS NA QUADRA. LOCALIZADA NO PÁTIO EXTERNO



↳ <http://www.ensinoweb.com.br/2012/05/01/interrogatorio-de-rosa-fernandes-1910-1911/>

15) O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

A ESCOLA NORMAL ERA UM EXEMPLO DE ORGANIZAÇÃO. DIRETORIA E COORDENADORES PREOCUPADOS COM O BEM ESTAR DAS ALUNAS, COM O ENSINO E O NOSSO PREPARO PARA A VIDA FUTURA, TANTO QUE O CURRÍCULO ESCOLAR CONSTAVA DE MATERIAS BEM DIVERSIFICADAS. NOS ORIENTAVAM PARA LEITURAS VARIADAS. AS PESSOAS DE NOSSA ÉPOCA ATÉ HOJE GOSTAM DE LER.

O NOSSO CORPO DOCENTE ERA CONSTITUÍDO PELOS MELHORES PROFESSORES DO ESTADO. ERA MÉDICOS, ENGENHEIROS, GEOGRAFOS, HISTORIADORES, FILOSOFOS ESCRITORES.

16) Você seguiu a carreira de professora?

NÃO SEGUI A CARREIRA DE PROFESSORA PORQUE LOGO APÓS A FORMATURA FIZ CONCURSO PARA UM ÓRGÃO PÚBLICO FEDERAL. FUI APROVADA E FIQUEI ATÉ ME APOSENTAR.



ANEXO C – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Luiza Fittipaldi

Normalista: Luiza Fittipaldi

Local da entrevista: Em casa

Data: 14/08/2011

Início: 14 de Agosto Término: 15 de Agosto

Data de Nascimento: 25-08-1938

Período em que estudou no IEP: 1950-1957

1) Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de educação de Pernambuco? Como foi?

Não posso explicar porque não participei

2) Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

Muito boa, a disciplina nem se fala. Não se podia ficar conversando pelos corredores, ficava só na hora do recreio. Não assistia aula se não estivesse com o fardamento completo. Era um charme sair aí, blusa branca, sapatos pretos e meia socete branca.

3) Qual a importância na época?

Por ser uma escola pública era muito concorrente. Os professores eram todos catedráticos e não pseudo professores como hoje em dia. Me orgulho de ter sido uma norma lista, pois estou preparada para o futuro.

4) Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Porque na época era o melhor colégio da cidade. Sabia que dali saíam bem preparados para ingressar na Universidade.

5) Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Foi através do exame de admissão.

6) Com quantos anos você ingressou?

Com doze anos.

7) O que é ser Normalista para você?

Meu orgulho muito grande, porque sabia que ali estaria o meu futuro como estudante e também, por ser muito importante naquela época a normalista.

8) Como você percebia seu corpo na sociedade?

Percebia que ali estava crescendo socialmente
e moralmente.

9) Como você percebia seu corpo na escola Normal?

Sabia que ali estava se desenvolvendo seu
futuro físico, moral e social.

10) Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

Tem muita decência, respeitando os pais, mamorando só
180 como os de hoje. Também na época não
existia beleza. Hoje é uma bagunça, filhos não
respeitam os pais, mamoras dormem na casa do
mamorado e vice-versa.

11) Como era a disciplina na Escola Normal?

Muito rígida.

12) Como eram as aulas de educação física?

Muito alegres

13) Quais eram as atividades mais praticadas na educação física?

Corrida, brincadeira com bala e também ensaiávamos marcha para desfilar no dia 7 de Setembro.
Era muito bonito.

14) Como é que se davam as aulas de voleibol ou “bola ao ar”?

Mat sei porque mat participa

15) O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Tudo, disciplina, estudo, ambiente saudável, professores maravilhosos etc. etc. etc.

16) Você seguiu a carreira de professora?

Mat.

ANEXO D – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Maria do Carmo Vidal de Negreiros

Normalista: Maria do Carmo Vidal de Negreiros

Local da entrevista: na Câmara dos Vereadores

Data: 23 - agosto 2011

Início: 23/08 Término: 09/09

Data de Nascimento: 9 - 9 - 1935

Período em que estudou no IEP: de 1952 a 1954

- 1) Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de educação de Pernambuco? Como foi?

Não

2) Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

Funcionava em 2 turnos: manhã
Tarde
do 1º ano Ginásial até o 3º ano
científico

3) Qual a importância na época?

Na época era um dos estabelecimentos
de ensino mais conceituados, principal-
mente por ser uma escola pública.
Que fazia um exame de admissão
para os candidatos.

4) Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Per ser um ensino público, e na época minha mãe que era viúva não tinha condições de pagar um ensino particular.

5) Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Deu-se através de um pedido de minha Tia ao Drº João Roma, e assim este usou a influência política da época.

6) Com quantos anos você ingressou?

Com 14 anos feitos

7) O que é ser Normalista para você?

Era saber que ali estava meu futuro, e, eu teria que aproveitar o maximo, para que mais tarde pudesse dizer que tive orgulho de ser normalista

8) Como você percebia seu corpo na sociedade?

Percebia que estava se criando
meu futuro, quer social, quer
físico e moral.

9) Como você percebia seu corpo na escola Normal?

Percebia, que ali meu corpo teria
que ser movido para o físico e
para o intelecto.

10) Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

O comportamento era muito rígido,
assim havia modos no falar,
no vestir e no seu comportamento

11) Como era a disciplina na Escola Normal?

Era muito vigiada pelos senhores
de disciplinas, não era permitido
ficar andando pelos corredores,
pelos escadas, não per na
hora do recreio.

12) Como eram as aulas de educação física?

Eram alegres, onde fazia-se ginástica, corrida e jogos com bola.

13) Quais eram as atividades mais praticadas na educação física?

Além do já citado na pergunta anterior, quando chegava perto do mês de setembro, treinavamos para o desfile do dia 5 de setembro, que era comemorado o Dia da Juventude.

14) Como é que se davam as aulas de voleibol ou “bola ao ar”?

Foram ministradas pelas professoras de ginástica, que selecionavam as alunas que tinha feito e assim, durante o período da ginástica, estas alunas iam para quadra treinar.

15) O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

A metodologia do ensino, o nível dos professores, que na época em todos catédraticos.

16) Você seguiu a carreira de professora?

Sim, com especialização em Orientação Educacional

ANEXO E – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Maria José do Monte Barbosa

Normalista: Maria José do Monte Barbosa.

Local da entrevista: Residência

Data: 24/08/2011

Inicio: 24/08 Término: 09/09

Data de Nascimento: 02 de abril de 1936

Período em que estudou no IEP: 1946 e 1947

1) Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de educação de Pernambuco? Como foi?

Acredito que a Transição foi no ano de 1945, eu ainda não estudava, mas, na época o Diretor era Onego Henrique e as alunas usavam a faixa azul e branco e meião branco. No ano seguinte quando fiz o exame de Admissão através de testes, passei com a média 07 e cursei o 1º ano ginásial já era Instituto de Educação de Pernambuco, no qual usávamos no bolso o emblema IEP, saia azul bem abaixo do joelho, preguada, sapatos pretos e meias compridas cor de carne.

O diretor atual era Dr. Dálio Ribeiro.
Obs: Os testes de admissão eram bem difíceis, os alunos tinham que ter uma boa preparação para ingressar na referida escola.

Não lembro quando a mesma mudou ou se já a Escola Normal começou a

a. funcionar onde funciona, atualmente; que antes ali funcionava a "Festa da mocidade", que era um Parque de diversão e um Teatro onde tinha vários artistas da Rádio local e Rádio Nacional. (convidados) Quase todos os domingos eu ia pra matinée, não só correr nos brinquedos: Roda gigante, carrossel, montanha Russa, etc. Como assistir o Teatro que na época o locutor era Cláudionor Germano e o animador Lé Coiô e Salomão. A tarde só contava crianças, algumas vezes cantei, mas era uma parte só/ultmo. À noite o Teatro era só para adultos.

4

2) Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

A escola era grande, muito espaço, várias salas de aulas, tinha uma entrada a escadaria, no lado direito a Secretaria, o secretário chamava-se Fernando o responsável p/ matrícula, notas, etc. A secretaria chefe D. Benedita responsável pela entrada dos alunos - 1º turno 8:00 às 12:00 caso atrasasse 10m, voltava pra casa e se continuasse atrasando só entraria c/ os pais. Era muito rigoroso a disciplina; p/ na entrar na sala de aula, ia na fila em silêncio *

3) Qual a importância na época?

Na época era um privilégio estudar na Escola Normal, apesar de ensino ser gratuito, a maioria dos alunos eram de classe média, devido o bom ensinamento, bons professores e saiam bem preparados para enfrentar o vestibular e concurso público. Além de sermos preparados intelectualmente, como físicos e moralmente. Ingressei na Escola com 10 anos, já sabia ler e escrever corretamente sem erros ortográficos, hoje vemos adolescentes, até adultos cometendo erros gravíssimos sem nenhuma base do primário. Eu tive o privilégio de cursar o primário no "João Barbão", boas professoras na época que se preocupava de ensinar, educar e encaminhar para o ginásio com certa base.

Continuação da 2^o pergunta

Tinha salas de aula no térreo e no p^o andar. As salas do 1^o ano ginásial eram no 1^o andar e havia 5 salas de 1^o ano de A até E - A Turma D onde eu estudava era só das Marias e havia 50 alunas. Ela era nº 21. Algumas alunas chamavam as outras pelo número.

Tínhamos várias disciplinas como:

Francês - Dr. Milton Cabral de Melo.

Português - Dr. Arlindo

Latim - Dr. Dálio Rabelo

Geografia - Dr. Dálio Rabelo

História Geral - Dr. Estevão Pinto

Português - Dr. Sizenando Silveira

Música - maestro Filipealdi e Bakhshibas

Trab. manuais - D. Eulália

Ed. Física - Dr. Adaléa

Matemática - Dr. Carneiro Pêlo.

Obs. Eu e Mercês éramos muito brincalhonas, não sei como nos apelidavam de:

Eu - Busca pé e Mercês - Passarinho,

Foi uma época que recordo com muita alegria e saudades.

4) Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Os meus pais alegavam a Escola ser uma Instituição de mais respaldo em seus ensinamentos, o ensino gratuito porque a Escola era do governo (Estadual). O aluno tinha que estudar muito, porque só entrava por seleção, além disso mais o aluno tinha que se preparar nos ensinamentos que eram aplicados pelos seus mestres, havia vista, a reprovacão era fatal para renovação da matrícula.

5) Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Como falei anteriormente, fiz o teste de Admissão, passei com a média 7,0, tinha 10 anos de idade; mas estava preparada pela minha professora de Admissão; não lembro o nome dela, recordo que ela residia na Rua da Glória, próximo ao Colégio Padre Venâncio. Eravam um grupo de 5 meninas no qual todas passaram. Fiquei muito alegre quando citou meu nome como Aprovada e orgulhosa de ser ^{eu} aluna da Escola Normal e todos acharam que era inteligente porque, só passavam Escola Normal quem sabia.

6) Com quantos anos você ingressou?

10 anos de idade.

7) O que é ser Normalista para você?

Ser normalista foi um sonho realizado, não só por meus pais, como p/ra mim mesmo, porque antes eu ficava na porta de casa, vendo os normalistas passar, eu dizia p/ra mim mesmo, quando eu crescer eu vou estudar na Escola Normal e consegui, apesar só 2 anos, porque infelizmente fui reprovada 2 vezes em matemática pelo prof. Dr. Carneiro Leão, chorei muito por causa de l decimo ele não me deu, ele foi injusto, acredito que ele não gostava de mim. Isso me marcou até hoje. Dei a volta por cima meus pais me matricularam no Ginásio Pinto Júnior, estudei 7 anos, nunca fui reprovada e me formei em 1954 de Professora. Em 1964 - Fiz concurso e passei - Prof. concursada. Em 1970 - Fiz curso de Prof. de Educação Especial. Ensinei no João Barbosa como prof. de audição - comunicação (sordo-mudo), e intérante em várias escolas estaduais; Fiz curso de Logopédia e mais tarde peguei algumas matérias na Católica e conclui o curso de Fonoaudiologia. Em 1971 - Fiz vestibular na Fafis p/rie Pedagogia e me formei em 1975 como Orientadora Educacional. Hoje sou apresentada da Escola Ulysses Pernambucano e APAE - Recife.

Ainda trabalhei de 1972 a 1974
no CERP - Clínica de Reabilitação
de Pernambuco, como Fonoaudiólo-
ga. Fizeste este que muito me orgulha.
Fiz o curso de pós-graduação na
área de Educação Especial na Facul-
dade Federal de Pernambuco.

H

8) Como você percebia seu corpo na sociedade?

O vestimento do meu corpo se desenvolvia de conformidade com as vestes da época; saia larga bem armada com 2 anáguaas bem engomadas por baixo, comprimento abaixo do joelho; geralmente as bluzas tingiam golas altas, outras boleros e o meia-arrasta era indispensável. Quando íamos ao matinê, era bem vestida, com bolsinha dourada chamada "truce", e algumas garotas de poder aguileiro mais alto, usava meias compridas e chapéus. Moça de família não saía com namorado sozinha, dormia antes das 22:00 hs. Os pais geralmente eram severos, não consentia que as filhas trabalhassem fora e se dedicavam a trabalhos manuais e do lar.

9) Como você percebia seu corpo na escola Normal?

A farda era saia azul bem pregueada, larga e abaixo do joelho, blusa branca e bolso com o monograma IEP; sapatos pretos e meias compridas cor de carne e gravata. Postura correta ao sentar e íramos esbugadas a andar limpa (asseio); cabelos penteados, unhas cortadas, etc. Pedecer aos professores e todo corpo docente e discente da Escola; no recreio, brincava de correr, bola, etc. O recreio sempre era vigiado pelo bedel, que nos vigiavam na classe e no recreio. As janelas da sala ficavam abertas e muitas vezes as alunas pulavam e saia no Parque 13 de maio; algumas iam namorar com os alunos do Ginásio Pernambucano, que viviam rondando a Escola. Apesar da vigilância sempre encontrava um feitinho de enrola a bedel, ela chamava D. Amara e a outra D. Argentina.

10) Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

Uma conduta exemplar, caso contrário seria considerada devassa.

O respeito aos pais era primordial para educação de seus filhos.

Uma moça não andava sozinha, sempre acompanhada com a mãe, o irmão mais velho, etc. Roupa discreta, não entrava em bares, não fumava, não bebia; se fosse a praia era o maiô com a saia. Nos domingos eramos obrigadas ir a missa ou o culto. A maquiagem era bem discreta, porque se pintasse muito, podia ser comparada a uma prostituta. Não se usava calça comprida, short, namorar só através de biquinhos e beijos depois de sempre tinha um gelinho de beijo escondido.

11) Como era a disciplina na Escola Normal?

A disciplina era rígida, o Diretor era brabo, exigia muito das alunas, pontualidade e disciplina à cima de tudo.

A desobediência, acarretava em 1º lugar numa advertência, em seguida suspensão só retornava a Escola, depois que o Pai conversasse com o Diretor, caso não obedecesse poderia ser expulso.

Por isso, o respeito aos professores e funcionários da Escola, era peculiar em todos alunos. O aviso aos pais eram através de cartas ou pelo correio ou um funcionário da Escola entregava em n/ residência.

12) Como eram as aulas de educação física?

A escola tinha 2 turnos: manhã de 8:00 h. às 12:00 e a tarde: 13:00 h. às 17:00 h. Eu estudava pela manhã, a aula de educação física eram 2 vezes na semana de 14:00 às 14:45; após a aula, tomava banho e trocava de roupa porque as 18:00 h. começava a aula na classe. A roupa da física era calcão azul, blusa branca, tênis e meias brancas. A minha professora se chamaava D. Dália era atenciosa e muito boazinha. Eu adorava as aulas de física e sempre era o guia da turma. Eu era muito amado/a p/ ser escolhida.

13) Quais eram as atividades mais praticadas na educação física?

As atividades eram exercícios de marcha, corrida, jogos e algumas vezes volley. Exercícios de equilíbrio, peluchinelo, jogos com bastão, lenços, bolas, etc. Quando estava próximo 4 de setembro, havia muito treino de marcha, para não errar no dia do desfile. Era obrigatório todas alunas participar, no dia 4 de setembro o desfile era pela rua, e a banda do Exército ia tocando na pente. A Escola tinha várias taças de campeã, nós erámos muito aplaudidas pelo povo. Até hoje faço alguns exercícios aprendidos naquela época.

“La vem o cordão das normalistas
vem disposta a manter seu cartaz
se a linha joga
a defesa joga mais
O cordão das normalistas
cada vez aumenta mais.”
mais um - mais um --

14) Como é que se davam as aulas de voleibol ou “bola ao ar”?

As aulas de volei para as calouros eram mais de incentivo, p/ a grande chegarmos no 3º ano em dia deute, já. Ter uma preparação melhor e ter as aulas de volei para competição com os outros colégios. As meninas maiores eram bem treinadas e quando tinha jogos fora, a Escola normal sempre ganhava. Minha fogadora predileta era Rosa era alta, bonita, calotes compridos. Era fúdia e pegava muito. Fui com a Escola assistir a competição contra os Damas - no Club Náutico e a normal ganhou. Contamos e tivemos muito e fizemos música assim: Veja na pag. anterior.

15) O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Uma Escola bonita, bem localizada ficava
próxima à minha residência; limpa e muita
organização estrutural dos mestres, incen-
tivando aos alunos que se dedicassem mais
na sua formação cultural. Acredito que era
desejó de qualquer pai, ver sua filha estudar
na Escola Normal, e futuro era garantido.

16) Você seguiu a carreira de professora?

16) Você seguiu a carreira de professora?
Claro que sim, no ano de 1954 ^{com 18 anos} me formei de professora na Escola Normal Pinto Júnior. Trabalhei no M.C.P. (Prefeitura) no ano 1960 até 1963. No ano seguinte 1964 fui nomeada através de Concurso Público e nomeada pelo Estado. 1965 a 1968 lecionei no SESC

de Santo Amaro; por motivo de mudança de residência, fui de avenida para Escola Eleanor Roosevelt na vila do PSEP, até o ano 1940; através do curso de Educação Especial me especializei na área de Atélio-Comunicação e Logopedia, nomeada para o Centro de Ed. Especial e lotada na Escola João Bezerra com 1 classe de alunos (sordo-mudo) e depois professora itinerante em várias escolas de 1º e 2º grau até o ano 1945; neste mesmo ano me formei em Pedagogia (Orient. Educacional) pela Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE). Em 1946, fui trabalhar na Escola Especial Ulisses Pernambucano como Fonoaudióloga (1º Turno) e no 2º turno na APAE - Recife; também como fonoaudiólogo. O meu curso de Logopedista mais tarde foi reconhecido como Fono na Católica, para professorado de curso superior complementando algumas matérias na qual cursei na Faculdade Católica durante 1 ano e em 1985, recebi o diploma de Brasília e o registro de 0291 (Conselho Federal de Fonoaudiologia).

No ano de 1989 me aposentei do Estado; e em 1999, me aposentei da APAE - Recife.

Obs: De 1972 a 1974 - Trabalhei no CERPE - Clínica de Reabilitação de Pernambuco como Fonoaudióloga. Em 1957, me casei, jai fiz Bodas de Ouro em 2007 e tenho 3 filhos e 8 netos.

ANEXO F – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Norma Rodrigues de Figueirôa

Normalista:

Norma Rodrigues de Figueirôa

Local da entrevista:

Residência

Data:

03 de fevereiro de 2011

Início:

03/09

Término:

30/09

Data de Nascimento:

06/04

Período em que estudou no IEP:

De 1951 a 1956.

- 1) Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de educação de Pernambuco? Como foi?

Não participei da transição da Escola Normal de Pernambuco p/ Instituto de Educação de Pernambuco, tivei em 1951, já comei I. E. P.

2) Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

A estrutura física, era um prédio antigo, bem conservado, assim como todos os móveis. Não se via lances quebrados. Tinha sala p/ música, educação doméstica, sala de ciências. Bons professores como Haua Hora ensinando Geografia, Edvaldo Pinto, História, Carmem Leão, Gustavo Carneiro Leão Matemática, Dácio Rabelo Diretor, Liceute Ellipaldi música.

3) Qual a importância na época?

Como uma das melhores escolas públicas estaduais do Recife.

6

4) Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Fui estudar no S.E.P, por ser perto de casa. Era localizada perto do centro da cidade. O ônibus parava bem perto

5) Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Integressei, pelo exame de Admissão

6) Com quantos anos você ingressou?

Eu fui ha 13 anos

7) O que é ser Normalista para você?

Ser normalista, significa ter es-
tudado em escola, reconhecida com um
bom ensino.

8) Como você percebia seu corpo na sociedade?

Como aluna da melhor
escola do Recife na época.

9) Como você percebia seu corpo na escola Normal?

No I.E.P. como uma aluna
responsável, que gostava de estudar

10) Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

Na década de 50 as moças eram respeitáveis, com o objetivo de ser alguém no futuro.

11) Como era a disciplina na Escola Normal?

A disciplina era rígida. As alunas não podiam sair das salas de aula. Esperavam os professores na sala. Só entrava na escola, devidamente com o fardamento completo.

12) Como eram as aulas de educação física?

A Educação Física, era prática
da no pátio interno da escola, com
as alunas devidamente vestida com
os uniformes de Educação Física.
Sempre tinha uma aluna como guia
e as alunas tinham que seguir o
exercício que ela ia realizando.

13) Quais eram as atividades mais praticadas na educação física?

As atividades na Educação Física
além dos exercícios, era praticar
voleibol com campeonatos de basquete
professores só para a prática desse
esporte.

14) Como é que se davam as aulas de voleibol ou “bola ao ar”?

As aulas de voleibol sempre
fora das aulas de exercício:

15) O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Foi a qualidade do ensino, com
excepcionais professores.

16) Você seguiu a carreira de professora?

Sim, segui a carreira de
professora.

ANEXO G – Entrevista Escrita do Questionário da Normalista Rosenilda de Paiva Diniz

Normalista: Rosenilda de Paiva Diniz

Local da entrevista: Câmara dos Vereadores

Data: 20/09/11

Início: 8:30hs. Término: 11:45hs.

Data de Nascimento: 30 de agosto de 1939.

Período em que estudou no IEP: 1950

- 1) Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de educação de Pernambuco? Como foi?

Não participei da transição da Escola Normal. Quando ingressei já era Instituto de Educação de Pernambuco.

2) Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

Era de estrutura rígida

3) Qual a importância na época?

Formar boas profissionais.

4) Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Era um colégio de boas referências, na
cidade.

5) Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Fiz o teste de admissão e fui aprovada

6) Com quantos anos você ingressou?

Estava com 11 anos incompleto

7) O que é ser Normalista para você?

Porque ser professora é uma profissão digna para o progresso do Nosso Brasil.

8) Como você percebia seu corpo na sociedade?

9) Como você percebia seu corpo na escola Normal?

10) Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

Se fazer respeitar, ser integra.

11) Como era a disciplina na Escola Normal?

Era rigorosa para o nosso próprio bem, nossa educação.

12) Como eram as aulas de educação física?

Eu adorava as aulas de educação. Elas eram ótimas.

13) Quais eram as atividades mais praticadas na educação física?

ginástica e Voleibol.

14) Como é que se davam as aulas de voleibol ou “bola ao ar”?

As aulas eram dadas no pátio do colégio ao ar livre.

15) O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Estudei durante 1 ano. Dehei maravilhoso.
Bons professores e boas colegas.

16) Você seguiu a carreira de professora?

Não

ANEXO H – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Iolete Barros de Araújo

Normalista: Iolete Barros de Araújo

Entrevistadora: Hoje, cinco de setembro de 2011, estou entrevistando Iolete Barros de Araújo.

Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de Educação de Pernambuco?

Iolete: Não!

Entrevistadora: Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

Iolete: A estrutura de funcionamento era muito organizada, tinha uma secretaria, e a diretoria, que tomava conta de tudo, tinha na época o que nós chamávamos de bedéis, que era o pessoal que tomava conta das crianças e era bem organizado. As aulas eram todas programadas, era tudo bem organizado. A estrutura física também era muito boa, a escola tinha o pé direito bem alto, assim ficava bem ventilada, era muito boa a estrutura da escola sob todos os aspectos.

Entrevistadora: Qual a importância na época?

Iolete: É o seguinte: Era uma escola de renome, então quando a gente dizia que estudava na Escola Normal o pessoal já olhava a gente de outra forma, porque não era todo mundo que entrava lá? Você entrava através de exame de admissão e era muito concorrido! Não havia preferências, era tudo pelas notas, lá tanto tinha pessoas bem simples como tinha até filha de usineiro, na minha turma mesmo tinha uma que era filha do dono de uma usina. A escola era muito privilegiada, todo mundo que estudava lá, tinha muito orgulho.

Entrevistadora: Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Iolete: O ensino era muito bom, os melhores professores da época que tinha aqui em Recife, todos eram bons com a matéria que eles ensinavam, todos eram doutores. O ensino era gratuito e super eficaz, tanto é que eu terminei o curso e pouco tempo depois surgiu uma oportunidade de se fazer um concurso, mas eu não fiz nenhum cursinho, não fiz nada, fiz o concurso e passei em quarto lugar. Que era para um Órgão Público Federal. Algum tempo depois fui influenciada por outras pessoas e resolvi fazer vestibular. Ah, vou fazer vestibular! Eu fiz vestibular e tive uma média alta, que poderia ter entrado inclusive em outros cursos, mas eu escolhi o de Secretariado na UFPE, passei e fui muito bem classificada, poderia ter entrado em Economia, mas eu queria e gosto de lidar com o público aí fiz Secretariado.

Entrevistadora: Como foi seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Iolete: Foi no primeiro ano fazendo o teste de admissão.

Entrevistadora: Com quantos anos você ingressou?

Dona Iolete: Minha filha faz tanto tempo que nem me lembro mais! Foi em cinquenta e quatro que eu entrei, eu tinha catorze anos.

Entrevistadora: O que é ser normalista pra você?

Iolete: Ser normalistas era um estilo de vida, porque tinha as jovens que eram as normalistas e as que não eram normalistas, inclusive, tinha uma certa rivalidade contra o colégio Pinto Jr, que também ficava próximo e também ensinavam o curso normal, a rivalidade era assim: Ah sou normal. Ah você é Pinto Jr! Porque ser normalista era tudo, ser normalista da Escola Normal, do IEP isso não era qualquer coisa!

Entrevistadora: Como você percebia seu corpo na sociedade?

Iolete: Quando eu entrei, eu era uma menina de catorze anos uma jovem em formação, aí saí de lá já moça feita e claro que têm aquelas mudanças normal da adolescência, e todos diziam que eu, não era de se jogar fora! Eu era jovem, toda arrumadinha, bonitinha e coisa e tal, na época meu cabelo era muito grande, passava da cintura, fazia umas tranças, andava toda pronta, só você vendo! Quando chegava à escola eu ia jogar, aí saia da escola desmantelada.

Entrevistadora: Como você percebia o seu corpo na Escola Normal?

Iolete: Bem como todo adolescente há mudanças no corpo. Eu sei que lá na escola então a gente tinha que se comportar muito bem, não podia sentar como hoje a turma senta na sala de aula, tínhamos que sentar tudo bem direitinha, não podia cruzas as pernas, a nossa era saia abaixada do joelho, éramos todas compenetradas, todas bem direitinhas.

Entrevistadora: Como deveria se comportar uma moça na década de 50?

Iolete: Ah, nós tínhamos os limites dentro de casa tinha e tínhamos que levar pra rua e pra escola. Então pronto! Tinha que saber entrar e sair de todos os locais, você não entrava num local estabanada, isso não podia de jeito nenhum naquela época, não podia dizer palavrão como a turma diz hoje em dia. Um dos comportamentos era de não sair sozinha, tinha horário pra sair, horário pra chegar, entendeu? As roupas eram bem comportadas, não eram essas roupas de alçinha, nem na hora da educação física era assim, era todo mundo compenetrado com a farda atualizada.

Entrevistadora: Como era a disciplina na Escola Normal?

Iolete: A disciplina era rígida, quando a gente entrava tinha uma senhora que ficava tomando conta no pé da escada, e que olhava as fardas da gente pra ver se a gente tava tudo com a farda completa. Quem não quisesse ir com a farda completa podia dar meia volta porque não podia entrar, só assistia aula se tivesse toda paramentadazinha, o sapatinho bonitinho, a saia e a blusa organizada. Não tinha aquela algazarra, não se conversava de tudo, quando o professor entrava na sala a gente se levantava e só se sentava quando ele autorizava a gente a sentar. Existia o respeito à gente não fazia aquilo porque era obrigado, era respeito que se tinha com professores, com as pessoas de mais idade dentro da escola e fora também, era isso que a gente aprendia com as nossas famílias. Naquela época nos ensinavam que hoje em dia não ensinam, os pais mandam os filhos para o colégio e não dão educação doméstica. Na nossa época os professores iam de gravata e de jaleco, muitos iam dar aula de paletó e de jaleco por cima. As professoras eram tudo muito bem vestidas.

Entrevistadora: Como eram as aulas de Educação Física?

Iolete: era uma beleza! Antes do inicio de cada semestre nós tínhamos um médico, o nome dele era Ricardo, ele fazia exame e a gente levava outros exames eles pediam pra ver se a gente podia ou não fazer educação física, porque têm pessoas que têm problemas que impeçam e não podia fazer aí quem tava apta, tinha as aulas de educação física. As aulas era o que chamam hoje em dia de alongamento, fazíamos vários tipos de exercícios e tinha também vários tipos de jogos além de jogo de vôlei. Tinha barra bandeira e atletismo, era isso a aula de educação física da gente. O traje era blusinha branca, que não era nem sapato tênis era o que chamavam na época de conga com meia branca, e o short era bem folgado, mas com elástico nas pernas, mais ou menos no meio das coxas era isso que era o traje da gente de Educação Física!

Entrevistadora: Quais eram as atividades mais praticadas na Educação Física? De todas essas que você falou qual era a que mais praticava?

Iolete: O que se praticava mais eram os exercícios de alongamento e você vai se acostumando, os exercícios que mais se fazia eram de levantar os braços, abrir os braços, se abaixar e subir, e depois cada um seguia o que ia fazer em relação à preparação dos jogos. Porque naquela época tinha os campeonatos, que era colégio contra colégio, tinha as turmas dentro do colégio e depois tinha colégio contra colégio, aí quem se destacava mais formava um time pra poder disputar!

Entrevistadora: Como é que se davam as aulas de voleibol?

Iolete: As aulas de voleibol eram dadas na quadra apropriada e tinha técnico, ia quem quisesse ir praticar, pois não era obrigatório fazer os treinos, iam mais as que se destacavam, era isso a aula de voleibol!

Entrevistadora: O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Iolete: Olhe muita coisa impressiona somente a imponência do prédio já era alguma coisa, mas infelizmente agora o modificaram por dentro! A imponência do prédio, a disciplina, o ensino, e o interesse dos professores pra gente aprender. O corpo docente era constituído de sumidades do momento! Então nós tínhamos aulas com: Mauro Mota, que dava aula de geografia, Reinaldo Oliveira, Valdemar Valente, Armando Meira Lins esse são médicos, todos eram formados, não tinham estudantes dando aula pra gente. Tinha Sizenando Silveira, André Carneiro Leão esse aí era da parte de matemática, tinha Mário Quintas, tinha Manoel Correia da parte de geografia também, Moacir de Albuquerque de português, José Brasileiro Vila Nova também de português, quem mais? Salomão Jaroslav era o dono do cursinho que tinha no Pernambucano, ele era químico, eles puxavam pela gente.

Entrevistadora: Você seguiu a carreira de professora?

Iolete: Infelizmente não, porque pouco tempo depois que eu terminei me submeti a um concurso no Órgão Público Federal, e segui minha vida em outra área, mas também lidando com o público! Mas filha eu não deixo de gostar de ensinar de explicar as coisas para o povo!

Entrevistadora: Pronto Ió obrigada!

Iolete: Graças a Deus! Não sei se tá legall...

ANEXO I – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Luiza Fittipaldi

Normalista: Luiza Fittipaldi

Entrevistadora: Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de Educação de Pernambuco?

Luiza: Não!

Entrevistadora: Você se lembra de alguma coisa dessa transição, já ouviu falar alguma coisa?

Luiza: Não, não me lembro e não ouvi falar!

Entrevistadora: Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento, como é que funcionava a Escola Normal?

Luiza: Era uma escola somente feminina, era muito rígida, e o ensino era muito bom naquela época, porque era o único estabelecimento escolar que tinha aqui no Recife, que era muito famoso e muito bom.

Entrevistadora: E a disciplina?

Luiza: A disciplina era rígida, a pessoa não podia ir com uma farda faltando algum complemento, não podíamos faltar às aulas, era rigidez medonha!

Entrevistadora: O tratamento de vocês com os professores?

Luiza: Muito respeito, a gente tinha muito respeito pelos professores e eles também tinham muito respeito pelos alunos.

Entrevistadora: Como eram as aulas?

Luiza: Se fazia fila, formávamos todas no pátio, depois íamos para sala e não podíamos chegar atrasadas na aula, não entravamos e levava falta.

Entrevistadora: E a disciplina desses professores, qual era a relação desses professores com vocês?

Luiza: A relação dos professores era aquela disciplina rígida, eles respeitavam muitos os alunos e não tinha brincadeira, era aquela rigidez, ninguém se aproximava dos professores a não ser para fazer pergunta sobre o assunto que ele estava dando na aula.

Entrevistadora: Qual é a importância da Escola Normal nessa época?

Luiza: Naquela época era a melhor escola que tinha aqui, era a Escola Normal.

Entrevistadora: Qual foi o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Luiza: O motivo foi justamente por causa do ensino que era muito bom, foi isso que me levou a estudar lá na Escola Normal.

Entrevistadora: E a questão da representação da Escola Normal na sociedade?

Luiza: Era muito boa!

Entrevistadora: Como é que era vista a moça na sociedade, a moça que estudava na Escola Normal?

Luiza: Era muito bem vista!

Entrevistadora: Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco, como você entrou na Escola Normal de Pernambuco?

Luiza: Eu fiz um exame de admissão, fui admitida e continuei estudando, fiz o ginásio e o científico.

Entrevistadora: Foi difícil esse teste de admissão?

Luiza: Foi muito difícil porque a primeira vez eu não passei, eu fui reprovada, passei da segunda vez!

Entrevistadora: Você fez algum preparatório para passar nesse teste?

Luiza: Fiz!

Entrevistadora: E o que você sentiu assim quando saiu o resultado do teste?

Luiza: O primeiro que eu fiz fui reprovada, mas eu achei que foi por causa da professora que ela não ensinou muito bem, agora já no segundo que eu fiz a professora foi ótima ensinava muito bem e eu passei, aí eu fiquei muito contente!

Entrevistadora: Com quantos anos você ingressou na Escola Normal?

Luiza: Com dez anos!

Entrevistadora: E saiu de lá com quantos anos?

Luiza: Com dezesseis!

Entrevistadora: O que era ser Normalista pra você?

Luiza: Tinha aquele orgulho de ser Normalista, usar aquela farda (saia azul, blusa branca, sapato preto, meia branca) e era um orgulho ser normalista.

Entrevistadora: Como é que você percebia o seu corpo na sociedade, como era o corpo, como o corpo de uma moça devia se comportar na sociedade naquela época?

Luiza: Naquela época era uma rigidez muito grande não era como hoje que as moças pintam e bordam. Naquela época os filhos eram obedientes aos seus pais, às moças não usavam aquelas roupas escandalosas como hoje estão usando, era uma disciplina muito grande.

Entrevistadora: Como você percebia seu corpo na Escola Normal?

Luiza: Ah, com todo respeito, tudo direitinho, não fazia nada que compromettesse a educação que recebi dos meus pais.

Entrevistadora: E a fila na Escola Normal?

Luiza: A fila era tudo direitinho, tinha que fazer aquela fila toda organizada, porque a bedel era muito rígida.

Entrevistadora: E na sala de aula?

Luiza: Na sala de aula todo mundo ficava em silêncio, e quando o professor chegava era aquela disciplina rígida.

Entrevistadora: Como deveria se comportar uma moça na década de 50?

Luiza: Ela devia se comportar como uma moça direita, sem fazer essas bagunças que hoje estão fazendo e que não existia naquela época esse negócio de balada, não tinha esse negócio da namorada ir pra casa do namorado e vice-versa era assim era tudo normal, tudo direitinho, tudo dentro dos conformes.

Entrevistadora: Você gostava dessa rigidez?

Luiza: Gostava, gostava muito!

Entrevistadora: O que você sentia?

Luiza: Eu me sentia bem, porque era uma coisa pro nosso benefício. Porque se não tivesse essa rigidez virava uma bagunça.

Entrevistadora: Como eram as aulas de educação física?

Luiza: Normais, não tinha nada de mais!

Entrevistadora: Quais eram os exercícios que vocês faziam?

Luiza: Fazia o que hoje chamam de alongamento, corrida somente!

Entrevistadora: Quais eram as atividades mais praticadas, o que mais se mais fazia o exercício, a brincadeira que mais se fazia na educação física?

Luiza: Era um jogo de pegar a bola e passar pra trás que eu não me lembro agora como é o nome era esse!

Entrevistadora: E o voleibol?

Luiza: Voleibol tinha também, mas eu nunca joguei!

Entrevistadora: Você nunca jogou por quê?

Luiza: Porque eu não gostava não, eu não gostava de educação física!

Entrevistadora: Como era a roupa de educação física?

Luiza: Pelo menos a minha era calção azul e a blusa branca.

Entrevistadora: Esse calção era acima do joelho ou era abaixo do joelho?

Luiza: Não era acima do joelho.

Entrevistadora: Era fofinho ou era mais colado no corpo?

Luiza: Era mais fofo!

Entrevistadora: Como é que se davam as aulas de voleibol?

Luiza: Aí eu não posso lhe dizer por que eu não fiz voleibol.

Entrevistadora: É você seguiu a carreira de professora?

Luiza: Não!

Entrevistadora: Por que não trabalhou?

Luiza: Porque meu pai não deixou e depois que eu me casei meu marido também não deixou!

Entrevistadora: E aí você se sente bem?

Luiza: Não, porque naquela época a gente tinha que obedecer aos pais aquelas coisas todas, se fosse hoje à mentalidade que eu tenho as coisas eram muito diferentes, mas naquela época eu fui atrás da cabeça do meu pai, do meu marido e hoje estou assim.

ANEXO J – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Maria do Carmo Vidal de Negreiros Gomes

Normalista: Maria do Carmo Vidal de Negreiros Gomes

Entrevistadora: Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de Educação de Pernambuco?

Maria do Carmo: No momento exato não, porque eu já tinha deixado à escola foi após minha saída é que houve essa reforma.

Entrevistadora: A senhora se lembra como foi essa transição?

Maria do Carmo: Não posso lhe a segurar porque neste momento eu não estava mais em Recife, já tinha me mudado pro estado do Ceará foi quando houve a transição e eu não sei como se deu essa transição.

Entrevistadora: Quando a senhora estudou lá como era o nome da escola?

Maria do Carmo: Escola Normal de Pernambuco se eu não estou enganada, não era o IEP era Escola Normal!

Entrevistadora: Como era a estrutura do funcionamento desse estabelecimento da Escola Normal?

Maria do Carmo: Ela funcionava em dois turnos, não havia turno noturno. Era dois turnos manha e tarde não havia esse terceiro turno intermediário, que existe hoje em dia. Havia aulas de todas as matérias inclusive canto orfeônico é coisa que hoje em dia eu não sei se dão mais na escola, antigamente a gente tinha canto orfeônico com um maestro de categoria que era maestro Vicente Fittipaldi que era um maestro pra ninguém botar defeitos.

Entrevistadora: Qual é a importância dessa escola na época?

Maria do Carmo: Era muito grande porque na época ela era a mais importante juntamente com o Ginásio Pernambucano que ficava na Rua da Aurora, que era só masculino e nós éramos só feminino, então era de uma importância muito grande, por ser pública era uma das escola mais bem estruturada do Estado, era boa a localização, e a estrutura da escola era muito bem montada. Existia paralelo a nós a Pinto Junior que era próximo, mas era pago. Era da elite, porque naquela época pra você entrar na Escola Normal tinha que fazer um teste de admissão.

Entrevistadora: Qual é o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Maria do Carmo: Justamente foi isso, eu estudava na Pinto Junior que era paga, e minha mãe era viúva só tinha duas filhas, mas não ganhava essas coisas todas pra poder pagar uma escola como o colégio das Damas, como Sagrada Família que eram as escolas de elite da época.

Entrevistadora: Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Maria do Carmo: Foi justamente isso, existia uma vaga, e minha tia conseguiu a mesma, através do deputado da época, e se eu não me engano, ele era Paulo Guerra. Tinha que ter um pistolão muito bom pra poder entrar ou então não entrava na Escola Normal assim com facilidade, ou uma prova de aptidão, que só passava com média muito alta, acima de sete, mas naquela época pra você entrar na Escola Normal tinha que ter no mínimo de sete e normalmente passava por três examinadores.

Entrevistadora: Com quantos anos você ingressou na Escola Normal?

Maria do Carmo: Deixa eu vê um pouco! Eu devia ter meus quatorze, quinze anos de treze para quatorze anos, foi 52, 53 e me casei em 54 com dezessete anos, eu devia ter uns treze eu passei uns quatro anos na Escola Normal.

Entrevistadora: O que é ser normalista pra você?

Maria do Carmo: Olhe, era ser respeitada dentro do Estado, A gente era respeitada e ninguém olhava a gente como hoje, como eu ei de dizer com menosprezo como se olha hoje em dia pra uma criança que estuda no colégio estadual desse aí qualquer. Primeiro o fardamento era obrigatório. Na porta da Escola era uma coisa muito interessante tinha sempre uma bedel sentada, parecia uma estátua, ficava olhando o sapato preto se estava de meia branca, se a saia tava direita, se minha blusa tava limpa, se as divisas do ano estavam legal, se o laço que a gente usava tava direito, se eu levava fita na cabeça, presilhas aquelas coisas não podia tá enfeitada, se vinha com batom tinha que tirar, a gente se sentia honrada em vestir aquela farda, se sentia segura, éramos vaidosa, porque você sabe menina com treze, quatorze, dezesseis anos e na frente da escola tinha a Faculdade de Direito, lá a rapaziada da turma de Direito ficava encantada com isso, e na Rua do Hospício era a de Engenharia, então a gente procurava dá o máximo que a gente podia na nossa formosura da idade, porque a gente passava pela Faculdade de Direito, pela Escola de Engenharia aí todo mundo ficava nos olhando.

Entrevistadora: E o comprimento da saia?

Maria do Carmo: Abaixo dos joelhos, quatro dedos abaixo dos joelhos.

Entrevistadora: A camisa, como era a camisa?

Maria do Carmo: Era de manga curta, toda fechada e com o laço azul.

Entrevistadora: A camisa era de que cor?

Maria do Carmo: Branca de tricoline, mas tem um detalhe no dia 05 de setembro sempre houve o desfile da juventude que não existe mais, e nós tínhamos que desfilar, e nesse dia a gente desfilava com uma camisa de seda gorgorão, não era a camisa normal que a gente ia no dia-a-dia, era uma farda de gala, e a saia de prega azul marinho, camisa branca, laço azul e as divisas do ano que você estudava, ficávamos parecidas com o fardamento do tipo militar.

Maria do Carmo: Não de jeito nenhum, porque tinha uma bedel na porta olhando se a gente estava arrumada.

Entrevistadora: E quando saía da escola?

Maria do Carmo: ah, quando saía da escola a gente tirava o laço colocava na bolsa, era para ficar mais livre, mas ninguém tinha vergonha de usar esse fardamento de jeito nenhum a gente se sentia até orgulhosa de tá de farda, porque a gente além de sentir orgulho a gente sabia que tava sendo respeitada.

Entrevistadora: Pela sociedade?

Maria do Carmo: Pela sociedade sim.

Entrevistadora: Como era o comportamento do seu corpo? Como se comportava uma moça naquela época?

Maria do Carmo: Olhe, eu direi que era um pouco tímido, e ao mesmo tempo exibido. A gente queria parecer, mas com timidez, um pouco de atitude, um pouco de pudor que não existe mais hoje em dia.

Entrevistadora: Por que essa timidez?

Maria do Carmo: Porque a educação antiga permitia que a gente usasse essa timidez, você não era atirada, a gente tinha respeito e a gente se sentia orgulhosa de vestir o fardamento da escola e respeitava pra poder ser respeitada porque senão não seria respeitada.

Entrevistadora: A sociedade recriminava as pessoas que não andasse com determinado tipo de traje de roupa ou que mostrasse alguma parte mais ousada do corpo?

Maria do Carmo: A gente só tinha essa liberdade de mostrar determinadas partes do corpo normalmente na época de carnaval é que você tinha a ousadia de botar um short.

Entrevistadora: Como era o corpo em sala de aula, como eram que se comportava esse corpo em sala de aula?

Maria do Carmo: Eu direi que respeitosamente muito disciplinado. O aluno na minha época era muito disciplinado, e ele era disciplinado ao entrar na sala de aula, ele era disciplinado quando o professor entrava.

Entrevistadora: Como era esse corpo na sala de aula?

Maria do Carmo: Educado e disciplinado, você não entrava na sala de aula pra exibir seu corpo, você entrava na sala de aula pra aprender. Achavam meu corpo muito bonito, as pernas muito bonita, então eu sentia que chamava atenção, mas era com respeito não tinha provocação, e sedução não existia.

Entrevistadora: Como deveria se comportar uma moça na década de 50?

Maria do Carmo: Ela se comportava com muito limite, porque naquele tempo os pais eram mais rígidos, os professores eram mais enérgicos, tudo era proibido e na proibição, aguçava os sentidos da gente em querer explorar porque era proibido, a gente não falava de sexo na escola, teve uma menina lá que o pai era médico, e ela levou um livro que se chamava Nossa Vida Sexual e foi um rebu dentro da escola, acho que pela primeira vez a gente ficou vendo o corpo do homem dentro daquela revista.

Entrevistadora: Como essa moça se comportava?

Maria do Carmo: Olhe era muito vigiada, era muito disciplinada, eu sei que toda regra tem exceção, mas a gente não tinha liberdade, por exemplo, treze, quatorze anos a gente dava umas paqueras, uns namorados, mas o namorado vinha na porta de casa, mas a minha mãe ficava no terraço olhando eu namorar e quando davam nove horas ela fazia psiu, rapazinho rua que tá na hora. Hoje em dia o namorado chega de dez horas e sai de duas horas da manhã é muito diferente.

Entrevistadora: Como era a disciplina na Escola Normal?

Maria do Carmo: A disciplina na Escola Normal era muito grande. Primeiro a gente tinha os serventes e os bedéis em cada sala, tinha sempre um sentado olhando a bagunça que a gente fazia nos intervalos, aquela bagunça era vigiada, quer dizer vigiada pra num sair fora do contexto do barulho.

Entrevistadora: Como eram as aulas de educação física?

Maria do Carmo: Pra mim era ótimo porque eu partia pra o voleibol, porque a aula de educação em si, ela era meio chata porque até hoje acho que ninguém gosta daquela baixa, levanta, levanta, baixa aquelas coisas, mas eram boas, gostosas a gente gostava. Os professores eram muito bons, por exemplo, a de voleibol Carminha Monteiro era excelente professora. Se dava muito valor ao voleibol, porque existia os jogos estudantis, então o colégio queria ter o seu nome nos jogos estudantis, e a maioria que jogava voleibol na Escola Normal jogava no Náutico, jogava no Sport.

Entrevistadora: Quais eram as atividades mais praticadas na educação física, os exercícios que eram mais feitos?

Maria do Carmo: Eu diria que corrida, os saltos, a professora botava umas balizas pra gente correr, pular e fazer aquelas balizas.

Entrevistadora: A senhora era aluna guia?

Maria do Carmo: Às vezes a guia era eu, porque de tanto eu conviver em clubes, elas me escolhiam, também eu era meio saliente.

Entrevistadora: O que era ser aluna guia?

Maria do Carmo: Ser guia era o seguinte, a gente ficava na frente do pelotão e a professora dizia o exercício e as meninas atrás tinha que fazer o meu comando. A professora dizia erguer os braços, aí eu erguia os braços e o pelotão atrás todinho fazia aquilo que eu e ela mandávamos. Ser guia era isso.

Entrevistadora: A senhora tinha orgulho de ser aluna guia?

Maria do Carmo: Porque eu sempre gostei de educação física. Aliás, era pra ter feito educação física e não fiz porque foi quando eu me casei, aí ele não quis que eu estudasse.

Entrevistadora: Como é que davam as aulas de voleibol ou bola ao ar?

Maria do Carmo: As aulas de voleibol eram feita através da Professora Carminha Monteiro, e era feita normalmente. Ela fazia a preparação física e naquele tempo o voleibol era um pouco diferente do de hoje em dia.

Entrevistadora: O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Maria do Carmo: O que mais me impressionou foi o alto nível dos professores, o relacionamento dos professores e alunos que existia muito respeito. Você não chegava à secretaria pra bagunçar, você só ia à secretaria quando tinha alguma coisa pra resolver e, diga - se de passagem, a Secretaria eram muito atenciosas, muitos atenciosas mesmo, elas não tratavam mal os alunos e também os alunos tinham respeito por elas. O que era muito importante!

Entrevistadora: Você seguiu a carreira de professora?

Maria do Carmo: Eu parei de estudar por treze anos, depois quando voltei a estudar foi aí que eu fiz o curso pedagógico. E depois me especializei em orientação educacional. Porque quando eu fiz vestibular em Fortaleza, meu marido tinha sido transferido.

Entrevistadora: Ok, Dona Carminha muito obrigada!

Maria do Carmo: Sou descendente de André Vidal de Negreiros.

ANEXO K – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Maria José do Monte

Normalista: Maria José do Monte

Entrevistadora: Hoje, 24 de agosto de 2011, estou entrevistando Dona Maria José do Monte!

Entrevistadora: Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de Educação de Pernambuco?

Maria José: Participei e eu era muito nova naquela época, morava ali próximo na Rua do Hospício, aí vi na época que mudaram pra IEP, Na época era Escola Normal, via aquelas meninas tudo de meião branco até o joelho, passava lá na frente da minha casa, admirava, achava muito bonito. E daí que foi no outro ano que eu entrei, fui estudar lá e já era IEP, e não era mais meião, já era meia normal!

Entrevistadora: E a farda?

Maria José: A farda era saia azul pregueada e comprida até no meio da perna, blusa branca e no bolso o holograma do IEP.

Entrevistadora: Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

Maria José: Tinha a secretaria, Tinha as escadarias e quando subia do lado direito tinha a secretaria, na época o Secretário era Marcos Fernando, lá onde ia saber as notas, o problema de comportamento, e também se ia pra lá de castigo se fizesse qualquer desordem e tinha D. Benvinda que era uma senhora baixa, gorda tomava conta da gente na hora de ir para as salas, e se fazia as filas. Tinha a cantina onde ali após a educação física, e a aula de ginástica, tomávamos leite, eu levava Nescau, misturava era muito gostoso.

Entrevistadora: Qual era o nome da professora de educação física?

Maria José: Era D. Dália,

Entrevistadora: E qual a importância na época da Escola Normal?

Maria José: Era a escola que todo mundo, queria estudar, era escola que puxava pelo o ensino, se uma pessoa fosse fazer um concurso, passava e ainda havia a admiração, as pessoas diziam ah estudou na Escola Normal! Era lá e o Ginásio Pernambucano que ensinava bem realmente!

Entrevistadora: Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Maria José: Era o sonho dos meus pais, minha mãe adorava a Escola Normal! Ah, minha filha quando terminar o primário ela vai estudar lá! Aí eu fui fazer o teste de admissão e passei no primeiro..

Entrevistadora: Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Maria José: Ah, foi através do exame de admissão!

Entrevistadora: Com quantos anos você ingressou?

Maria José: Olhe quando eu fiz o exame eu tava com dez anos, mas quando chegou em abril eu fiz onze quer dizer que eu estudei meio que com onze anos.

Maria José: Lá, era um colégio que ensinava muito bem, só os professores renomados é que ensinavam lá. Era aquele regime, quem não estudava era reprovada, a média era sete, tinha que estudar mesmo porque senão não passava, só passava ali quem sabia mesmo, era esse o regime.

Entrevistadora: O que é ser Normalista pra você?

Maria José: Normalista pra mim foi uma coisa ótima! Eu aprendi muitas coisas, a ser uma pessoa muito sábia, com bons modos!

Entrevistadora: Como você percebia seu corpo na sociedade?

Maria José: Ah, a gente tinha que usar roupas compostas, naquela época a gente não podia tá mostrando perna, as pernas eram cobertas com a meia comprida, saia $\frac{3}{4}$, blusa era de manga comprida, e era tudo coberto.

Entrevistadora: Saia assim com os namorados com essas coisas?

Maria José: Olhe eu não porque eu era muito novinha, mas as minhas colegas eram mais velhas tinha uns namoradinhos ficavam com uns meninos do Ginásio Pernambucano ali na frente olhando quando a gente ia fazer física ficava tudo no muro trepado olhando, a gente aí eu me amostrava um pouquinho.

Entrevistadora: Como à senhora percebia o seu corpo na Escola Normal?

Maria José: Ah, tinha que andar com tudo direito, na ordem, muito organizado, a gente não podia ficar com anarquia, era um negócio muito severo, a educação lá na Escola Normal era muito severa, tinha uma bedel pra tomar conta. A forma de sentar era de pernas juntas, não podia tá perna cruzada, professor chamava tanta atenção quando tava qualquer menina desse jeito, era assim muito organizado, muita ordem mesmo! Era por isso que os pais queriam que a gente estudasse lá porque sabiam que a gente ia sair dali com certa formação.

Entrevistadora: Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

Maria José: A educação era muito rígida e as moças eram muito bem comportadas, a pessoa não podia sair com o namorado, geralmente saia com colegas pra passear, dia de domingo de manhã ia assistir a missa e a tarde ia comemorar ali perto eu sempre ia pra praça brincar, se fosse para o cinema geralmente se ia com as mães. O divertimento maior na nossa época era tomar sorvete na sorveteria Xaxá.

Entrevistadora: Como era a disciplina na Escola Normal?

Maria José: Muito rígida, muito rígida mesmo, a gente não podia fazer nada, tudo era na fila, tudo certinho, tudo calado, e se falasse tirava da fila e ia para o castigo, e ia pra secretaria, e se durante a aula também fizesse alguma coisa o professor botava para fora e a pessoa era suspensa, se na segunda vez a pessoa fosse chamada a pessoa era suspensa e a menina só entrava com o pai. Aconteceu comigo algumas vezes porque tava cantando, brincando, minha bagunça era mais de brincar e cantar aí eu ficava de castigo e só podia entrar se fosse com o meu pai, aí meu pai foi lá falou aí no outro dia fui pra escola!

Entrevistadora: Como eram as aulas de Educação Física na Escola Normal?

Maria José: A Educação Física a gente ia de manhã pra escola levava a roupa da escola, e se trocava, para a aula de educação física, tinha chamada. Dona Dália era minha professora na época, a gente fazia Educação Física, aprendia a marchar que no dia sete de setembro tinha desfile aí tinha que aprender a marchar, quando estava próximo ao desfile vinham uns soldados do Exército e tocava dentro da escola e ficavam marchando. Fora à ginástica tinha os jogos também que a gente fazia, os jogos eram de queimado, de vôlei, atletismo com bastão, atividades com bolas, nos fazíamos a ginástica e exercícios de equilíbrio, tinha jogo de voleibol, onde a gente participava de algumas competições, torneios, mas as competições eram para as meninas mais adiantadas, aí tinha aquelas meninas que gostava de ficar assistindo, Tinha a minha ídola que era a aluna Rosa, que era uma menina bem alta, era judia por sinal! Ela jogava muito bem! Teve um dia também que eu vi o torneio que nós fomos para o Náutico, o jogo era entre a Escola Normal e se não me engano as Damas! Então fomos todas fardada pra lá para o Náutico e a gente também tinha um refrão para os jogos. Aí a gente fazia:

Música:

Lá vem o cordão das normalistas
Vem jogando fazendo o seu cartaz,
A linha de frente joga a defesa, joga mais,
No cordão das normalistas cada vez aumenta mais!

E saia gritando isso era a maior diversão.

Entrevistadora: Quais eram as atividades mais praticadas na Educação Física?

Maria José: Acredito que era de corrida, mais fazíamos muitos exercícios. Agora que eu não sei direito assim não porque tinha um polichinelo, eu me lembro até hoje levei para a minha vida, hoje estou na terceira idade e ainda faço os exercícios, e eu gostava. Eu era a aluna guia, gostava muito, toda vida gostei de ginástica!

Entrevistadora: A senhora era a guia?

Maria José: Era guia, meu sonho era fazer Educação Física não fiz porque tinha medo de nadar, não tinha um exame na piscina? Eu tinha medo, não fiz por causa disso que era rígido na época porque era aquele negócio pegar uma pedra lá no fundo!

Entrevistadora: O que era ser aluna guia pra senhora?

Maria José: Era aquela aluna que se destacava que fazia a ginástica bem, fazia bem feita e na frente de todos. Eu me orgulhava quando a professora me chamava pra ficar na frente, e fazia todos os exercícios, me destacava, ficava as meninas tudo formada e eu ficava na frente.

Entrevistadora: Quem dizia os exercícios para serem praticados?

Maria José: Era a professora! Ela fazia também, aí ela dizia: agora vamos fazer polichinelo e eu como aluna guia fazia e as outras alunas também.

Entrevistadora: O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Maria José: O que me impressionou foi tudo, eu gostava de tudo ali na escola! Eu gostava de trabalhos manuais que eu aprendia muita coisa com trabalhos manuais, gostava das aulas de música, só gostava um pouquinho de matemática.

Entrevistadora: Essa aula de trabalho manual o que quer vocês faziam e o que quer acontecia com esses trabalhos?

Maria José: No fim do ano tinha a exposição dos trabalhos, a gente botava os trabalhos na exposição, tinha muitas coisas eu mesmo na época eu fiz umas bolsas que eram de palha de rafia, a gente bordava com lã eu tenho essa lembrança, tenho lembrança também de ponto de cruz e fiz uma bolsa também, era como se fosse pra gente carregar coisa de neném, pra gestante, tinha também trabalhos de madeira.

Entrevistadora: Você seguiu a carreira de professora?

Maria José: Segui, me formei no magistério, mas não foi lá, foi no Ginásio Pinto Jr. estudei lá sete anos direto, nunca fui reprovada lá, porque já tava com treze anos já tava maiorzinha, aí depois fiz Pedagogia na FAFIRE, Orientação Educacional e mais tarde eu fiz fonoaudiologia, eu fiz e entrei na área excepcionais total.

Entrevistadora: Eu queria saber aquele nome, posso?

Entrevistadora: Ok, Dona Zezé muito obrigada viu!

Maria José: De nada minha filha! Agora vou cantar

Maria José: Fiz uma prova por desmando, saiu errada porque houve engano, sou estudante do primeiro ano, pego na caneta e vou logo filando. Aí, aí, que vida ingrata o estudante tem, quando ele erra perde a prova toda e quando acerta a prova não convém!

Entrevistadora: Obrigada !

ANEXO L – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Norma Rodrigues

Normalista: Norma Rodrigues

Entrevistadora: Seu nome?

Norma: Norma Rodrigues de Figueiroa!

Entrevistadora: Você participou da transição da Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de Educação de Pernambuco?

Norma: Não participei e nem me lembro a data dessa modificação, de uma situação pra outra! Não participei, nem me lembro, nem tenho ideia!

Entrevistadora: Como era a estrutura de funcionamento desse estabelecimento?

Norma: Olhe a escola funcionava de uma maneira muito rígida e exigia a farda, as alunas tinham que ir muito bem arrumadas com fardamento, se faltasse uma meia, um sapato diferente não entrava na sala de aula, não entrava nem no colégio quanto mais na sala de aula. E quanto ao ensino, eram um dos melhores colégios de Recife, onde os professores eram todos professores formados em mestrado, tinha uns professores como Mauro Mota, Dácio Rabelo, Moacir de Albuquerque e grandes professores da época ensinavam no IEP. O funcionamento físico tinha, tinha as chefas de disciplina, as salas eram amplas, muito gostosa, muito arrumada não tinha bagunça, nada de cadeira quebrada tinha uma grande área para práticas de Educação Física e de recreio, era uma escola de dois pavimentos tinha aulas embaixo e aulas em cima no meio do pátio tinha um grande jardim muito bonito. E embaixo na entrada funcionava ao lado direito a secretaria mais na frente era a sala de direção e depois seguia o corredor que ia dar na área do quintal, onde tinha a lanchonete e por trás da lanchonete tinha a dependência de Educação Física onde você trocava de roupa, tomava banho ou qualquer coisa que precisasse.

Entrevistadora: Qual a importância na época da Escola Normal?

Norma: Uma das melhores escolas, era disputada por todas, por todas as moças, fecharam a escola pra mulher, todas as moças que queriam o ensino elevado, procuravam o Instituto Educacional de Pernambuco pra ter um estudo de primeira qualidade! Aí.

Entrevistadora: Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Norma?

Norma: Exatamente por ser uma escola de ensino bom, de disciplina, de primeira qualidade era uma escola muito disputada por todos os que queriam um bom ensino pro seus filhos, pra suas filhas naquela época!

Entrevistadora: Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Norma: Entrei no Instituto Educacional de Pernambuco através do exame de admissão em 1951, passei no primeiro teste. Aí entrei, estudei a quinta, a sexta até a oitava série, até o ginásial aqui, era quinta, sexta, sétima, oitava ginásial e depois fiz mais dois anos de Curso Clássico que naquela tinha clássico e científico. Clássico pra quem queria seguir a área de letras e científico pra quem queria seguir a área de medicina!

Entrevistadora: Com quantos anos você ingressou na Escola Normal?

Norma: Catorze anos!

Entrevistadora: O que é ser normalistas pra você?

Norma: Eu tenho o maior orgulho de ser normalista, eu tenho orgulho de dizer que eu passei pelo melhor estudo de Pernambuco, os melhores professores, o melhor ensino de Recife do estado de Pernambuco, foi no IEP que tudo o que sei hoje é um pouco do que eu passei da minha estrutura no IEP.

Entrevistadora: Como você percebia seu corpo na sociedade?

Norma: Olha, a gente era muito respeitada naquela época, chamávamos atenção, principalmente na rua, e se dissesse que eram alunas do IEP eram identificadas pelo emblema que a gente tinha na blusa e pelo laçinho, a saia toda prensada, toda de prega então a gente era respeitada, muito mesmo!

Entrevistadora: O que quer a sociedade exigia de vocês de comportamento?

Norma: Então essa questão de comportamento não podia fazer nada que chamasse atenção ou nada que pudesse vemos dizer assim que conduzisse o mau comportamento, tirasse nossa imagem boa, como uma boa normalista, tinha que sempre apresentar uma boa imagem. A gente não saia na rua bagunçando, quebrando as coisas, fazendo alarde nem gritaria, sempre andávamos bem comportada.

Entrevistadora: Como você percebia o seu corpo na Escola Normal?

Norma: Feliz da vida, eu era muito feliz ali dentro, participava de tudo era ativa e era estudiosa.

Entrevistadora: Como é que se sentava?

Norma: Ah, a gente tinha a maior disciplina pra se sentar, sentava tudo direitinho porque cada uma tinha sua banca, não cruzamos muito as pernas, e a gente conversava muito pouco na sala, tínhamos que prestar atenção e respeitar os professores! O professor entrava em sala de aula a gente ficava em pé não tinha bagunça nenhuma existia respeito professor/aluno, aluno/professor.

Entrevistadora: Como deveria se comportar uma moça na década de 50?

Norma: Como eu disse lá na frente muito bem comportada! Os namoros, os passeios, as festas que a gente ia era muito divertida, muito sadia, muito bom! E sempre íamos na companhia de pessoas mais velhas.

Entrevistadora: Como era a disciplina na Escola Normal?

Norma: Rígida, muito rígida a gente tinha as censoras que tomavam conta de cada sala, tinha um censor pra tomar conta da disciplina e na hora que você botasse os pés dentro do prédio, você já era vigiada na sua disciplina, era muito exigido disciplina no IEP!

Entrevistadora: Como era essa disciplina?

Norma: Se comportar direito, a gente não ficava fazendo coisa que não devia fazer é fora de sala de aula, a gente esperava o professor sentada na cadeira, o professor chegava, saia professor, chegava professor a gente sentado, quando a gente saia para o recreio, saia tudo feliz da vida, tudo andando direitinho naqueles passos, naquelas conversas e ia logo pra área do quintal, e lá a gente participava das conversas, dos lanches cada uma que contava seus namoros, suas coisas que acontecia.

Entrevistadora: Como eram as aulas de Educação Física?

Norma: As aulas de Educação Física eram ministradas pela professora, todas tinham a farda de educação física que era aquela camisa branca de malha, tinha um short bem comprido em cima do joelho na cor azul tênis e meia branca, o professor escolhia aquele exercício, ele ensinava, dizia como era e botava uma aluna guia, botava ela na frente da gente e a gente tinha que acompanhar o que a aluna ia fazendo, e a gente tinha que fazer tudo no ritmo igual.

Entrevistadora: Quais eram as atividades mais praticadas na Educação Física?

Norma: Eu mesmo jogava voleibol eu era uma das atletas de voleibol da escola e participava de campeonato e de torneio, se jogava também, muito queimado, adorava jogar queimado, chegava em casa muitas vezes com blusa rasgada, e suja, porque era para bater forte, e quando a gente ganhava era aquela folia e nisso eu chegava suja, rasgada, mas feliz da vida!

Entrevistadora: Como é que se davam as aulas de Voleibol?

Norma: Ela fazia os treinos toda semana, tinha os dias de manhã e antes de começar as aulas de Educação Física ela ficava treinando voleibol com a gente, com o grupo. Número três era um jogo de voleibol normal como outro qualquer aonde ela ensinava a levantar a bola, aonde

ela ensinava a dar um saque perfeito, tá entendendo? E, exigia da gente o maior esforço possível pra que a gente jogasse bem o voleibol!

Entrevistadora: O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Norma: Não digo que mais me impressionou, mas o que me deixou saudade foram os professores, aquela vida alegre, feliz da vida que eu tinha dentro do IEP.

Entrevistadora: Você seguiu a carreira de professora?

Norma: Muitos anos depois que eu larguei, que eu abandonei no segundo ano clássico, e isso se passou dez anos depois, e eu voltei a estudar e me formei no IEP, logo em seguida fiz vestibular para pedagogia na UFPE e passei.

ANEXO M – Entrevista Oral do Questionário da Normalista Rosenilda de Paiva de Diniz

Normalista: Rosenilda de Paiva de Diniz

Entrevistadora: Hoje, Vinte de setembro de dois mil e onze, estou entrevistando Dona Rosenilda de Paiva de Diniz.

Entrevistadora: A senhora participou da transição na Escola Normal de Pernambuco para o Instituto de Educação?

Rosenilda: Quando eu entrei já era o Instituto de Educação, não foi na transição, já tinha passado a transição!

Entrevistadora: Como era a estrutura do funcionamento deste estabelecimento? Como é que funcionava? Como era a escola nessa época?

Rosenilda: Lá fora tinha o jardim, o que eu gostava mesmo era do campo. Eu sempre gostei de jogar, jogava voleibol, e nas salas de aulas não podia ter balbúrdia, eram só conversas sem ter a voz tão alta, nos corredores também ninguém ficava gritando, e nem com gargalhadas, ele era somente pra passagem, sem gente conversando e eu me sentia muito bem, e quando terminava a aula era para irmos para o pátio, eu gostava muito de brincar.

Eu acho que toda aluna queria estudar aqui, porque só era feminino, não era misto, era só feminino! Eu acho que toda estudante tinha vontade de estudar no Instituto de Educação porque ele tinha uma boa estrutura, uma boa formação e era muito tanto rígido. Eu acho que era um orgulho para gente que estudava lá!

Entrevistadora: Qual era a importância na época do Instituto de Educação?

Rosenilda: Era formar professores e bons profissionais, é lógico! Por isso que ele exigia tanto dos alunos, dos professores, e tínhamos bons professores, era muito bom!

Entrevistadora: Qual o motivo que lhe levou a estudar na Escola Normal?

Rosenilda: Exatamente por isso! Por que toda aluna queria ir pro Centro de Educação, minha mãe sempre dizia, você vai para lá. Por ser uma menina pobre não podia pagar colégios caros, aí eu fui para essa instituição tão conceituada.

Entrevistadora: Como foi o seu ingresso na Escola Normal de Pernambuco?

Rosenilda: Por meio do exame de Admissão, me preparei muito! Eu estudava no Manuel Borba e tava bem preparada, fiz o exame e da primeira vez que fiz, eu passei e logo me matriculei no primeiro ano.

Entrevistadora: A senhora achou difícil o teste?

Rosenilda: Não foi! Pra mim eu não achei tão difícil não, tava um pouco nervosa, mas eu achava que tinha passado com uma boa nota, eu não me lembro mais da nota, mas acho que não foi tão baixa!

Entrevistadora: Como foi receber o resultado?

Rosenilda: Fiquei mais nervosa ainda, com medo de ter sido reprovada, mas não fui reprovada!

Entrevistadora: Com quantos anos a Sra. ingressou?

Rosenilda: Onze anos, onze anos, menina moça!

Entrevistadora: O que é ser Normalista para Senhora?

Rosenilda: Ah, é um orgulho! Quando tava com aquela farda ficava orgulhosa, tínhamos uma farda bonita, era gostoso!

Entrevistadora: O que representava para a família ter uma filha estudando na Escola Normal?

Rosenilda: Ah, era o orgulho da minha mãe e do meu pai! Aqui no Recife eu não tinha mais família nenhuma só um tio, mas esse tio era muito por fora. A família toda era do Rio Grande do Norte!

Entrevistadora: Como a Sra. percebia seu corpo na sociedade?

Rosenilda: Eu fazia parte de uma sociedade na qual eu era uma menina pobre, mas ficava achava orgulhosa, de estar ali no meio daquelas meninas que eram muito ricas, mas eramos todas tratadas por igual. Em relação ao corpo, vou lhe contar uma história. Fui para uma festa com Norma e a sua família, era uma festa de fim de ano, já estava perto de ser transferida e fomos para uma a casa de uma amiga que nos convidou. Norma estudava comigo, a festa foi muito boa era uma festa na casa de pessoas de família, dancei muito, apesar de que quando cheguei em casa, pois nessa época eu morava na casa de um tio, então fui muito humilhada, chorei o bastante, gritei, mas tava feliz porque tinha passado uma noite alegre e divertida.

Para finalizar, vou-lhe dizer por que fui humilhada, foi porque eu vinha com o sapato na mão. Não dei importância porque já era muito tarde da noite, como eu usava sapato de salto, e foi à primeira vez que calcei, mas quando eu ia chegando, me aproximando com outras mocinhas e como eu estava com a família de Norma não dei importância, mas a esposa do meu tio, quando me viu com o sapato na mão ficou gritando comigo e me tratou grosseiramente me achou parecida com uma..., desculpe-me a expressão, “rapariga”, porque eu vinha com o sapato no dedo. Então naquela época não era permitido essas coisas e fizemos isso porque era muito tarde da noite e ninguém não estava nos vendendo, e as casas estavam todas fechadas e a gente com os pés cansados, doendo porque tinha dançado a noite toda.

Entrevistadora: Como eram as roupas?

Rosenilda: As roupas tinham que ser abaixo do joelho, um pouco de manguinha, não era um decote muito grande, tinha que ser um decote pequeno. Eu usava muito laço no cabelo, tinha que se vestir direitinho! Não se usava sapato alto, só se usava um saltinho depois dos quinze anos, eu não tinha esse tipo de sapato, e quando o usei, fiquei com os pés doloridos, pois não aguentava mais pisar, mas foi muito bom!

Entrevistadora: Como você percebia o seu corpo na Escola Normal?

Rosenilda: Sentia-me muito bem! sou uma pessoa tranquila, mas não gostava de estudar, não tinha esses amores pelo estudo, o que eu queria mesmo era me formar ter uma profissão, pois achava muito bonita a profissão de professora. Mas a disciplina era muito rígida, não podíamos expor os nossos corpos, mostrar o colo do peito ou parte das coxas, não dívamos risada altas, não cruzamos as pernas demasiadamente, era tudo dentro dos limites.

Entrevistadora: E a disciplina da escola?

Rosenilda: Começando pela farda, tinha que entrar com a farda completa, não podia ir trocar o sapato preto, pelo tênis, não podia ir com outra coisa, tinha quer ser sapato preto, meia branca, saia bem de preguiadinha e blusa branca bem passada, toda bem vestida, sem nada de exagero, tudo simples! Assim também era o modo de sentar, era tudo direito, não havia esse negócio de tá de perna de fora essas coisas não! Tudo com muita educação!

Entrevistadora: Como deveria se comportar uma moça na década de 1950?

Rosenilda: Devia se conduzir muito simples, vestindo-se com as roupas tradicionais daquela época, onde era tudo bem comportada, nada de decotes grandes e nada de muita pintura, menina não se pintava. Naquela época você não se pintava, porque tinha que ter quinze anos, aí você botava um batonzinho, um esmalte, uma coisinha simples, mas era tudo mais simples, tudo mais composto, principalmente no jeito de se sentar, a gente tinha cuidado ao se sentar, era tudo bem organizado!

Entrevistadora: E os namorados?

Rosenilda: Namoro não! A gente dizia aquele menino era bonitinho, aquele era engraçadinho, não tinha esses namoros assim, como os de agora, que beijam na boca, na frente de todo mundo, de todo jeito, essas coisas não! Às vezes a gente simpatizava com aquele rapaz aí dava uma olhadinha, aí tinha aquele ali que passava e dava um adeusinho e era somente bobagens assim, não eram namoros!

Entrevistadora: Como era a disciplina na Escola Normal?

Rosenilda: Era uma disciplina rígida! Logo na entrada éramos todas observadas, se a farda estava completa, tínhamos cuidado com tudo, tínhamos zelos pelos livros, pelos lápis, tudo direitinho, tudo organizado, inclusive com os trabalhos manuais, que muitas vezes não conseguíamos terminar, mas mesmo assim era cobrado para avaliação, tudo tinha nota. **Ana: Entrevistadora** O que se fazia nas aulas de trabalhos manuais?

Rosenilda: Menina, ela ensinava pontos de bordados, ponto cheio, ponto de cruz, mas isso muitas vezes uma ensinava a outra, porque a professora não tinha muita paciência e dava aquela aula ligeiramente, tinha a aula de arame, e lembro-me que fiz uma cesta pra botar ovos, bonitinha que só vendo! Tinha um jarro de barro que a gente fazia, ele era pintando de flores, eu fiz uns três jarros, porque a minha avó estava aqui, pois ela morava em Natal, aí quando ela viu o jarro, achou bonitinho, aí eu dei, mas nesse eu caprichei, eu fiz mais rosas bonitas, só você vendo!

Entrevistadora: Como eram as aulas de Educação Física?

Rosenilda: Ah, Maravilhosas! Geralmente eu ficava como aluna guia, era magrinha, gostava de correr e tinha facilidade de pegar aquele jeito da ginástica: de subir, levantar, baixar, correr, saltar, eu adorava correr, gostava demais de correr e jogava voleibol que era o joguinho principal, esse eu gostava muito!

Entrevistadora: Quais eram as atividades mais praticadas na Educação Física?

Rosenilda: Era tanta modalidade que eu não me lembro mais como eram, eram muitas, eram muitas. Tinha aquela de correr cem metros, tinha a de pular no cavalo, que era um tronco de coqueiro, tinha a de equilíbrio que era um aplaudido em cima pra poder a gente andar em cima daquele tronco. Não me recordo mais!

Entrevistadora: Como se davam as aulas de voleibol?

Rosenilda: Tínhamos uma quadra, mas era descoberta, era só marcado no chão! Então era muito bom. Ela reunia a turma e dividia em vários grupos, e no fim fazia o campeonato pra saber quem era o campeão da escola. Então houve o torneio das turmas da manhã, e o primeiro ano ginásial foi campeão, porém achamos pouco e convidamos o pessoal da tarde para disputar e nós ganhamos para essas moças, e nós éramos meninotas. Então, elas ficaram com raiva e nós sofremos para sair do banheiro, pois elas prepararam um saco de areia pra jogar na gente, só depois de muito tempo é que conseguimos sair, os professores ficaram tudo lá para ver se elas não maltratavam a gente, porque ficaram com muita raiva porque as meninota ganharam para as moças! Foi muito bom!

Entrevistadora: O que mais lhe impressionou na Escola Normal?

Rosenilda: Olha, eu adorava a educação física, adorava mais do que estudar era o que eu gostava mais era a educação física. Quando eu era a aluna guia, eu chegava bem cedo para fazer ginástica, a gente fazia ginástica e depois íamos para o vestuário quem quisesse tomar banho, tomava banho e tudo se aprontava pra ir receber o lanche e logo em seguida para as salas de aulas.

Entrevistadora: Quanta vez tinha as aulas de Educação Física na semana?

Rosenilda: Eu não me recordo bem, eu acho que eram duas vezes por semana! Agora quando tinha treino de voleibol, aí às vezes eram mais do que duas, porém ficava alternando, ora ginástica, ora voleibol.

Entrevistadora: Você seguiu a carreira de professora?

Rosenilda: Não, me casei antes de me formar. Eu passei para o segundo ano pedagógico, aí eu inventei de casar! Aí deixei de estudar, não quis mais, pois fui para o Rio Grande do Norte, mas quando voltei para o Recife, fui ser comerciante!

Entrevistadora: Obrigada, D. Rosenilda!

Rosenilda: Terminou?

Entrevistadora: Terminou!

ANEXO N – Memória Individual da Normalista Iolete Barros de Araújo

VISITAS A CÂMARA

Normalista: Iolete Barros de Araújo

É tempo de lembrar... Bem, na nossa época não tinha essas grades era tudo aberto! Então, a gente chegava aqui e entrava, aqui sempre existiu aquele quartel da guarda do exército, a diretoria militar era mais para lá um pouquinho e você indo à direção da Riachuelo, tinha a casa do comandante do exército aqui em Pernambuco, mais adiante no outro quarteirão tinha uns sobrados antigos, no qual um deles no térreo funcionava uma sorveteria que a gente às vezes tentava fugir na hora do recreio pra ir tomar sorvete na sorveteria Xaxá, famosíssima. Então ela tinha um sorvete que era branquinho por dentro com umas chapinhas de chocolate que era um sucesso, depois ela saiu daí aí foi pra Rua do Riachuelo ali na confluência com a Rua Bispo Cardoso Ayres, e depois ela acabou fechando.

No Parque Treze de maio era todo livre, na frente já existia a faculdade de direito, do lado esquerdo tinha uma escola de idiomas, que era a Brasil Estados Unidos que foi praticamente a primeira escola de idiomas que nós tivemos aqui em Recife, no Parque Treze de Maio tinha uns restaurantes dentro do parque, tinha ali por trás do lado direito tinha o Torre, Torre Eiffel era um restaurante e bar, aonde a turma ia pra lá fazia tipo Happy hour e atrás da Escola tinha uma churrascaria, claro que era por fora, e eu não me lembro bem o nome parece que era Pajussara. Eu não me lembro bem o nome dela não, mas o Torre Eiffel aí eu me lembro bem.

Na frente da Escola não tinha essas rampas, só os degraus, então nós adentrávamos no hall de entrada, onde ficava a sala do Dr. Dárcio Rabello e do outro lado a Secretaria, a Secretaria era Dona Yuda, uma morena, baixinha e tinha uma chefa de disciplina com o nome de dona Luzia, essa daí era durona mesmo, então ela ficava ali em pé e perto da escada, olhando todo mundo que entrava para ver a farda de todas as alunas, porque a gente não podia entrar de farda diferente, tinha que ser tudo completinho nem o tênis da Educação Física a gente podia entrar, só mudava na hora da aula, o nosso sapato da aula era aquele sapatinho tipo boneca, teve uma ocasião que uma garota de nossa turma, veio com outro sapato um tênis baixinho, os tênis de antigamente não era esses tênis altos como agora, então Dona Luzia a viu com o sapato diferente, aí chamou ela. Eleonora venha cá! Aí Eleonora subiu as escadas correndo porque a nossa sala era lá em cima do lado esquerdo, aí ela correu pra dentro da sala e de lá ela passou pra outra sala e as meninas ficaram trocando os sapatos com ela pra poder passar. Pronto até por conta disso, nós fomos suspensa, a turma toda foi suspensa. Porque deu cobertura a menina, Pra você vê a disciplina.

A farda era uma saia azul marinho prensada de tropical, prensadinha que de noite quando chegávamos em casa a gente botava debaixo de colchão pra não desmanchar as pregas, usávamos uma blusa branca de manguinha curta, um laço escuro, com o emblema da escola, a meia com aquele sapato tipo boneca, a farda era essa. Ai não podia andar fora disso porque se não Dona Luzia botava a gente pra trás. Tinha uma caderneta pra carimbar a presença de todas as alunas.

No segundo piso e último andar, tinha um salão, que era o auditório, mas o piso não era esse, o piso era outro, era um auditório no qual a gente tinha aula de música com Maestro Fittipaldi. Era o salão nobre, salão de música e auditório. Já no Pátio da Escola, a gente ficava aqui sentada na hora do recreio, ficava conversando, ou fazendo qualquer coisa que não fosse anarquia, porque aqui era tudo proibido: Não se podia fazer barulho, não podia cantar, não podia fumar, não podia fazer nada era só conversar e conversar, conversas normais,

corriqueiras! Tenho boas recordações, eu terminei em 1960 o pedagógico, o normal, passei Sete anos!

As aulas de educação física aconteciam no pátio lá fora, não era nada calçado, tinha um muro onde tinha a quadra de vôlei, eu chegava à minha casa imunda, a blusa era para um dia só! Eu ficava o tempo todo jogando! As aulas de educação física era uma beleza! Eram mais jogos não, Se fazia os exercícios normais, e tinha os jogos do tipo barra bandeira. Tinham duas professoras que eram irmãs Bau e Bado, tinha outras duas irmãs, estou voltando à fita, que era Clory e outra pessoa que passou pouco tempo com a gente que depois ela foi para o Colégio Damas, e Carmem Monteiro, era técnica, ela não participava muito como professora não, porque aquela época os jogos escolares eram muito acirrados. Então era a gente, Damas e Vera Cruz e a gente brigava mesmo nos jogos. Aí tinha atletismo, tinha voleibol, tinha basquete, tinha essas coisas assim.

Para as aulas de Educação física, tinha os professores, um médico que ficava numa sala aqui embaixo, aí ele fazia o exame para poder a gente saber se podia ou não fazer educação física e jogar. Aí ele dava o atestado se a gente podia ou não podia fazer. O nome dele era Ricardo era um morenão alto, bonito, dava pro gasto! A farda de educação física era um short como se fosse uma sunga fofa de elástico na cintura e na perna, aí ficava aquele negócio fofinho, tênis, a meia e a blusa o resto era normal.

Aqui atrás da Escola tinha uma cantina, e pra lá tinha umas duas salas de aula, mas era aula de arte e o nome da professora era dona Naíde, aí ela ensinava crochê, tricô, pintura em tecido, bordado em étamine, e ponto de cruz, na sala tinha uma mesa bem grande que a gente fica em volta da mesa e ela ia ensinando a gente fazer as coisas. Essa aula fazia parte do currículo de antigamente, em tudo que era colégio. Essas prendas domésticas nos serviam para o nosso casamento, e se dava principalmente em colégio feminino, no colégio masculino não sei o que eles ensinavam, mas nos femininos todos os colégios tinham isso. E no final do ano se fazia uma exposição, aí levava pra casa, dava, fazia o que quisesse, mas era da gente aquele material! O material para esse objetos eram comprados por nós. Onde cada uma trazia seu material para poder trabalhar, e pra fazer as aulas, onde tinha nota de prendas domésticas e arte. Dona Naíde, morava naquela Rua Matias de Albuquerque em frente à Rua do Hospício onde tem aquele cinema.

Mudaram tudo, mudaram tudo! Os professores da época eram professores Catedráticos, não os mesmo de hoje! O estudo era bem mais avançado, vamos ver se eu me lembro dos nomes dos professores: Mauro Mota foi meu professor de Geografia, eu estudei com André Souza Leão, Valdemar de Oliveira, Reinaldo Oliveira, este eu tinha medo, é um dos fundadores do teatro aí e tinha José Lourenço, tinha Lucílio Ávila em latim e tinha Audo, Nadler em francês, tinha Arnaldo em química, tinha José Brasileiro Vila Nova que era de português, Moacir Albuquerque, Então, quando eles entravam na sala a gente se levantava! Eles davam aula de paletó e gravata ou então de gravata e manga comprida e um jaleco. A disciplina era muita rígida, nós tínhamos um professor de Puericultura, é uma disciplina que ensina a cuidar de crianças, esse professor era Dr. Armando Meira Lins era um médico famoso dessa família Meira Lins que hoje em dia ainda existe, graças a Deus!

Pois bem e quando foi um dia ele chegou para dí aula nós estávamos na maior bagunça, aí ele entrou quando ele entrou ninguém respondeu, porque estávamos nas janelas, aí ele cumprimentou duas vezes e nós ficamos meio assim, ele não teve dúvida pegou a cadernetinha porque ele fazia a chamada diariamente, e tinha também umas perguntas surpresas ele dava aula e na aula seguinte ou então no final da aula ele fazia perguntas que era para nota, sobre a matéria que foi dada. Pois bem! Aí ele não teve dúvida botou a cadernetinha debaixo do braço deu meia volta e foi para a secretaria, e disse que as meninas estão na bagunça aí o pessoal da secretaria disse: não é possível, não acredito! Aí foi o que aconteceu aí achou pouco falou com o vice-diretor e ele disse: Não acredito umas moças

fazerem um negócio desses, Doutor! Aí ele foi embora pra casa e não veio mais, só vinha quando agente tivesse uma suspensão, tivesse alguma coisa porque em função de nossa turma ele foi chamado de mentiroso. Porque quando a pessoa disse não acredito quer dizer que tava o chamando de mentiroso. Nessa confusão a gente passou uns quinze dias sem aula dele, aí nós reunimos uma turma, fizemos uma comissão, e fomos a casa dele. Ele morava na Av. Boa Viagem, onde hoje têm dois prédios enormes, é ali no terceiro jardim. Aí quando a gente foi lá falar com ele à noite, a noite era o horário que ele tava em casa. Aí pronto ele disse: Vou pensar, pedimos desculpas a ele e dissemos que a culpa não foi nossa, se a pessoa tivesse acreditado no senhor, tinha ido lá brigava com a gente e fazia alguma coisa. Quando foi na outra semana ele voltou dar aula para gente! Essa era a disciplina na sala de aula.

Nossa turma era bem classificada de pessoas mais simples até pessoas chiques. Tinha uma menina ela é filha do dono da usina Massauasu, o carro vinha buscá-la, vinha trazê-la com motorista e tudo. Aquela menina que foi miss de Pernambuco é Zayra Pimentel. Zayra era da turma da gente no ginásio. A disciplina também era com a nossa farda, a famosa farda, a saia era abaixo dos joelhos, mais tinha colega nossa que quando saía, enrolava na cintura para a saia ficar mais curtinha, não se dizia palavrão, conversávamos normalmente, contávamos as novidades, e as fofocas da época, mas tudo tranquilo, sentado lá nas suas cadeiras sem botar as pernas em outro lugar ou nas cadeiras, nós estudamos no período que se dava valor ao estudo, as amizades e aos colegas, e não havia brigas!

Na hora de sentar, não cruzamos as pernas, mas sentava normalmente sem fazer escândalo, ninguém saia mostrando coxa, nem coisa nenhuma não, era tudo dentro dos conformes, era tudo tranquilo! Ah, tenho boas recordações, pra gente entrar aqui era difícil, tinha o exame de admissão que era bem puxado, e para gente era uma glória desfilar na cidade com a roupinha de normalista, aí os meninos do colégio ficavam olhando para gente. Quando começava a ensaiar as bandas, para o desfilo de sete de setembro, aí quando a gente saia daqui a gente saia nas carreiras porque as melhores bandas era a do Ginásio Pernambucano, que antigamente não era Ginásio era colégio, Colégio Estadual de Pernambuco!

O desfile era muito bom, muito bom! Inclusive não era no dia dos soldados, a dos soldados era no dia sete e a nossa era no dia cinco e a gente se reunia ali na Rua da Aurora era ali que ficava todo mundo formado para os desfiles! Nós não éramos obrigadas a participar, normalmente eram dois, três pelotões no máximo que desfilava e a turma da noite não desfilava, só as turmas da manhã e da tarde. E no dia treze de maio era nossa páscoa então a gente ensaiava para a páscoa, e saia daqui tudo em grupo, tudo formalizado direitinho, agora ia professores, o pessoal da secretaria e o pessoal tomava conta da gente, porque a páscoa era dada na igreja do Nóbrega, na capela do Nóbrega, quando a gente voltava tinha o lanche, onde cada sala fazia o seu bolo confeitado, os salgados e os doces e se trocava santinhos.

ANEXO O – Memória Individual da Normalista Luiza Fittipaldi

Normalista: Luíza Fitipaldi

É tempo de Lembrar... Hoje eu tenho setenta e dois anos, Meu nome é Luíza Fittipaldi, nasci em vinte e cinco de agosto de mil novecentos e trinta e oito, esse lugar me traz muitas recordações, o que me levou a estudar aqui foi à aprendizagem, porque podíamos fazer vestibular sem problema e assim entraríamos na universidade, ter uma boa formatura era isso que eu queria.

Queria inclusive trabalhar, mas meu pai nunca deixou, porque ele dizia pra mim que não estava cansado de me dá um prato de comida e nem roupa, e que não tinha necessidade de trabalhar. Porém quando eu me casei meu marido também não me deixou trabalhar, assim fiquei sem trabalhar, sem nada. Mas eu tinha vontade de trabalhar, tinha vontade de ser freira, mas meus pais não deixaram, porém vamos deixar minha vida pessoal de lado e vamos falando da Escola.

Pois bem! Aqui é à entrada do antigo IEP, aqui a direita ficava a secretaria mais adiante tem ou tinha uma escada e embaixo ficava o birô da D. Benvinda, que era a vigilante e ficava tomando as carteirinhas da gente para carimbar as cadernetas. Pronto! chegamos aqui, nesse salão principal de entrada, eu me lembro que do lado direito ficava a secretaria, aí trabalhava Dona Maria do Carmo Vidal de Negreiros.

Nessa escada iria dar para o ginásio que era lá em cima, e eu estudei em todos os andares, agora aqui embaixo ficava o birô de D. Benvinda, que era a que tomava as cadernetas da gente, e verificava se os fardamentos estavam em ordem. Já a farda, era a saia azul de prega, sapato preto, meia branca, blusa branca e a gravatinha, isso era a roupa da diária, porque tinha a roupa de educação física que era toda branca ou o shortinho era azul e a camisa branca? Lembrei-me! Era azul e branco, era azul o short com a blusa branca.

Mais adiante tem o oitão quer dizer o pátio, tá tudo diferente! Porém nesse pátio interno nós não fazíamos nada fora da ordem, ficávamos só aqui conversando. Naquela época eu não tinha namorado, e as meninas que eu conhecia também não tinham namorados, aí nossa conversa era sobre outras coisas.

Essa escola era restritamente feminina, de homem só havia os professores e funcionários, e tinha uma zeladora que se chamava D. Isabel, aqui logo após a escada ficava o gabinete de Dr. Dárcio Rabello que na época era o Diretor do colégio.

Lá adiante já no final ficava a cantina, eu me lembro que nessa cantina tinha um biscoito chamado *BIG* que a gente comprava o *BIG*, e tinha refrigerante que era o *CRUSH*. Do lado direito da cantina, tinha o pátio onde a gente fazia educação física, onde eu ficava escondida de D. Benvinda pra não assistir aula de matemática do professor Ivan Loureiro por que eu tinha medo dele. Eu me escondia, porque eu não gostava de matemática e tinha medo do professor Ivan Loureiro, aí às vezes eu pegava minha caderneta e escondia aí D. Benvinda perguntava cadê a caderneta? Ah, D. Benvinda perdi! Eu dizia perdi pra ela não botar falta, aí quando passava uns dias eu entregava a uma amiga e dizia para ela dar à caderneta a D. Benvinda.

Outra travessura que fiz, foi uma vez pular pela janela, lá pra fora, pois eu ia a um casamento e não me queriam deixarei ir, então eu pulei a janela e fui me embora pra o casamento, isso quando eu estava no científico. Dá para ver que a disciplina era muito rígida, muito rígida mesmo! Por isso que eu tinha medo às vezes de fazer as coisas, mas era muito rígida, eu como fugia das aulas de Ivan Loureiro, passava vários dias sem entregar a minha cadernetinha para D. Benvinda para não colocar falta, e para meu pai não ver. Passavam-se uns dias ela minha querida cadê a caderneta? Eu perdi D. Benvinda, não achei não, aí depois

passavam uns dias eu dava a uma amiga, e essa amiga entregava a ela, aí ela quando eu ia subindo pra assistir aula ela dizia: venha cá, venha cá, olhe sua amiga encontrou sua caderneta. Oh, graças a Deus! Aí ela botava compareceu e eu nunca ficava com falta.

Nessa pisada eu estudei de 50 que ver 50, 51, 52, 53, 54, 55,56 estudei seis anos, ou oito anos?. Pronto, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56,57 oito anos que eu estudei aqui, porque foram os cinco do ginásio, e os três no científico, entrei nessa escola pelo teste de admissão, a primeira vez que eu fiz aqui fui reprovada, aí quando foi da segunda vez eu passei, e depois que entrei, em nenhum momento fui reprovada, nem num científico e nem em nada.

Eu me recordo dos professores Dr. Dárcio Rabelo era professor de geografia, quando ele e chegava na sala pra dá aula, a, muito sisudo, muito sério, mas ele era uma boa pessoa, e era a autoridade máxima na escola, ele também era diretor. Estevão Pinto era de história, André Carneiro Leão era professor de matemática, Sá Barreto era professor de latim, tinha Lourival Villa Nova professor de português, Vicente Fittipaldi não era é meu parente, oras! Desculpe! Mas o Prof. Vicente dava aula de música lá em cima, adorava fazer o coral para as apresentações, tinha aula de religião também, que era dada pelo padre, ah o padre! Ele já faleceu, o nome dele era João Olympio. Ele era até padre da igreja de Santo Amaro aquela igreja lá de Santo Amaro, tinha D. Rosilda que era também professora de matemática, tinha Ivan Loureiro que era professor de matemática, tinha Mauro Mota que era professor de geografia, tinha quem mais... Acho que eu não me lembro mais! Sá Barreto que era professor de latim.

Tinha a professora de artes, porém não me lembro o nome dela não, mas quando chegava o fim do ano tinha aquela exposição, mas eu nunca fiz bordado não, Tinha também a professora de educação física, que morava na Rua do Lima, essa eu gostava, ela fazia aqueles exercícios, jogava bola, ginástica era isso que ela fazia. O jogo que mais se jogava era o voleibol. Agora eu nunca joguei voleibol não! Mas a aula que eu mais gostava era a de história.

Porém não me lembro só dos professores não, eu tinha uma amiga que gostava muito dela, e o nome dela era Julia, Julia Tobias, ela era prima daquele cantor José Tobias que cantava na rádio Club. Que vê tinha Julia, tinha Icléia, tinha Ivéia, tinha Aldevira, tinha Aurenita, essas são as que eu me lembro, tanta gente passa, e há tanto tempo, e a gente vai estudar em outra escola, com outras coisas, aí tem outras amigas, outras conhecidas e a memória vai falhando, até porque já faz mais de cinqüenta anos bem dizer. Aí a gente esquece muita coisa, hoje em dia a gente vê as crianças esquecem imagine eu que já estou dobrando o cabo da boa esperança.

Tinha orgulho de estudar aqui, porque naquela época era um colégio muito famoso, só estudava aqui quem sabia e quem passava por tudo isso que lhe disse, não sou orgulhosa sou simples, mas ficava contente, porque tinha passado e estudado num colégio como IEP, conceituado e de alto nível daquela época. Gostei muito, muito mesmo, de ter estudado aqui!

Entrevistadora: Obrigada, Luizinha!

ANEXO P – Memória Individual da Normalista Maria do Carmo Gomes

Normalista: Maria do Carmo Gomes

É tempo de lembrar... Meu nome é Maria do Carmo Vidal de Negreiros Gomes, bem aqui na frente o que modificou foram às grades que botaram aí, não existiam essas grades, mas a frente continua a mesma não foi muito modificada, o acesso dos alunos nunca era pela porta principal, era sempre pela lateral, porque a porta principal era dos professores e a gente era sempre pela lateral, a menos que a gente vinha correndo muito doída ou atrasada, aí assim que a gente entrava tinha a bedel que ficava sentada na porta. Após esse salão do meu lado direito, ficava o gabinete do Dr. Dárcio, depois a sala dos professores, e a enfermaria, nessa sala tinha cama, para que se acontecesse alguma coisa com as alunas eles tivessem onde deitar, e quem atendia eram os médicos, que normalmente eram os próprios professores que eram médicos. Olhando para o lado esquerdo era a Secretaria, justamente onde hoje é o gabinete de Dr. Liberato Jr. Essa escada sempre existiu, as meninas faziam muita bagunça nas escadarias, é engraçado e se eu não me engano o piso é o mesmo. Lá em cima ficava a sala de canto orfeônico, onde a janela de frente, dava para a Faculdade de Direito, estou percebendo que a parte estrutural da casa continua quase que a mesma, porém modificaram algumas coisas, tá muito modificado viu! O pátio tá muito mudado, a lateral dava para o pátio que tinha campo de voleibol, onde fazíamos ginásticas, nesse espaço a gente brincava de muita coisa: de barra bandeira, e de voleibol só quando deixavam e liberavam a bola ou ficávamos em grupos conversando. Eu estudava no turno da manhã era de sete da manhã ao meio dia.

Nos corredores da escola a gente só ia na hora de entrar na sala de aula e sair de sala de aula, porque as censoras e principalmente D. Benvinda, não permitiam que os alunos ficassem correndo pelo pátio. Algumas alunas brincavam de roda, outras na maioria ficavam sentadas conversando ou jogando barra bandeira e quando estava liberado a bola, nós jogávamos voleibol.. O pátio a gente só ia na hora do recreio, quando tocava o recreio então a gente tinha o livre arbítrio pra descer, brincar, correr, agora estou lembrando o nome das censoras, uma era Maria Negreiros e a outra era Nilza, mas o sobrenome dessa eu não me recordo, trabalhava na secretaria era as duas secretárias, na cantina tinha umas mesinhas do lado de fora, tinha uma sopa gostosa, mas o pátio é isso mesmo.

Esse muro era baixo e o muro era quase junto da sala de aula, aí a janela não é alta a gente pulava da janela, aí e quando a gente queria fugir a gente fugia por aqui pulava essa janela. Bastava ter um cantor na Rádio Jornal do Comércio que a gente pulava, as atrações era toda quarta-feira, eram muitas que pulavam e as mais atrevidas, é claro! Pulei muitas vezes, quando o artista que vinha me interessava, quando não me interessava eu não ia e pronto!

A área de educação física era enorme! Tinha campo de voleibol aqui atrás, realmente tá na memória, lembro-me até que o curso de educação física na época não precisava fazer vestibular. Da quarta série do ginásio você passava pra Escola de Educação Física, isso é para quem queria fazer educação física e vestibular era para as outras áreas, só depois é que veio o vestibular para educação física.

A farda do dia a dia, era saia azul marinho, camisa de tricoline branca, sapato preto, meia branca, a de educação física era short azul marinho, camiseta branca, o tênis não esse tênis que usa hoje em dia, era daqueles tênis antigo, acho que era Conga. Me lembro que tinha o símbolo bordado na própria camisa e estava escrito IEP, lembro-me também que na manga nossa camisa da diária tinha uma divisa, se eu fazia primeira série tinha uma divisa, se eu fazia segunda série tinha duas divisas, até chegar o científico, e quando chegava no científico eram quatro do ginásio e três do científico quer dizer científico ou pedagógico.

Na Escola Normal, não era só estudo não, havia também o desfile da juventude como se chamava era no dia 05 de setembro. Esse desfile da juventude era feito pelos colégios, então normalmente o campeão do desfile era o Salesiano como diz a gíria botava pra quebrar, como o Nóbrega queria fazer força, mas era ali páreo a páreo com o Nóbrega e todos os colégios desfilavam e era considerado o dia da juventude e era muito bonito, porque por exemplo: A Pinto Jr levava o troféu de melhor da organização justamente porque Dr. Campos Duarte que ficava ali na frente do pelotão pra ver se o laço da fita branca tava tudo naquela posição bem certinha. Desfilei tanto pela Pinto Jr como também pela Escola Normal, estudei nas duas escolas. Não era obrigado desfilar, mas todo mundo ia desfilar, era raro a aluna fazer corpo mole. A gente adorava desfilar, primeiro porque a gente ia vê os meninos da escola militar, os meninos da escola de cadetes, os aprendizes de marinheiro a paquera era muito grande. A farda de gala não era a comum como eu disse, a blusa era de seda, então havia aquela diferença você tinha farda de gala e tinha farda comum. Todos os colégios eram assim. No desfile a organização era assim: As maiores na frente e as menores atrás, isso a gente treinava muito inclusive era treinado por um militar porque na frente da escola tinha o quartel, aí vinha um militar pra treinar aquela marcha todinha, vinha pra ensinar como marchar, como devia ser marchado, como devia se comportar dentro do desfile, quer dizer todas as orientações era do soldado da polícia do exército a gente treinava no Treze de Maio.

As festas de final de ano era o seguinte havia confraternização e havia a exposição dos trabalhos realizados pelas alunas, trabalhos manuais que as alunas faziam. Então essa exposição era uma coisa linda! Normalmente era numa das salas, duas ou três salas de aula, os trabalhos que a gente fazia bordado, trabalho de gesso, e trabalho de madeira. Nós trazíamos todo o material, a professora dizia eu quero isso..., e nunca pai nenhum se omitiu de comprar. E o que eu vou dizer a você agora! Naquele tempo um pai por menor que recebia de salário, ele tinha condições para comprar o livro do seu filho, o sapato, a roupa. Hoje em dia eles não têm, e os alunos vão de sandália japonesa pro colégio.

Eu estudei aqui de 52 até 54 aí depois voltei em 63 a estudar a noite pra terminar meu curso que eu não tinha terminado, pois quando eu me casei eu tinha 17 e ele tinha 21, eu me casei muito nova, mas não estou arrependida não. Só que eu voltei a estudar à noite, não foi aqui não, foi em Fortaleza, pois eu me casei e fui morar lá, naquele tempo não podia estudar casada. A própria lei do governo não permitia, só depois de uns dois anos do meu casamento é que foi liberado para a gestante estudar, acho que foi, porque apareceu muita meninas grávidas. Às vezes as meninas apareciam grávidas e ela era obrigada a sair da escola, o que é um absurdo uma coisa dessas! Pois bem minha filha, essa foi a minha trajetória na Escola Normal.

Entrevistadora: Obrigada, D. Carminha!

ANEXO Q – Memória Individual da Normalista Norma Rodrigues

Normalista: Norma Rodrigues

É tempo de lembrar... Entrando aqui na Câmara posso afirmar que não tinha esse tipo grade, o que havia era um murinho que a gente se sentava e ficava aqui depois das aulas, ou antes, das aulas começarem. O bonde passa aqui na frente. A gente gostava muito de ver o bonde passar com as outras pessoas, às vezes quando não tinha uma aula, e não tinha outra coisa para fazer, íamos embora passear no cinema, na sorveteria Xaxá, mais tudo era muito gostoso, cheio de alunas sentadinhas, esperando a entrada ou a saída das aulas.

Subindo aqui as escadas da entrada principal, era a sala da Secretaria do lado direito, e logo após ficava sentadinha uma senhora com o nome D. Benvinda baixinha, gordinha que olhava os fardamentos da gente se você não viesse adequadamente vestida do sapato, a saia ou a blusa, e se viesse um pouquinho amassada voltava pra casa, não entrava! O sapato era preto, meia branca, a saia bem de preguinha, toda arrumadinha.

Esse fardamento, foi muito importante na nossa vida, nos marcou muito, éramos reconhecidas em todo o canto que passávamos, até gostava de usar, pois imprimia o respeito. A farda era assim: Blusa branca com um laço azul, saia de pregas, também na cor azul, com o comprimento abaixo do joelho, na blusa havia um bolso superior que tinha o emblema do IEP, bordado em azul, o sapato era preto e a meia era branca, pronto esse era o fardamento, e que tínhamos que vir com ele completo, pois como já disse, se não viesse não entravamos.

Aqui do lado esquerdo era a sala do Diretor que na época Dr. Dárcio Rabelo, ele ficava aqui sentado, ele tinha um birô bonito daqueles móveis antigos. Quem falou nome, por nome do resultado do teste de admissão, foi o Dr. Dárcio Rabelo, esse teste era muito difícil de passar, ele saiu dizendo oralmente a nota e dizendo quem passou e quem não passou, outra coisa que me lembro era o quanto era difícil ele parabenizar uma aluna. Muitas alunas para passar no teste de admissão, faziam cursinhos, estudavam com professores particulares, porque era muito difícil entrar aqui. A seleção era muito grande, os professores daqui todos eram Catedráticos. Nós tivemos aqui: Mauro Mota, Moacir Albuquerque, Darcio Rabelo, que era professor de geografia, Dr. Ruy Belo, Milton Mello, que era professor de Francês, André Carneiro Leão pai e filho, também havia professora mulher que era Dona Heloísa que ensinava francês, mas eram poucas as professoras, a maioria eram homens.

Subindo por essas escadas tinha um auditório que era para as aulas de música, o nome do Professor era o Maestro Vicente Fittipaldi, parece que foi ontem, me veio agora na memória ele regendo, escutando a voz da gente essas coisas toda. Quando eu subia para minhas aulas, era uma atrás da outra, mas sempre bem comportada, sem poder sair da linha, na época que eu estudava era extremamente feminino, então eles cobravam um comportamento exemplar de moças educadas, pois sempre tínhamos que dar exemplo, antes de subir para as nossas salas, ficávamos arrumadinhas lá na área de lazer como se diz! Porém eu me lembro que quando descímos as escadas para ir para casa, saímos todas correndo, todas conversando, cada uma que tivesse uma história pra contar.

Nessas janelas do corredor, a gente gostava de ficar olhando, mas o professor não deixava não, a disciplina aqui era muito rígida, não tinha essa bagunça de o professor sair de sala e os alunos ficarem andando ou bagunçando.

Ah, essa janela me faz lembrar o tempo que eu estudei aqui, onde eu ficava aqui olhando lá para baixo o movimento de um e de outro, correndo o dia todinho, entrando numa aula ou saindo, professor que chegava professor que saía. Muito bom, muito bom mesmo, dá muita saudade. Eu tinha catorze anos quando entrei nessa escola. Hoje, estou completando

setenta e quatro anos, meu presente de aniversário é estar aqui hoje, sessenta anos depois! É uma vida!

Nesse auditório onde o professor dava aula de música, também aconteciam as provas orais, provas escritas, qualquer disciplina a gente tinha prova oral, e era tudo sorteado na hora da aula, eles davam todos os assuntos para a gente estudar e botava os papeizinhos dentro da urna e você sorteava o assunto.

Esse pátio era um jardim bem amplo, um jardim bem maior do que esse aqui, tudo aqui era jardim. Aí aqui do lado tinha uma sala que dava para a área externa, aí era onde a gente jogava voleibol, e fazia educação física e tudo que era de atividade a gente fazia, as aulas eram duas vezes por semana. Os exercícios físicos são parecidos com os de hoje em dia, só que eram mais priorizados, a professora dava mais valor a gente, porque colocava uma aluna na frente, e essa aluna era chamada de aluna guia, assim tínhamos de acompanhar o que ela estava fazendo. Ela dava os primeiros itens da educação, como ia ser o exercício e a gente acompanhava todos pela menina que era escolhida na hora e ficava aqui na frente. Os exercícios eram de levantar braços e baixar, porém mais rígidos, ou seja, se você não tivesse fazendo os exercícios correto ela vinha atrás arrumava sua postura, arrumava seu braço não, não é assim, Entendeu como é que era? A gente fazia educação física e era mais observado, mais exigida da professora, como diz a história. Hoje entendo que essa exigência era para que a gente aproveitasse bem as aulas, beneficiando o nosso bem estar. A roupa que nós usávamos para a Educação Física era um short na altura dos joelhos e a camisa de malha, porém quando íamos competir no voleibol à roupa era diferente, a gente entrava todas de branco: bermuda branca, blusa branca, sapato branco, tênis branco e de educação física era azul.

Mas estou achando isso pequeno, na época era tão grande ficava tão à vontade, adorava jogar bola aqui! Aqui eu participei de voleibol e dos campeonatos, onde nós fomos campeãs de voleibol. A professora morava do outro lado da avenida, era uma carioca, uma senhora bonita, morena, atlética. Logo aqui atrás tinha uma lanchonete, nesse pátio era cheio de pé de mangueira. A família de Ruy Belo é que tomava conta da merenda.

Sair daqui em cinqüenta e sete pra sessenta e sete, ou seja, estudei aqui dez anos, fiz aqui o ginásio de quinta a oitava e aqui tinha três cursos, o curso científico pra quem queria seguir a área de saúde, o curso clássico para quem queria seguir a área de letras, pedagogia e para que queria ser professora de criança, que era a professora de primeiro grau. Eu fiz só até o primeiro clássico, aí eu arrumei um namorado com esse namorado me casei e abandonei meus estudos e fui morar em São Paulo. Aí passei dez anos em São Paulo quando eu voltei, entrei no segundo ano, porém não era mais esse prédio, era o outro que fica do outro lado do Treze de Maio e lá eu fiz o segundo, o terceiro e o quarto, que era o pedagógico. Fiz vestibular, o primeiro vestibular que eu fiz eu passei. Dez anos sem estudar, isso para mim foi uma vitória. Tudo com o estudo daqui, isso aqui me serviu de base para o resto da minha vida.

Trabalhava no Colégio Municipal Pedro Augusto. Aí foi com o incentivo do diretor de lá, que continuei estudando. A primeira opção escolhida foi pedagogia e a segunda foi letras, mas eu não tinha esperança de passar, sem estudar! Aí passei em primeira opção na segunda entrada em mil novecentos e setenta e quatro entrei na Federal na Universidade Federal de Pernambuco e lá fiz todo o meu curso de pedagogia.

Entrevistadora: Gostaria de dizer algo mais?

Norma: Do que eu esteja me lembrando não!

Entrevistadora: Então, Obrigada!

ANEXO R – Memória Individual da Normalista Rosenilda de Paiva de Diniz

Normalista: Rosenilda de Paiva de Diniz

É tempo de Lembrar... Muita coisa mudou, a entrada é essa mesmo, porém não havia essas grades, aqui na frente ficavam tantos rapazinhos que a gente paquerava! Do lado direito nessa entrada principal ficava a Secretaria, e a Biblioteca era desse lado esquerdo, acho que não me lembro bem, mas o salão era desse tamanho mesmo. Aqui próximo a escada ficava o birô de D. Benvinda, que tinha a função de olhar se a gente estava fardada, era durona D. Benvinda.

A gente não podia fazer muita algazarra, nem na escada nem em lugar algum, porque D. Benvinda estava nos olhando, tinha que entrar todas direitinhas, comportadas, não era para fazer bagunça Aí como tudo tá diferente! Nesse salão aqui na frente tinha as aulas de música com Dr. Fittipaldi não é?! É, é as aulas era na classe e às vezes reunia aqui, não to bem lembrada, não estou bem lembrada, mas acho que era assim. Dr. Fittipaldi era alto e magrinho.

A disciplina aqui era rigorosa, Dr. Dárcio, queria tudo direito, ele não queria nada de anarquia, e alunas mal vestidas, todos os livros tinham que estar organizados, e tínhamos que seguir se não a nota em conduta não era boa.

Está tudo diferente, isso aqui dava pra sala do Dr. Dárcio, que ficava aí na esquerda. Isso aqui tudo era a sala de aula. Dr. Dárcio Rabello era alto, barrigudo, sério, cabelinho branco e tinha uma filha que ensinava aqui, que era a professora de francês, era D. Inês. Tinha o professor de matemática que era Dr. Carneiro Leão e que também tinha um filho que ensinava aqui, ele era bonito.

Estou lembrando de uma coisa inédita, Dr. Dárcio Rabello me defendendo. Na ora da prova não sei o que aconteceu, eu tive uma crise de riso no fim do ano, porque tinha prova oral e depois escrita, aí eu olhei para o Professor Mauro Mota e não parei mais de rir, quanto mais ele falava, eu sorria, eu não conseguia ficar séria de jeito nenhum, eu por dentro queria me calar mais não conseguia.

Depois o mesmo foi falar com Dr. Dárcio, que não tinha conseguido me ouvir, aí Dr. Dárcio me defendeu, dizendo a ele que não era pra você ter feito isso, porque ficou forçando com muitas perguntas? Aí Dr. Dárcio disse, a menina tá tendo uma crise nervosa você devia sair com ela para o pátio, você devia sair com ela conversando, aí você conseguia o que você queria, mas ela assim não vai responder nada.

Eu nem me lembro qual foi a minha nota que eu tirei, eu sei que eu passei e que ele me deu uma nota pra mim sei é que fiquei nervosa, eu tinha medo dele, tinha muito respeito, ele era durão, ele era rígido, ele queria tudo correto, a gente temia, eu tinha medo, mas achava ele bonito, com aquele porte, de cor branca, muito corado, e com aquela cabeçinha branca, mais mesmo assim, eu tinha medo dele.

Entrei nessa escola pelo teste de admissão, eu saí da Escola Manuel Borba, foi nesse local que era a Secretaria que minha mãe fez a inscrição, aí eu fiz o teste de admissão e de primeira eu passei, o primeiro ano que eu fiz fui aprovada, fiz a matrícula, passei um ano, e depois meu pai foi transferido para o Rio Grande Norte, então eu pedi transferência para o Rio Grande do Norte, mas eu terminei o ano aqui e em seguida fui pra Natal.

Lá eu terminei, aliás, não terminei, porque o noivo quis casar, e você não pensa no segundo ano, eu vou me casar, e fiquei naquela dúvida, aí dei pra lá, ainda fui chamada pra terminar o ano, mas o meu marido disse: não quero você trabalhando. Os homens de antigamente eram assim, não queriam que as mulheres trabalhassem, terminei depois que tive os quatro filhos aí fui trabalhar, ele comprou uma lojinha e fui trabalhar, mas antes não!

Aqui no pátio externo tinha essa mangueira, essa mangueira quando eu passo por aqui eu sempre falo nela, porque me lembra o fim de ano, época de manga e todas nós que ficávamos aqui no pátio, chupávamos esses manguitos, e esse manguito é uma delícia, aí uma amiga subiu na mangueira, mas quando ela tava tirando chegou D. Benvinda oh, meu Deus! Era D. Benvinda, aí ela chegou e pegou a menina lá em cima e lhe deu suspensão, aí cada uma estava com um bocado de manga e corremos para se esconder e a pobreza foi que levou! Oh, que bacana! As mangueiras, o portão, mas o portão era fechado não era pra gente transitar por ele não era pra passar por aqui, passávamos pela frente e entravamos pela lateral! Nesse pátio mais adiante é que ficavam as quadras de voleibol, era pra lá e era muito bom, adorava fazer ginástica, adorava jogar voleibol! Para trás desse pátio é que ficava o vestuário, onde a gente ia trocar de roupa. Pois a roupa de Educação Física o short azul e a blusinha branca! O short, não era curinho como agora estão usando, era um short mais comportado, com elástico nas coxas, a blusinha, tênis, meias. A educação Física era praticada pela manhã, fazíamos antes de entrar nas salas, de manhã logo cedo e depois à gente entrava e ia pra trocar de roupa, quem quisesse tomava banho.

A vestimenta das aulas, era saia, saia bonita azul, sapato preto e meia branca. O comprimento da saia, não era só norma da escola, era regra de casa mesmo, se sentávamos bem, não tínhamos essas coisas de sentar com as pernas dobradas não, as perninhas eram juntinhas e direitinhas, a saia não era curta, a saia era um pouca abaixo do joelho, era tudo direito não tinha esse negócio de se sentar a vontade, já se trazia de casa os bons modos. Então era tudo assim dentro dos padrões da moral.

Tá tudo diferente, aqui nesse pátio era maior e tinha a sala dos trabalhos manuais, não me lembro mais o nome da professora, mas ela era um tanto negligente, ela pedia um bocado de coisa para gente fazer, quando a gente começava a fazer o trabalho chegava na metade aí mudava tudo, eu fiquei em cada com muitos trabalhos pra terminar e nunca terminei, só era pra botar a nota! Eu também me lembro que ela era baixinha e gordinha.

Nesse pátio interno, ficávamos aqui conversando, ou brincando de formar mais calma, pois para correr, pular, e jogar voleibol, era no pátio externo. Aqui ficávamos mais conversando, essas conversas sociais, essas coisas de meninas! Quando ficávamos na sala, a gente ficava olhando revista, gostava sempre de ler aquelas revistas de amor, era o que eu gostava, trocava e compra. .

O quer que mais me marcou aqui na Escola Normal, foram as amizades, a gente tinha uma turma de amigas era gostoso, gostei do ambiente, tive saudades quando fui embora, mas tive que ir, mas gostava daqui.

Entrevistadora: Obrigada, D. Rosenilda!

ANEXO S – Memória Coletiva
Transcrição da Entrevista Coletiva

Entrevistadora: Vamos falar da Escola Normal?

Norma: Uma coisa que mais trás recordação a nós todas e acho que todas vão concordar era que a gente ficava sentada aqui.

Iolete: Era!

Luiza: Era, exatamente! Era esperando tocar a campanha!

Norma: E o bonde ai na porta.

Maria José: Era!

Iolete: É verdade!

Luiza: Era isso mesmo! Eu falei o bonde, o me negócio!

Maria do Carmo: Não tinha grade e olhar os soldados que vinha correndo fazendo ginástica.

Luiza: Ficava esperando os meninos.

Todas: Era!

Maria José: Da Faculdade de Direito!

Luiza: uns flertizinhos

Maria do Carmo: A turma do Colégio Estadual também, me lembro.

Maria do Carmo: Colégio Estadual.

Maria José: Ginásio Pernambucano.

Luiza: Quando vinha, não, quando vinham aqueles marinheiros de fora aí pronto ficava todinho aí conversando.

Norma: Todinha sentada à gente aquelas saias bem larga, bem larga, pregueada!

Luiza: Bem larga, pregueada!

Norma: Ver bem, aí a gente subia chegava ali e quem é que estava ali esperando a gente? Dona Benvida!

Todas: Dona Benvida!

Iolete: Benvida, braba que só ela!

Norma: Benvida, Braba, braba que nem siri na lata!

Rosenilda: Braba que nem um caixote!

Luiza: Aí eu chamava a outra de Malvina porque era uma Benvinda e a outra era Malvina!

Norma: E a gente não podia faltar uma gravata.

Todas: Nada!

Norma: Uma meia.

Luiza: Nada, a gravata tinha que ficar tudo impecável, né!

Maria José: O horário né, dez minutos de tolerância se passasse pronto voltava!

Luiza: Era, Era ótimo!

Norma: Aquele birô que a gente passava!

Luiza: Tinha que trazer a caderneta pra botar que compareceu!

Todas: Era!

Maria do Carmo: Aí na Secretaria aí do lado!

Luiza: Aí uma vez eu faltai, escondi minha caderneta, disse que tinha perdido, depois passados uns dias aí eu dei pra uma colega minha entregou a ela, ela disse olha uma menina me entregou sua caderneta, ela acho. Eu disse graças a Deus!

Iolete: Eram coisas erradas nos fazíamos!

Luiza: Era, isso naquela época imagine hoje né?! Quando a gente estávamos fazendo as coisas certas!

Norma: São lembranças guardadas! Tenho lembrança que matávamos aula pra ir pro cinema São Luis, passear, saia por aí uma turma de menina por aquele lado ali!

Maria José: A melhor coisa era passar defronte a Escola de Engenharia!

Luiza: Carneiro Leão ali de meninos!

Maria do Carmo: Carneiro Leão de um lado e Escola de Engenharia do outro, Ave Maria!

Luiza: Aquela turminha era, ficava na paquera e também quando a gente desfilava era muito bonito, muito emocionante.

Iolete: E a turma da banda de música do Colégio Estadual.

Luiza: Era uma maravilha!

Maria José: E o do exercito também saia cantando nerá, o príncipe?

Luiza: Era, também saia!

Norma: Ah, que saudade dá!

Luiza: E quando tinha educação física essa daqui Carminha que jogava vôlei muito bem, muito bonita, muito bem feita de corpo!

Maria José: Era uma coisa!

Maria do Carmo: Se perdeu tudo isso, se perdeu tudo isso!

Luiza: Não, o tempo, o tempo levou tudo!

Iolete: Mas, ficaram as recordações!

Maria do Carmo: É verdade é!

Luiza: Ficaram as recordações Carminha.

Maria do Carmo: É verdade!

Luiza: O tempo levou, mas ficaram as recordações!

Maria do Carmo: Me lembro dela da juventude, da meninice!

Luiza: Caiçara jogava no Náutico.

Maria do Carmo: Era!

Luiza: Conhecia o Gilson Costa?

Maria do Carmo: Conhecia!

Luiza: Conhecesse que era meu primo?

Maria do Carmo: É!

Maria José: Vai Luizinha fala mais!

Luiza: Não a gente vai, Não tinha o maestro Fittipaldi que eu dizia que o pescoço dele era pescoço de peru porque era aquele gingado vermelho aí as meninas achavam tanta graça.

Maria José: Quem?

Luiza: Vicente Fittipaldi, o maestro!

Maria José: O professor de música, professor de música!

Rosenilda: Ah, alto magrinho! Era, boa lembrança!

Maria do Carmo: Oh, é bom recordar viu!

Maria José: Luizinha, aquele é a escada que a gente subia pras salas era?

Luiza: É que a gente subia pra ir pra...

Maria José: Aqui aquela parte pra ir pra área né?

Luiza: Era!

Maria José: Que a gente ficava com o bebedouro do lado!

Luiza: Era!

Iolete: Não isso aqui!

Maria José: Da minha época né porque eu!

Luiza: Aqui a gente saia direto aí no pátio naquele negócio né!

Maria José: Não tinha isso aqui, não tinha isso aqui não?!

Iolete: Não, não isso é novo!

Maria José: Isso é novo é!

Iolete: Isso é novo foi à câmara que colocou isso aí, não tinha não!

Maria José: Foi né! Em Norma?

Iolete: Era essa a sala de Dr. Dárcio, ficava nessa sala?

Maria do Carmo: Ah, era essa aqui!

Iolete: Essa aqui!

Maria José: Essa, o que?

Iolete: A sala de Dr. Dárcio!

Rosenilda: O gabinete de Dr. Dárcio!

Maria José: A Diretoria nerá?

Norma: Não, a sala de Dr. Dárcio era outro lado!

Iolete: É essa que tem uma saída!

Norma: Ah, era, era essa aqui!

Iolete: Essa é que tem uma saída essa! Agora tem elevador que nos não tínhamos!

Maria José: Era escada mesmo!

Iolete: Era escada pra fazer exercícios nas pernas!

Norma: É verdade é!

Iolete: É verdade! Ainda bem que o sol chegou!

Norma: Eu acho que nosso tempo isso aqui era maior!

Maria José: Não, era isso mesmo!

Norma: Como é que era?

Maria José: Só que isso aqui era tudo aberto!

Iolete: Era aberto, tudo aberto!

Norma: Era a gente vinha direto aqui até lá!

Maria José: A gente vinha de fila nerá? Ficava aqui de fila né?

Maria do Carmo: Quem?

Maria José: Pra entrar nas salas era?

Maria do Carmo: Era!

Iolete: Tudo isso aqui era areia com banquinhos.

Maria José: Areia era!

Iolete: Era exatamente!

Norma: Ah, era e tinha mais plantas!

Maria José: E tinha uns bebedouros aí de lado? Era aqui.

Norma: As salas de aulas!

Maria José: Parece que tinha um bebedouro, eu não me lembro com certeza!

Luiza: O ginásio era em cima!

Maria José: Era o ginásio era em cima!

Luiza: Aqui embaixo do lado esquerdo ficava o científico.

Norma: Do Lado de cá!

Luiza: Do lado direito!

Norma: Do lado do pátio, do lado de cá ficava o científico!

Norma: O científico era pra quem ia fazer a área de medicina, a área de saúde!

Iolete: Era área de saúde!

Maria José: Era!

Maria do Carmo: Clássico letras!

Entrevistadora: E aquela janela lá em cima, vocês lembram?

Norma: Não, olhe as janelas se vocês forem lá vocês vão ver que fizeram um negócio ai no meio que comeu a...

Iolete: Metade!

Norma: Metade das janelas!

Iolete: E as portas também!

Norma: São original da quando a gente ficava lá.

Iolete: Não, não! E as portas que fizeram feito um tipo, mezanino né!

Norma: Foi exatamente!

Iolete: Pra colocar mais sala para os vereadores!

Norma: Pra colocar mais salas, foi exatamente!

Iolete: Coisa que nos não tínhamos, pois o pé direito era bem alto e hoje em dia não é mais.

Norma: Não é mais e hoje em dia você vai ver que está tudo diferente!

Maria José: E a sala de Dr. Estevão!

Norma: Professor de História Geral!

Maria José: E outra coisa!

Norma: Não existia essa parede aqui!

Maria do Carmo: E aquela parede de lá trás não tinha não!

Norma: Não tinha não!

Maria do Carmo: Era direto pra cantina!

Norma: A gente saía direto pra cantina!

Luiza: Lembra de Tadeu Rocha?

Norma: Ham?

Luiza: Tadeu Rocha!

Norma: Me lembro, professor de Geografia!

Iolete: Geografia, geografia!

Luiza: Mauro Mota!

Norma: Mauro Mota!

Luiza: Mauro Mota era bonito não era quando ele ensinava aqui, aquele Carneiro Leão, Moacir Carneiro Leão!

Norma: Moacir e Gustavo!

Maria José: É!

Norma: Moacir Carneiro Leão!

Iolete: Não Moacir era Português, Moacir era português e André era matemática! Tudo família Carneiro Leão, tinha Brasileiro Vila Nova e tinha Moacir de Albuquerque!

Luiza: Carneiro Leão!

Norma: Moacir era português!

Iolete: Era!

Maria do Carmo: Moacir de Albuquerque é o que perdeu o filho na época né!

Norma: Ensinava até latim, desse tamanhinho chamava ele de ratinho, bem magrinho!

Luiza: Dona Inês que era filha de Dr. Bastos!

Maria José: Na minha época nem era, era Dr. Arlindo, o meu de Latim!

Maria do Carmo: Abílio Maia!

Iolete: Dr. Barreto!

Norma: O meu foi Abílio Maia!

Luiza: Eu também fui de Abílio!

Maria José: Morava lá perto de ... Era sujo ele?

Iolete: É verdade, era sujo ele!

Maria José: Valdemar de oliveira!

Norma: Dr. Valdemar de oliveira era da área de saúde!

Maria José: Saúde era!

Iolete: Era!

Luiza: Agora Amaro de Oliveira era bonito, cheiroso!

Todas: Era!

Iolete: O que menina!

Maria José: Aquele que trabalhava em teatro era Valdemar de oliveira?

Rosenilda: Reinaldo!

Maria José: Ah, Reinaldo era ele Reinaldo de Biologia parece!

Maria do Carmo: Reinaldo de Oliveira!

Norma: Quem se lembra do Maestro Vicente Fittipaldi?

Maria José: Maestro!

Norma: Vicente Fittipaldi!

Maria José: Era o maestro!

Iolete: Era!

Norma: Professor de Música!

Luiza: Pescoço de peru, que eu chamava de pescoço de peru!

Rosenilda: Quem era da...

Maria José: Vou dizer de Educação Doméstica que a gente fazia...

Iolete: Dona Naíde, Dona Naíde!

Norma: Que a gente fazia pintava azulejo.

Iolete: Comigo foi Naíde!

Norma: Usava umas serrinhas!

Iolete: Pintura em tecido.

Norma: Aquelas cestas que a gente fazia com lá, aquelas coisas!

Rosenilda: Era cesta de arame e a sala era lá embaixo, era lá embaixo!

Norma: Era, descia as escadas na outra sala era!

Rosenilda: Era!

Iolete: Era perto da cantina!

Maria do Carmo: Perto da cantina!

Luiza: Nunca terminava o trabalho só era pra nota!

Maria José: Nunca terminava o trabalho só era pra nota!

Norma: Não tinha exposição!

Rosenilda: Tinha não!

Todas: Não!

Rosenilda: Só era pra nota!

Luiza: Dona Nete, Dona Nete não, era Dona Naíde um negocinho assim né!

Iolete: Dona Naíde foi que me ensinou essas artes crochê, pintura!

Rosenilda: Tinha mais de uma?

Iolete: Tinha várias era o horário!

Luiza: Era Dona Nete!

Iolete: A sala que era a mesma, a sala que era apropriada pra isso, a mesa era bem grande pra gente fazer as coisas!

Rosenilda: Era!

Vereador Romildo Gomes: É uma satisfação está aqui no meio de vocês!

Iolete: A recíproca é verdadeira!

Vereador Romildo Gomes: Você sabe quando isso aqui aconteceu? A câmera Municipal do Recife funcionava na Rua da Guia, na Rua da Guia mesmo que era no sexto andar.

Norma: Era!

Vereador Romildo Gomes: Moral da historia tiraram essa escola aqui ao lado, moral da historia quando criaram a outra escola aí aqui foi desocupado.

Vereador Romildo Gomes: Vocês todas estudaram aqui foi?

Luiza: Todas!

Rosenilda: Em mil novecentos e cinquenta.

Norma: É década de Cinquenta.

Maria do Carmo: Na década de Cinquenta!

Iolete: Entre cinquenta e sessenta!

Vereador Romildo Gomes: Todas da mesma turma?

Todas: Não!

Maria José: Não eu fui de quarenta e sete a mais antiga.

Norma: Eu entrei em cinquenta e um e saí em cinquenta e sete!

Maria José: Eu só estudei dois anos parece, quarenta e sete!

Norma: Quem mais demorou foi eu que entrei em cinquenta e um e saí em cinquenta e sete! E tu Carminha?

Maria do Carmo: Cinquenta e quatro, Eu saí em cinquenta e quatro!

Norma: Então quem mais demorou foi eu!

Maria do Carmo: Eu saí justamente pra mim casar! Eu me formei em magistério, eu me formei em magistério só que eu comecei na Pinto Jr, mas depois eu voltei e terminei o magistério, mas não aqui eu fui terminar magistério em fortaleza, não sabe quando eu fui pra lá que eu voltei pra cá treze anos depois eu voltei pra estudar, eu digo: ah, minha filha vou estudar não vou ficar feito pepeu nem coisa nem uma não!

Norma: Eu entrei aqui com dez anos no exame de admissão! Foi é porque só podia fazer exame de admissão quando tivesse dez anos!

Maria José: O exame de admissão só podia fazer com dez anos!

Rosenilda: Com dez anos, era eu estudava em João Barbalho fiz o exame, passei e vim pra cá!

Vereador Romildo Gomes: Tchau, até logo!

Todas: Até logo!

Maria José: Menina somos Bebetes, respeite bebete!

Iolete: Ave Maria! Um pouco diferente, um pouco não tá muito diferente da normal.

Maria José: Sim passasse quanto tempo aqui?

Norma: Sete, entrei em cinquenta e um e saí em cinquenta e sete, só seis anos só em janeiro de cinquenta e sete!

Norma: Ah, então foi ela que passou mais tempo!

Maria José: Eu passei dois anos e na Pinto Jr.

Rosenilda: Eu passei um ano, fiz o primeiro e fui embora!

Norma: Mas o ano que passou foi minha companheira, a gente foi muito unida aqui,

Rosenilda: Jogávamos voleibol, não era Norma? Você foi campeã do colégio!

Norma: Os campeonatos, campeã do campeonato, a gente saiu até no jornal que eu lembro!

Maria José: Lembro-me muito bem da gravata da gente.

Norma: Era borboleta!

Maria José: Ah, era borboleta!

Norma: Borboleta, aquela saia assim!

Maria José: Não me lembra de jeito nenhum!

Norma: Porque era borboleta quando a gente vinha à gente colocava.

Maria José: E a saia da gente era como?

Norma: Azulzinha, a blusa branca!

Maria José: Não, eu me lembro! Era meio comprida?

Norma: Eu tenho as melhores recordações do IEP foram a minha adolescência, a minha juventude que eu estudei aqui sete anos né! É hoje eu me orgulho ter os professores que eu tive assim Mauro Mota, Moacir de Albuquerque...

Maria José: Nazareno!

Norma: Estevão Pinto todos eram catedráticos, todos os professores que passaram por aqui pelo IEP eram catedráticos, todos que passaram pelo IEP eram os melhores!

Rosenilda: Só o nível de avaliação!

Norma: Nós tínhamos prova escrita, prova oral sorteada na hora...

Maria José: Na hora!

Norma: Tinha lá a urna, o professor sentava e a gente tinha que ficava a prova todinha na frente do professor!

Maria José: Três professores!

Norma: Eram três professores que ficavam aí que davam em cima, tome ferrugem né! Tínhamos como professor de música maestro Vicente Fittipaldi!

Maria José: Eu sou a mais antiga do pessoal, eu entrei em quarenta e sete!

Entrevistadora: Mas era Escola Normal?

Maria José: Não era IEP, chamava, mas não era!

Entrevistadora: Não deixou de ser Escola Normal? Tinha esse nome, mas não deixou de ser!

Maria José: Não deixou de ser Escola Normal!

Entrevistadora: Não deixou, mas continuou Escola Norma o pessoal só vieram realmente conhecer que era o Instituto de Educação de Pernambuco a partir de 1972 quando foi lá pra o parque treze de maio do outro lado, mas até então sempre é foi conhecida como Escola Normal!

Norma: Foi Escola Normal!

Entrevistadora: Vocês se formaram mais ou menos na década de cinquenta?

Maria do Carmo: Cinquenta e quatro!

Entrevistadora: Cinquenta e um, sessenta!

Maria do Carmo: Cinquenta e quatro!

Rosenilda: Eu passei só um ano aqui!

Maria José: Eu só dois!

Rosenilda: Que eu tive que ir pra o Rio Grande do Norte!

Maria José: Eu entrei aqui quarenta seis e quarenta e sete, dez anos era novinha!

Maria José: Eu tenho setenta e cinco!

Maria José: Agora estudei só dois anos porque fui logo reprovada! A prova oral com Dr. Carneiro Leão.

Maria do Carmo: Dr. Carneiro Leão!

Maria José: Que era um bicho papão!

Maria José: Ham!

Entrevistadora: Era boa escola aqui ?

Maria José: Ótima, excelente! Tenho muitas saudades ainda, tantos anos, muita amizade, perturbava um pouquinho também era menina, né brincava muito, mas era uma escola com muito respeito, com muita disciplina, tinha Dona Benvida que era gente sabe, chegar na hora, demorar dez minutos voltava, não tinha tolerância era muito...

Maria do Carmo: E o sapatinho se não tivesse limpo, engraxado ela não deixava a gente passar!

Maria José: Limpinho era, a saia de pregueadazinha!

Maria José: Professores excelentes!

Maria do Carmo: O sapato tinha que tá impecável!

Maria do Carmo: Olhe eu também digo, pra mim foram os melhores anos da minha vida foi aqui na Escola Normal sabe? Porque era uma linha muito saudável, a gente não tinha aquela coisa de não a escola não presta, não vale a pena não pelo contrário a gente era louca pela escola fazia até questão de chegar, eu pelo ao menos, o horário era de sete horas quando davam seis horas eu já estava aqui com o jornal debaixo do braço porque toda vida eu gostei de jornal, aí cedinho o jornal, os professores sabiam que eu trazia então nem um deles comprava, lógico né!

Maria do Carmo: Era muito rigor, era muito rigor, mas aquele rigor que a gente suportava não sabe como é? Suportava, suportava e até aceitava porque realmente não é difícil depois disso eu passei a lidar com criança e adolescente.

Maria do Carmo: Ave Maria, estou muita saudade, saudade, mas a vida é isso mesmo a gente tem que recordar a momentos bons e os maus a gente bota um bocadinho no fundo do baú e vai guardando!

Maria José: Não lembro 100%, mas eu lembro tudinho da minha época!

Rosenilda: Nem todos os professores eu não tava lembrada!

Maria José: Tá não, ah lembrei de todos! Eu botei no meu papel tudo!

Rosenilda: Agora que ele falou que eu fui lembrando né!

Maria José: Dr. Estavão Pinto, Carneiro Leão!

Rosenilda: Estevão, Carneiro Leão!

Maria José: Milton Cabral de Melo que era francês!

Maria do Carmo: Carneiro Leão né, Dr. Carneiro Leão!

Iolete: Tinha dois Carneiro Leão né, dois Carneiro Leão?

Maria José: Estevão Carneiro Leão que era o mais brabo, Velho!

Iolete: Era o mais brabo, André, André era matemática!

Maria José: André era bonitinho né?

Maria José: Francês era Milton Cabral de melo! Já Latim era Dr. Arlindo!

Norma: Lucilo?

Maria José: Lucilo, ah eu me lembro do Dr. Lucilo! Silvio Farejão né?

Iolete: Não!

Maria José: Um que é bem magro!

Iolete: Era, era!

Maria José: Era Dr. Lucilo que era meu professor?

Iolete: Tinha desenho tinha, Mario Perdiz

Maria José: Como eu não estudei tudinho aqui eu me atrapalho às vezes!

Iolete: Era! Tinha Química, tinha professor Salomão salowask, tinha é que eu fui depois que eu terminei em setenta!

Maria José: Ah, eu terminei em cinquenta e quatro, eu sou a mais antiga mesmo, mas sou eu mesmo da época!

Norma: O que era isso aqui eu nem me lembro mais!

Maria José: Lembro não! Aqui já é o final é? Então...

Norma: Não, não era a cantina ou era no outro prédio.

Maria José: A cantina e o negócio de trabalho era fora!

Maria do Carmo: Era!

Rosenilda: Essa sala aqui?

Luiza: Aí não era a cantina!

Norma: A cantina!

Maria José: Aí era a cantina e as aulas de trabalhos manuais!

Maria do Carmo: Trabalhos manuais!

Maria José: Era, trabalhos manuais!

Norma: Mudou tá tudo diferente!

Maria José: É, não era assim não!

Norma: A trás era o pátio!

Luiza: Agora ali era pra gente brincar no pátio!

Norma: Ali era!

Luiza: Não tinha essas grades!

Norma: Era fechado nerá?

Luiza: Era muro!

Norma: Era muro, nerá era murado!

Maria José: Era, os meninos subiam pra ver a gente fazendo ginástica!

Norma: E aqui quando a gente subia era uma escada eu me lembro bem!

Iolete: Igual aquela da frente!

Luiza: Era!

Iolete: Igual aquela da frente da sala de Dr. Dárcio!

Luiza: Era isso mesmo, era, era aquela escada a gente descia e subia assim, era!

Norma: Botaram as escadas pra laterais!

Iolete: Era, não tinha!

Norma: E pra cantina! Quem eram os homens da cantina quem era responsável?

Iolete: Era uma senhora!

Norma: Era a família Belo de Rui Belo!

Luiza: Ah, aquela menina de Renato Belo!

Norma: De, de Marta Belo!

Luiza: Aquela menina Arlete!

Iolete: Arlete!

Maria José: Rui Belo ensinava aqui?

Luiza: Rui Belo? Era meu professor de Francês!

Iolete: Ensinava, ensinava!

Norma: Foi meu professor de Educação!

Luiza: Não foi meu professor de Francês!

Norma: Foi meu professor de Educação!

Maria José: Foi meu professor de Educação lá na Pinto Jr!

Norma: Foi meu também!

Luiza: O meu ele foi de Francês! O nariz vermelho nerá?!

Maria José: Brabo, muito brabo!

Rosenilda: E outra coisa que eu estranhei foi quando a gente estudava aqui e fazia educação física eu tenho a impressão que essa área aqui era bem maior, mas não era!

Luiza: Era porque era muro, era um muro bem alto!

Rosenilda: Era quase junto da avenida do outro lado tinha um posto de gasolina! !

Iolete: Era um muro bem alto!

Luiza: Aquele posto de gasolina era do marido da minha prima!

Maria José: Era!

Rosenilda: o posto de gasolina era ali do lado, do lado de João Barbalho!

Luiza: Era!

Rosenilda: Posto Rex!

Luiza: Rex!

Rosenilda: Era posto Rex!

Luiza: Pronto era do marido da minha prima!

Norma: Era?

Luiza: Aquele posto de gasolina!

Iolete: Era tudo muro ali!

Luiza: Era tudo murado!

Iolete: Vamos falar da aula de educação física, vamos tirar do baú?

Entrevistadora: Vamos lá?

Entrevistadora: Vamos lá para o pátio?

Entrevistadora: Vamos lá no pátio recordar a aula de Educação Física?

Iolete: Vamos!

Maria do Carmo: Só não vai querer que eu faça educação Física!

Entrevistadora: Boa ideia!

Luiza: Eu sou a guia!

Entrevistadora: A guia!

Luiza: Ah, Carminha!

Maria do Carmo: Não tem nem quem não goste de Ginástica não é Luizinha eu adorava!

Luiza: Tá magrinha!

Entrevistadora: Vamos fica ali na sombra e conversar sobre as aulas de Educação Física!

Norma: Educação Física!

Rosenilda: Adorava Educação Física!

Maria José: E eu também tem gente que enrola traz atestado médico pra não fazer né?! A, pois eu ainda gosto fico lembrando da minha juventude que eu fazia!

Norma: Eu quero falar das aulas de educação física! Pra iniciar as aulas de educação física! Todas trocavam a roupa lá do outro lado!

Maria José: Aqui trocava de roupa que a gente vinha com a roupa na minha época!

Norma: Era do lado de cá a gente se vestia e ficava ali!

Luiza: Justamente era ali mesmo!

Maria José: Tinha rede de vôlei, tinha de basquete!

Iolete: Tinha tudo!

Maria José: Neste lugar a gente brincava de tudo!

Luiza: Era isso mesmo! A gente formava e trocava nerá? Tinha aquela brincadeira com a bola.

Norma: Era tudo muito perminicioso! Carminha na época escolhia uma das alunas colocava como guia lá na frente!

Maria do Carmo: Era!

Luiza: Era!

Norma: Nós tínhamos que fazer o exercício igualmente como à menina lá na frente!

Maria do Carmo: Da frente! Conseguia um bocado de tempo!

Iolete: Tu te lembra que era guia que chamava! A menina que era maguinha e ficava na frente!

Norma: Era, ela gritava olha a postura, olha as pernas, se ajeita! Hoje não a educação física ela voltou de um jeito e se faz de outro, se faz de outro!

Maria José: Ninguém quer fazer né!

Norma: Ninguém quer fazer né!

Maria José: Levam tudo que atestado médico!

Norma: Os meninos tudo desnutrido né!

Maria José: Não é!

Norma: Mal alimentado que não querem saber de nada!

Luiza: Naquela época eu já não gostava de educação física, eu nem fazia, eu só fazia que estavam fazendo os exercícios!

Rosenilda: Eu adorava!

Maria José: Eu não eu sempre fui sapeca por isso hoje em dia tenho dois filhos que são alunos, professores de educação física.

Rosenilda: Eu adoro, adorava!

Luiza Eu como não gosto de ginástica, de exercício...

Maria José: Sou apaixonada por voleibol!

Luiza: E é!

Rosenilda: Eu adorava!

Luiza: Eu não gosto de nada!

Maria José: Eu também sempre gostei!

Rosenilda: Hoje não pratico, mas adorava, adorava! Eu também tenho um filho que professor de educação física, mas o mais velho nunca gostou!

Luiza: Nada, nada, nada!

Maria José: Norma, Norma eu não fiz educação física porque eu não sabia nadar tinha que pegar aquela pedrinha na piscina! Ah, vou nada, aí eu não fiz!

Luiza: Tinha medo de morrer afogada!

Maria José: Eu ainda tenho medo, eu ainda fico só me amostrando ali, mas não sei nadar não!

Norma: Minha área era letras, ler escrever depois eu descobrir que não era isso apesar de gostar! Mas me casei, fui morar em São Paulo, abandonei os estudos quando eu voltei o IEP já era lá do outro lado!

Iolete: No Treze de Maio!

Norma: Quando eu tinha primeiro ano me matriculei lá no segundo ano magistério, aí lá eu terminei magistério e fiz quatro ano geografia, logo que eu terminei eu trabalhava no Pedro Augusto com uma das secretárias, o diretor olhou pra mim e disse: Você terminou magistério você vai parar? Como eu vou fazer magistério, vestibular que eu terminei faz é tempo! Aí ele disse: Menina deixa de tua bobagem vá fazer vestibular! Aí eu fui, aí tinha primeira opção e segunda opção, aí eu botei primeira opção...

Entrevistadora: O quer que vocês faziam mais nas aulas de educação física?

Luiza: Além do vôlei, basquete tinha corrida!

Maria do Carmo: Corrida é!

Rosenilda: Corrida, andar!

Maria José: Em cima do tronco pra aprender equilíbrio!

Rosenilda: Ah, é!

Luiza: Era pra equilíbrio!

Maria José: Muitos jogos!

Norma: Oh, ficava ali daquele lado!

Rosenilda: Era o tronco que ficava ali

Norma: Aquele tronco de coqueiro!

Rosenilda: Era!

Luiza: A gente saia se equilibrando!

Maria José: É verdade!

Norma: Tinha aqueles jogos assim nerá? Duas fileiras uma azul e vermelha!

Rosenilda: Era!

Norma: São muita coisa!

Entrevistadora: Como era o nome da professora de vocês?

Maria José: A minha era Dona Dália!

Maria do Carmo: A minha era Pamela!

Norma: A minha era Dona Carminha!

Rosenilda: A minha era Dona Carminha!

Iolete: A minha era Dona Dália!

Luiza: A minha era Fátima!

Norma: Carmem Monteiro!

Entrevistadora: Vamos subir?

Iolete: Vamos por Dr. Dárcio, pra matar as saudades?!

Entrevistadora: É vamos matar a saudade de Dr. Dárcio Rabello!

Norma: Falecido, falecido!

Luiza: Quer dizer que ele faleceu foi?

Maria do Carmo: Ele é vivo?

Luiza: Quer dizer que ele morreu!

Maria do Carmo: Não faleceu, ele morreu!

Norma: Que Deus o tenha!

Rosenilda: Bote ele no bom lugar!

Iolete: Há maioria das pessoas não gostam de Dr. Dárcio, mas eu já gosto!

Rosenilda: Ele era assim, mas ele excelente professor essa que é a verdade! Ele era fechadão mesmo!

Iolete: Era durão!

Norma: A sala de Dr. Dárcio!

Entrevistadora: Posso abrir?

Norma: Pode!

Entrevistadora: Aqui que sala era essa?

Iolete: A famosa! Aqui era a Diretoria!

Luiza: Diretoria, sala de Dr. Dárcio Rabello!

Iolete: Sala de Dr. Dárcio Rabello, gente muito boa, ótimo professor!

Maria José: Mas era exigente né?

Iolete: Claro, carrancudo!

Maria José: Era!

Iolete: Pois ele não tava brincando né!

Norma: Eu gostava de Dr. Bastos!

Entrevistadora: Gente borá subindo aqui as escadas?

Iolete: Vamos matar as saudades das escadas!

Norma: Vamos!

Iolete: Vamos pras escadas!

Norma: Vamos pras escadas!

Iolete: Matar as saudades das escadas!

Entrevistadora: Vamos conversando o que vocês faziam aqui nas escadas?

Norma: Ah!

Maria José: Oi?

Luiza: O quer que a gente fazia aqui nas escadas?

Norma: Oh, menina muita bagunça!

Norma: Vinha brincando!

Maria do Carmo: A gente vinha direitinho, nerá?

Norma: Era por causa de Dona Benvida!

Luiza: A gente vinha brincar, mas Dona Benvida...

Maria do Carmo: Era!

Maria José: Sim, as escadas não era de madeira!

Iolete: Era de madeira!

Norma: Era de madeira fazia muito barulho!

Maria do Carmo: Aí eu ficava ali debaixo das escadas!

Norma: Na minha cabeça aqui era aula de, era aula de música!

Iolete: Aula de música

Norma: Era mesmo aula de música!

Iolete: Aqui era o auditório nerá?

Norma: Era!

Iolete: Mas fecharam, botaram uma parede agora né?

Luiza: Era, era Vicente Fittipaldi que dava aula!

Iolete: Era no palco!

Luiza: Era, era aquela, aquela madeira...

Maria José: Você esqueceu Luizinha!

Rosenilda: Era!

Iolete: Tinha vários cantinhos ali era!

Norma: E aqui mesmo era as aulas de oh, as provas orais era aqui!

Iolete: Era!

Luiza: Era isso mesmo!

Visitante: Vocês são de que década?

Iolete: Entre cinquenta e sessenta.

Maria José: Quarenta e sete!

Visitante: É tudo amiga é?

Norma: É, fora de sala diferente!

Maria do Carmo: Nós éramos vizinhas!

Visitante: O mais incrível é o seguinte é conseguir reunir esse tempo todinho, reunir essas seis assim é muito, reunir depois de tanto tantos anos, cinquenta anos depois reunir é difícil minha gente!

Luiza: Até o vereador agora se admirou, Romildo Gomes, que tirou retrato junto com a gente, ele falou que paquerava muito!

Iolete: Paquerava muito!

Visitante: Eu tô de boca aberta aqui, é raro um negócio desse!

Norma: A ideia partiu da minha filha que está fazendo mestrado em Educação Física e fui ex-aluna e através de comentários da minha vida aqui, aí ela escolheu o tema, então ela começou a reunir as minhas amigas, cada uma veio sozinha e agora com todas!

Visitante: Mas as senhoras sempre se encontram assim?

Todas: Não, não!

Norma: Não nos reunimos agora!

Iolete: Hoje!

Visitante: Uma se comunicou com a outra?

Maria José: Eu fui avisada!

Luiza: Ela me convidou, nos viemos juntas!

Visitante: Uma saiu convidando a outra!?

Maria José: Ela me convidou!

Luiza: Eu chamei essa daqui, e fiquei essa aqui e fiquei essa aqui!

Iolete: Nós somos vizinhas!

Luiza: E ela é vizinha!

Entrevistadora: E ela é vizinha dela!

Norma: É um momento histórico e único na vida!

Luiza: Olhe aqui, mas de cinquenta anos que a gente não se via, veio completar agora!

Iolete: Ah, é!

Visitante: E é uma câmera aqui a câmera dos vereadores nunca mais imaginei que isso aqui fosse um colégio!

Norma: Ah, então é normal!

Luiza: Ele é tá mais velho que a gente tem tudo sete, sete anos!

Visitante: Vocês eram tudo garotinha na época, tempo bom não é?!

Norma: Meninas de ouro!

Luiza: Menina é ótimo!

Visitante: Foi um prazer viu!

Norma: Igualmente!

Visitante: Ver a senhora...

Norma: Senhora não, jovem!

Maria José: Garotas!

Entrevistadora: Vamos agora cantar parabéns, só parabéns!

Todas: Cantando parabéns pra você!

Maria de Carmo: Ana Paula, no dia 30 de agosto eu farei setenta anos!

Entrevistadora: Viva as normalistas!

Todas: Viva!

ANEXO T – Decreto-Lei nº 1.448, de 3 de setembro de 1946

3722 Quarta-feira 4

DIÁRIO OFICIAL

Setembro de 1946

litro de leite pasteurizado e de Cr\$ 2,80 (dois cruzeiros e oitenta centavos) para o leite não pasteurizado.

ART. 8.º — Aos infratores do presente decreto e dos dispositivos regulamentares pelo mesmo revigorados serão impostas multas de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) a Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), dobradas e irrecorríveis nas reincidências.

PARAG. 1.º — Nos casos de fraude, alteração, falsificação ou deterioração nos termos do Regulamento Sanitário, comprovados por exame de laboratório, será cassada ao responsável a licença, ou registro, para o comércio, manipulação, produção ou qualquer atividade referente ao leite e seus derivados, sem prejuízo das demais penalidades que no caso couberem.

PARAG. 2.º — A repressão aos infratores obstinados ou sem responsabilidade comercial poderá ser feita, policialmente, devendo o produto apreendido, se em bom estado, ser distribuído nos hospitais indicados pela Diretoria de Assistência Hospitalar.

ART. 9.º — O presente decreto entrará em vigor, na data de sua publicação.

(a) Gen. Dermeval Peixoto.
João de Deus de Oliveira Dias.
Eleyson Cardoso.
Humberto de Sousa Melo.

(Reproduzido por ter saído com incorreção).

DECRETO-LEI N. 1.447, de 3 de Setembro de 1946.

O Interventor Federal no Estado, na conformidade do disposto no art. 6.º, n.º V, do Decreto-Lei Federal n.º 1.202, de 8 de abril de 1939.

DECRETA:

ARTIGO ÚNICO — Fica elevado de mil e duzentos cruzeiros (Cr\$ 1.200,00) para mil e oitocentos cruzeiros (Cr\$ 1.080,00) o vencimento base dos Oficiais do Registro Civil das 7.ª e 8.ª Zonas Judiciais (Encruzilhada e Afogados), desta

Capital, constante da Tabela anexa ao Decreto-Lei n.º 1.362, de 7 de maio do corrente ano, revogadas as disposições em contrário.

(a) Gen. Dermeval Peixoto.
Edmundo Daniels de Araújo
Alfredo Duarte Filho.

DECRETO-LEI N. 1.448, de 3 de Setembro de 1946.

O Interventor Federal no Estado, usando das atribuições que lhe confere o art. 6.º, n.º V, do Decreto-Lei Federal n.º 1.202, de 8 de abril de 1939.

DECRETA:

Art. 1.º — A Escola Normal Oficial de Pernambuco, passará a denominar-se "INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO", tendo por objetivo:

- a) prover à formação do pessoal docente necessário às escolas primárias;
- b) desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativos à educação da infância;
- c) habilitar administradores escolares destinados às citadas escolas;
- d) ministrar o ensino secundário nos dois ciclos nos moldes da legislação federal.

Art. 2.º — O INSTITUTO DE EDUCAÇÃO abrange assim os seguintes cursos:

1) CURSO NORMAL NO 2.º CICLO, compreendendo o curso ginásial, em quatro (4) anos, de acordo com a legislação federal, e o curso de formação de professores primários, em três (3) anos;

2) CURSO COLEGIAL (clássico e científico), nos três (3) anos do 2.º ciclo de estudos secundários;

3) CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DO ENSINO NORMAL, compreendendo os seguintes ramos:

- a) Educação pré-primária;
- b) didática especial do curso complementar primário;
- c) didática especial do ensino supletivo;
- d) educação dos anormais;
- e) didática especial de desenho e artes aplicadas;
- f) didática especial de música e canto.

4) CURSO DE ADMINISTRADORES ESCOLARES de grau primário, tendo como objetivo:

- a) habilitação aos cargos de diretores de escolas;
- b) habilitação aos cargos de inspetores escolares;
- c) habilitação aos cargos de orientadores de ensino;
- d) habilitação para auxiliares estatísticos;
- e) habilitação para encarregados de provas e medidas.

Art. 3.º — O curso para formação de professores primários compreenderá as seguintes disciplinas, nas três (3) séries respectivas:

- 1.ª SÉRIE:
1) — Português;
2) — Matemática;
3) — Física e química;
4) — Anatomia e fisiologia humanas;
5) — Música e canto;
6) — Desenho e artes aplicadas;
7) — Educação física, recreação e jogos.

- 2.ª SÉRIE:
1) — Português (estilística e literatura luso-brasileira);
2) — Biologia educacional;
3) — Psicologia educacional;
4) — Filosofia da educação;
5) — Higiene e educação sanitária;
6) — Metodologia do ensino primário;
7) — Desenho e artes aplicadas;
8) — Música e canto;
9) — Educação física, recreação e jogos.

- 3.ª SÉRIE:
1) — Psicologia educacional;
2) — Sociologia educacional;
3) — História da educação;
4) — Higiene e Puericultura;
5) — Metodologia do ensino primário;
6) — Desenho e artes aplicadas;
7) — Música e canto;
8) — Prática do ensino;
9) — Educação física, recreação e jogos.

§ Único — A prática do ensino do Curso de Professores será ministrada na Escola de Aplicação, anexa ao Instituto de Educação.

Art. 4.º — O Curso de Especialização do ensino normal abrange as seguintes disciplinas, numa série única para cada secção.

- a) — EDUCAÇÃO PRE-PRIMÁRIA:
1) — Higiene e Puericultura;
2) — Psicologia da infância;
3) — Metodologia da educação pre-primária;
4) — Recreação e jogos;
5) — Prática do ensino.

b) — DIDÁTICA DO CURSO COMPLEMENTAR PRIMÁRIO:

- 1) — Sociologia;
- 2) — Geografia económica regional;
- 3) — Metodologia do ensino complementar;
- 4) — Desenho e trabalhos manuais;
- 5) — Prática do ensino.

c) — DIDÁTICA ESPECIAL DO CURSO SUPLETIVO:

- 1) — Geografia económica regional;
- 2) — Direito usual e legislação;
- 3) — Metodologia do ensino supletivo;
- 4) — Prática do ensino.

d) — EDUCAÇÃO DOS ANORMAIS:

- 1) — Psicologia especial dos anormais;
- 2) — Ortofrenia;
- 3) — Metodologia especial;
- 4) — Prática do ensino.

e) — DIDÁTICA ESPECIAL DE DESENHO E ARTES APlicaDAS:

- 1) — Desenho geométrico e a mão livre;
- 2) — Modelagem;
- 3) — Artes aplicadas e trabalhos manuais;
- 4) — Metodologia do desenho e artes aplicadas;
- 5) — Prática do ensino.

- f) — DIDÁTICA ESPECIAL DE MÚSICA E CANTO:
- 1) — Música teórica;
 - 2) — História da música e apreciação musical;
 - 3) — Canto coral;
 - 4) — Metodologia da música e do canto;
 - 5) — Prática do ensino.

§ Único — A prática do ensino das secções de educação pre-primária, didática do curso complementar primário, didática especial de Desenho e artes aplicadas e didática especial de Música e canto será ministrada na Escola Experimental, que ficará anexada ao Instituto de Educação, e a das secções de didática especial do curso supletivo e de educação dos anormais a serem instaladas para este fim.

Art. 5.º — O curso de administradores escolares será feito em dois (2) anos, para cada secção.

§ 1.º — A 1.ª série do curso de que trata o presente artigo

ANEXO U – Primeiro capítulo do Regulamento do Ensino Normal

Regulamento do Ensino Normal do Estado de Pernambuco

TÍTULO I

Das bases da organização do ensino normal

CAPÍTULO I

Das finalidades do ensino normal

ART. 1.º — O ensino normal no Estado de Pernambuco tem as seguintes finalidades:

- 1 — prover à formação e aperfeiçoamento do pessoal docente necessário ao funcionamento das escolas primárias;
- 2 — habilitar administradores escolares destinados às referidas escolas;
- 3 — ministrar o ensino de especialização do magistério primário;
- 4 — desenvolver e difundir os conhecimentos e técnicas relativos à educação da infância.

CAPÍTULO II

Do ensino oficial e do ensino livre

ART. 2.º — O ensino normal será ministrado pelos poderes públicos, e é livre à iniciativa particular, desde que obedeça às prescrições constantes das leis e regulamentos vigentes.

ART. 3.º — As pessoas naturais e as pessoas jurídicas de direito privado, que mantenham estabelecimentos de ensino normal, são consideradas como no desempenho de função de caráter público.

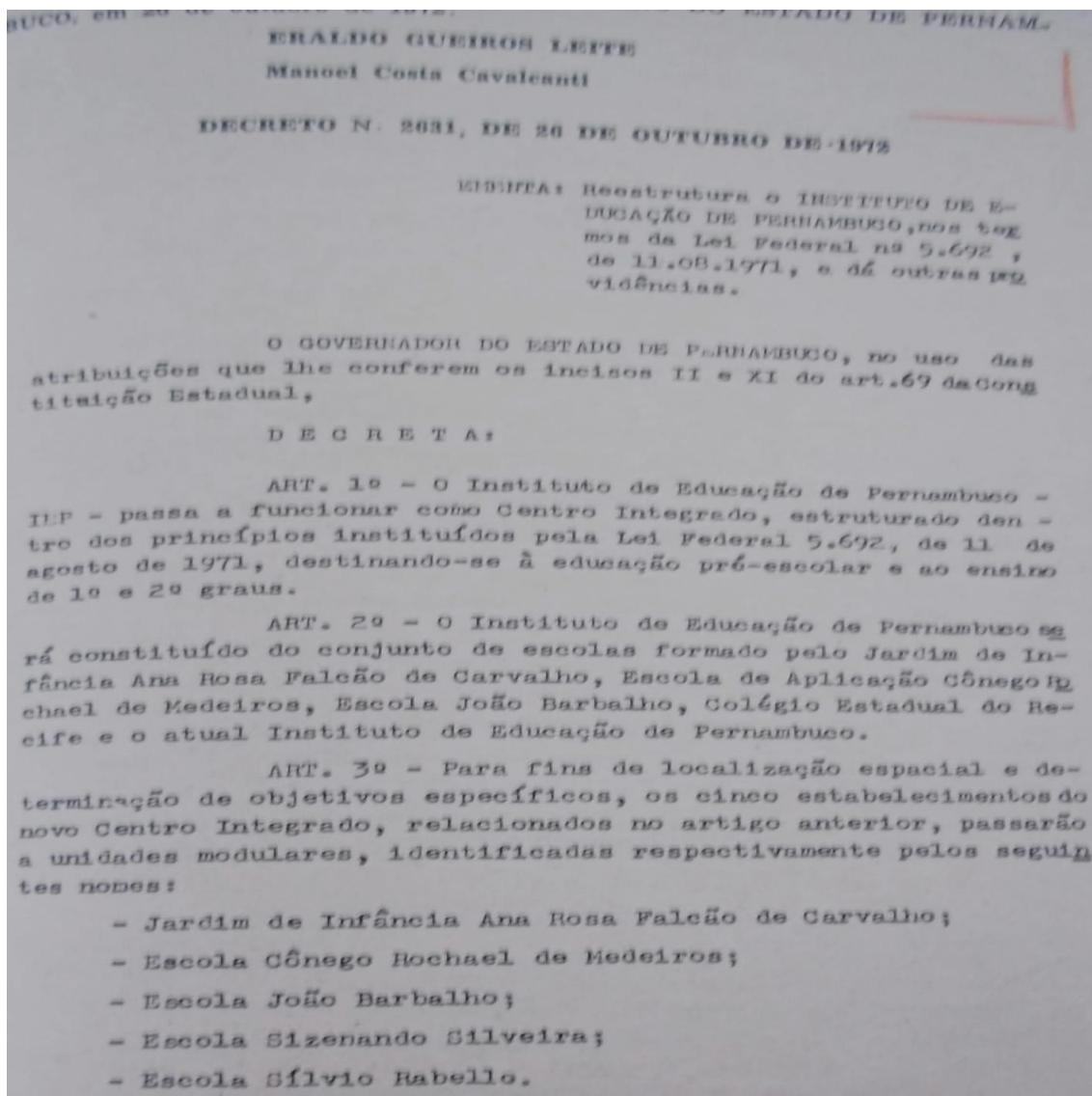
CAPÍTULO III

Dos estabelecimentos de ensino normal

ART. 4.º — O ensino normal no Estado de Pernambuco será ministrado:

- a) no Instituto de Educação;

ANEXO V – Decreto nº 2.631, de 26 de outubro de 1972



ANEXO W – Regulamento do Ensino Normal

— 18 —

cada curso regional ou normal, compreenderão a orientação metodológica de cada uma dessas disciplinas, no grau primário.

ART. 37º — O ensino de religião poderá ser incluído como disciplina dos cursos de ensino normal, não devendo constituir, porém, objeto de obrigação de professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos.

ART. 38º — Os programas deverão ser executados na integral, de conformidade com as diretrizes respectivas.

ART. 39º — Os programas de ensino das diversas disciplinas, constantes do curso de formação de professores primários do Instituto de Educação, serão elaborados pelos respectivos professores e depois de apreciados pelo órgão competente, na forma estabelecida pelo regimento interno daquele Instituto, submetidos à aprovação da Secretaria de Educação e Cultura, que poderá introduzir nos mesmos as modificações julgadas necessárias, ou ainda rejeitá-los, no caso de não atenderem às conveniências do ensino.

§ 1º — Os programas postos em vigor serão trienalmente revistos pelos respectivos professores, que, entretanto, sómente poderão alterá-los ou substituí-los, mediante estrita observância dos dispositivos fixados neste artigo.

§ 2º — Os programas vigentes no curso de formação de professores do Instituto de Educação, deverão ser rigorosamente observados nos demais estabelecimentos que mantêm curso de segundo ciclo de ensino normal.

ART. 40º — Serão oportunamente expedidos pela Secretaria de Educação e Cultura os programas de ensino das diversas disciplinas dos cursos normais regionais.

CAPÍTULO IV

Dos alunos e da admissão aos cursos

ART. 41º — Os alunos dos estabelecimentos de ensino normal serão sempre de matrícula regular, não se permitindo a aceitação de alunos ouvintes.

ART. 42º — Para admissão à primeira série do curso de qualquer dos ciclos de ensino normal, serão exigidas do candidato as seguintes condições:

- a) nacionalidade brasileira;
- b) sanidade física e mental;
- c) ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contra-indique o exercício da função docente;
- d) bom comportamento social;
- e) habilitação nos exames de admissão.

ART. 43º — Para inscrição nos exames de admissão ao curso de primeiro ciclo, será exigida do candidato prova de conclusão dos estudos primários e idade mínima de treze (13)

ANEXO X—Portaria em comemoração ao dia dos professores

EDUCAÇÃO E CULTURA

PORTARIAS

O sr. Secretário de Educação e Cultura baixou as seguintes portarias:

Em 10/10/50.

PORTARIA N. 1439 — Tendo em vista a sugestão da Divisão de Extensão Cultural e Artística resolve determinar que em todos os estabelecimentos de ensino primário, secundário, normal e profissional do Estado sejam realizadas, no

Dia do Professor, 15 do corrente, sessões comemorativas, que terão o objetivo de dar aos educandos a oportunidade de homenagear aqueles que laboram no Magistério.

PORTARIA N. 1440 — Resolve designar a professora NEUSA DOS SANTOS TAVARES para a reunião interina da cadeira n. 336, 4.ª entrância — padrão "D", lo-

ANEXO Y – Convite em comemoração ao dia dos professores

**DIVISÃO DO ENSINO PRIMÁRIO
NORMAL**

Dia do Professôr

Solenizando o Dia do Professôr a Cruzada de Educadores Católicas fará celebrar uma missa, em ação de graças, na capela do Colégio Coração Eucarístico, ás 7 horas do Domingo, 15 do corrente e para assistir àquela cerimônia convida o professorado em geral.

ANEXO Z- Aviso de convocação

Recife, 3 de Outubro de 1951.

Diretoria de Educação Física

AVISO N.º 25-51

A Assistente Técnica avisa às professoras de Educação Física, que deverão mandar para a sede da DIRETORIA, até o próximo dia 6, a relação dos alunos que irão tomar parte no torneio de "Bola ao ar", em duplas dos bronzes, "Professor José Vicente Barbosa", e "Escola de Educação Física", e convida as professoras acima referidas para uma reunião no próximo dia 9, às 14 horas.

Recife, 4 de Outubro de 1951.

Associação Pernambucana de Educação Física

1a. Convocação
 A Associação Pernambucana de Educação Física convoca em assembleia geral, seus associados, para uma reunião no dia 9 do corrente, às 15 horas, na DIRETORIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, afim de tratar de assunto de interesse

ANEXO AA – Regulamento do Ensino Normal, referente às aulas de Educação Física

— 23 —

- a) Material didático;
- b) Desenho e Artes Industriais;
- c) Modelagem;
- d) Trabalhos de madeira, palha, papel, fazenda, etc.

CAPITULO XI

Do cinema e do rádio

ART. 191º — Sera instituído na Escola Normal o aprendizado por meio do cinema e do rádio.

ART. 192º — As lições de Geografia, História, Ciências Naturais, Higiene, etc. deverão ser auxiliadas por projeções de filmes instrutivos.

ART. 193º — Palestras educativas serão feitas por meio do rádio, em dias fixados pelo Departamento de Educação.

CAPITULO XII

Da Educação Física

ART. 194º — A Escola Normal manterá aulas de Educação Física cuja frequência será obrigatória e se possível diária para todas as classes.

PARAG. ÚNICO — Cada aluna poderá ter abonadas até quatro (4) faltas mensais dos exercícios de Educação Física, se forem as mesmas consecutivas.

ART. 195º — A Educação Física será ministrada de acordo com os índices individuais, rigorosamente estabelecidos pelo exame médico e antropométrico.

PARAG. ÚNICO — Organizadas as fichas individuais, serão as alunas classificadas por turmas homogêneas.

ART. 196º — As turmas terão exercícios adequados, sob a vigilância do Chefe do Serviço que evitara desvirtuamento da Educação Física nas seguintes bases:

a) Organizando o horário especial dos jogos e exercícios;

b) Determinando os exercícios de acordo com a idade anatomo-fisiológica das alunas;

c) Designando os exercícios mais apropriados à fisiologia especial do sexo feminino;

d) Estabelecendo os exercícios adequados às alunas deveis cu de organização viciosa.

ART. 197º — A Educação Física terá como objetivo:

a) Concorrer para o desenvolvimento físico das alunas por meio de uma educação sistemática e gradativa;

b) Estimular o sentido de saúde, criando nas alunas hábitos higienicos e atitudes corretas;

c) Desenvolver o sistema neuro-muscular, sem prejuízo da saúde e do equilíbrio das proporções;

d) Favorecer o aperfeiçoamento de hábitos de disciplinas social e de qualidades morais, como o espírito de iniciativa e de solidariedade, o domínio e a segurança de si mesmo;

e) Contribuir para o desenvolvimento mental pela melhoria das condições de saúde, pela educação dos sentidos, da atividade motriz, da atenção, etc.

ART. 198º — A Educação Física constará dos seguintes exercícios:

a) Ginástica higienica e respiratória;

b) Ginástica corretiva de deformação e assimetria;

c) Exercícios naturais;

d) Jogos;

e) Esportes individuais e coletivos.

ART. 199º — Afim de tornar efetivo o rendimento da Educação Física, será mantido um parque de exercícios e jogos ao ar livre na Escola Normal.

ANEXO AB – Regulamento do Ensino Normal, referente às aulas de Educação Física

— 10 —

SEGUNDA SÉRIE

1) Português	3 aulas
2) Francês	3 "
3) Matemática	3 "
4) Geografia do Brasil	2 "
5) Ciências naturais	2 "
6) Desenho e Caligrafia	2 "
7) Trabalhos manuais e Economia doméstica	2 "
8) Música e Canto orfeônico	2 "
9) Educação física	2 "
TOTAL	21 aulas

TERCEIRA SÉRIE

1) Português	3 aulas
2) Francês	3 "
3) Matemática	3 "
4) História geral	2 "
5) Anatomia e Fisiologia humanas	2 "
6) Noções de Agricultura	2 "
7) Desenho	2 "
8) Trabalhos manuais e atividades econômicas da região	2 "
9) Canto orfeônico	1 aula
10) Educação física, recreação e jogos	2 aulas
TOTAL	22 aulas

QUARTA SÉRIE

1) Português	3 aulas
2) Inglês	3 "
3) História do Brasil	2 "
4) Higiene e Puericultura	3 "
5) Psicologia educacional	3 "
6) Metodologia geral	2 "
7) Noções de avicultura, apicultura e sericultura	2 "
8) Desenho	1 aula
9) Trabalhos manuais	1 "
10) Canto orfeônico	1 "
11) Educação física, recreação e jogos	2 aulas
TOTAL	23 aulas

ANEXO AC – Convite de formatura

INSTITUTO
DE
EDUCAÇÃO
DE
PERNAMBUCO



PROFESSÔRAS DE 1960

O Diretor do Instituto de Educação de Pernambuco e as professorandas de 1960 têm a honra de convidar V. Excia. e Exma. família para assistirem às solenidades de formatura.

PROGRAMA

Dia 2 de dezembro,
às 8 horas,
Missa em ação de graças na Igreja de N. S. de Fátima (Nóbrega), sendo celebrante S. Excia. Revma. D. Carlos Gouveia Coelho, arcebispo metropolitano de Olinda e Recife.

Dia 3 de dezembro,
às 20 horas,
Cerimônia solene de colação de grau no Teatro Sta. Izabel.

Dia 4 de dezembro,
às 10.40 horas,
Culto em ação de graças na Igreja Presbiteriana da Boa Vista, sendo oficialente o Rev. Josibias Fialho Marinho.

às 22,30 horas,
Baile oferecido a sociedade pernambucana nos salões do Clube Internacional do Recife.

ANEXO AD – Convite de formatura (Continuação)H O M E N A G E A D O S

Paraninfo: Prof. Dr. Moacir de Albuquerque
 Diretor e homenageado de honra: Prof. Ruy de Ayres Bello
 Patrono: Prof. Dr. Sizenando Silveira
 Homenagem especial: Profa. Amerina Diniz
 Homenagem póstuma: Prof. Armando Meira Lins

H O M E N A G E N S :

Prof. André Gustavo Carneiro Leão
 Prof. Durval Lucena
 Prof. Dacio de Lyra Rabelo
 Prof. Fernando de Oliveira Mota
 Prof. Ivan Alecrim
 Prof. José C. Sá Barreto
 Profa. Maria Luiza Fontainha de Abreu
 Profa. Maria Luiza Maranhão Guimarães
 Prof. Mário Persivo Cunha
 Prof. Moacir Carneiro Leão
 Prof. Nelson Saldanha
 Prof. Reinaldo de Oliveira
 Prof. Silvio Rabelo
 Prof. Sizenando Carneiro Leão
 Prof. Tadeu Rocha
 Maestro Vicente Fittipaldi
 Prof. Waldemar Valente

C O M I S S Ã O

Agélia Lopes Pinheiro Ramos
 Amara Mariza Barreto de Moraes
 Aurinete Constantino da Silva
 Fely Campelo Correia
 Ivanilda Pereira Lira
 Maria Celeste Cândida da Silva
 Maria Ribeiro de Oliveira
 Mary Lucy dos Santos Melo

Diplomanda

Enderêço

ANEXO AE – Convite de formatura (Continuação)

CONCLUINTE S

Agélia Lopes Pinheiro Ramos
 Alípia Lenilda da Silva Barbosa
 Amara Mariza Breto de Moraes
 Ana Maria Siqueira Cavalcanti
 Anita Maria Pereira Borba
 Aurinete Constantino da Silva
 Auzany de França
 Carloni Gomes da Silva
 Claudelisa Cordeiro
 Danizete Maria Serpa Pereira
 Darcy Guedes Coelho
 Dircione Paes Barreto
 Divanize Machado Godoy
 Domitila Helena dos Santos
 Elismar Araújo Coelho
 Elizabete Auxiliadora Melo de Souza
 Elizabeth Mesquita Torres da Silva
 Eurides Rodrigues Dias de Oliveira
 Eva Maria Godoy Vilela
 Familda Xavier Rosas
 Fely Campelo Correia
 Flávia Graciete Costa
 Gilba Maciel Pessoa
 Gilca Maria Lima Luz
 Gilda Barreto Vinhas
 Glauce Pires de Sales
 Hélia Teixeira da Silva
 Helena Maria do Rêgo Barros Almeida
 Ilka Buarque Silva
 Inaura Alves de Alcântara
 Iolanda de Lima Carvalho
Iolete de Oliveira Barros
 Isis de Oliveira
 Ivanilda Pereira Lira
 Ivanise Barbosa e Silva
 Ivonilda Maria Regis de Araújo
 Izete Holanda de Almeida
 Jacy Silva Maia
 Josefa Maria de Queiroz
 Josenita Pereira dos Santos
 Judith Mari de Andrade Miranda
 Lais Vilma Camargo Monteiro
 Laise de Castro Lyra
 Leda Maria Veras Lima
 Leda Maria Garcia da Silva
 Letícia Leal Fonseca
 Lenyra Alves de Matos
 Liana Maria Lafayette Aurellano da Silva (oradora)
 Lígia Maria Gonçalves
 Lionete dos Santos
 Lucila Maria da Cunha Melo
 Lucy Guimarães de Souza
 Lucy Leite Martins
 Luiza Gonçalves Souto Maior
 Luiza de Oliveira Azevedo
 Luzinete Arruda Azêdo
 Luzinete Vicente de Oliveira Lima
 Maria Adalgisa Mendes de Aguiar
 Maria Amélia do Espírito Santo
 Maria Anunciada Vieira de Abreu
 Maria Aparecida de Andrade Lima
 Maria Bernadete Carvalho

Maria do Carmo Asfora
 Maria do Carmo Alves dos Santos
 Maria Cecilia da Costa Guerra
 Maria Celeste Cândida da Silva
 Maria Cleonice de Barros
 Maria da Conceição Castelo Branco da Boa V
 Maria da Conceição Lopes da Silva
 Maria Delília Alves da Silva
 Maria Eva Augusta
 Maria das Graças de Moraes Callado
 Maria Helena de Macedo França
 Maria Izabel Pereira
 Maria de Jesus Gusmão Vanderlei
 Maria José de Holanda Cavalcanti Alves
 Maria José de Melo Silva
 Maria José da Silva
 Maria Laise Pires Rezende
 Maria de Lourdes Holanda Lima
 Maria de Lourdes Leite Pereira
 Maria de Lourdes Melo Cunha
 Maria Lúcia Salvador Vasconcelos
 Maria Lúcia Travassos Sarinho
 Maria Luzinete de Souza Canto
 Maria Macrino Wanderley Leite
 Maria Pastora Alves dos Passos
 Maria Perpétuo Socorro dos Santos
 Maria de Pompéia Vasconcelos Moraes
 Maria Ribeiro de Oliveira
 Maria do Socorro Marques Machado
 Maria do Socorro Lima Galvão
 Maria do Socorro Muniz Costa
 Maria Tereza Matos de Miranda
 Mariza Barreto de Mattos
 Marluce Barbosa de Souza
 Marluce Maria da Paixão
 Marly Torres de Barros
 Mary Lucy dos Santos Melo
 Matilde Cabral de Arruda
 Mauricéia Bezerra de Lima
 Minerva Maria de Lemos Delgado
 Miriam Machado
 Moema de Figueiredo Cavalcanti
 Neide Cavalcanti Pedrosa
 Norma Torres Nogueira
 Odete Maria Borba Delgado
 Rita Maria de Andrade Barros
 Rosilda Maria Pompílio de Melo
 Semiramis Ratis de Azevedo e Silva
 Severina Gonçalves de Vasconcelos
 Sidney de Souza Mafra
 Silvia Kleiman
 Sóstenes Gomes de Araújo
 Tânia Maria de Menezes Valença
 Terezinha de Jesus Barros Correia
 Terezinha Vasconcelos de Souza
 Uiracem de Albuquerque
 Uyara da Silva Perrier
 Vilma Barros de Almeida e Silva
 Vilma da Costa Barros
 Yara Sandoval de Azevedo
 Zeneide Ferreira Lima
 Zuleida Maria do Rêgo
 Zuleide Vieira da Costa

ANEXO AF – Convite de formatura (Conclusão)**JURAMENTO**

“Prometo cumprir fielmente as leis da
 República e do Estado, bem como consa-
 grar-me à formação de cidadãos úteis à
 Pátria e à Humanidade”.

AGRADECIMENTO

Aos nossos pais, que esforços não pou-
 param para a conquista d'este louro, a nos-
 sa eterna gratidão.

PALAVRAS DO PARANINFO

Em todos os tempos, tem sido a In-
 strução um dos escopos fundamentais do
 Estado.

O combate ao analfabetismo toma,
 principalmente em nossos dias, o aspecto
 de uma cruzada. Nesta cruzada estais
 vós, alunas do Instituto de Educação, for-
 çosamente empenhadas em virtude da car-
 reira que escolhestes.

Espero que não mintais ao vosso des-
 tino, que é o de modelar almas e plasmar
 caracteres, dirigindo as crianças de vosso
 país para o Bem, a Religião e a Sociedade.

1/9/60

Moacir de Albuquerque

ANEXO AG – Festa de encerramento do ano letivo

ANEXO AH – Festa junina, no pátio do IEP, com a presença dos familiares



ANEXO AI – Festa junina, no pátio do IEP, com a presença dos familiares



ANEXO AJ – Missa no Colégio Nóbrega

ANEXO AK – Condecoração, percebendo-se que na manga da camisa havia a definição do ciclo que as Normalistas estudavam

